

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
MESTRADO EM SOCIOLOGIA**

**AGROINDÚSTRIA E PEQUENA PROPRIEDADE:  
O CASO DO MILHO HÍBRIDO NO VALE DO RIO PARDO**

**LUÍZ AUGUSTO COSTA A CAMPIS**

**CAMPINA GRANDE, PARAÍBA  
MARÇO DE 1994**

**LUIZ AUGUSTO COSTA A CAMPIS**

**AGROINDÚSTRIA E PEQUENA PROPRIEDADE:  
O CASO DO MILHO HÍBRIDO NO VALE DO RIO PARDO**

**Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Sociologia em cumprimento às  
exigências para obtenção do Grau de Mestre, sob  
orientação da Profª. Dra. Ghislaine Duqué.**

**Universidade Federal da Paraíba  
Departamento de Sociologia e Antropologia  
Campina Grande - 1994**



C197a Campis, Luiz Augusto Costa A.  
Agroindústria e pequena propriedade : o caso do milho híbrido no vale do rio Pardo / Luiz Augusto Costa A Campis.  
- Campina Grande, 1994.  
106 f.

Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, Centro de Humanidades, 1994.  
"Orientação : Profa. Dra. Ghislaine Duqué".  
Referências.

1. Sociologia Rural - Milho - Rio Grande do Sul. 2. Produção Familiar - Vale do Rio Pardo (RS). 3. Milho Híbrido. 4. Agroindústria. 5. Dissertação - Sociologia. I. Duqué, Ghislaine. II. Universidade Federal da Paraíba - Campina Grande (PB). III. Título

CDU 316.334.55:633.15(816.5)(043)

**AGROINDÚSTRIA E PEQUENA PROPRIEDADE:  
O CASO DO MILHO HÍBRIDO NO VALE DO RIO PARDO**

**LUÍZ AUGUSTO COSTA A CAMPIS**

Dissertação aprovada em \_\_\_\_\_

---

**Ghislaine Duqué  
Orientadora**

---

**Robério Ferreira dos Santos  
Componente da Banca**

---

**Ivandro da Costa Sales  
Componente da Banca**

**Campina Grande - Paraíba  
Março - 1994**

**A Simão e Marina, meus pais  
A Teo e Mariana, filhos  
A Helena, mulher  
dedico este trabalho.**

## AGRADECIMENTOS

- À Capes pela bolsa PICD concedida durante 18 meses.
  - À Universidade de Santa Cruz do Sul, pela oportunidade de cursar o mestrado na Universidade Federal da Paraíba.
  - Aos pequenos produtores de milho híbrido pela receptividade que tiveram comigo, Silvana e Assis.
  - Aos amigos Sosó (produtor de milho híbrido já falecido) e sua filha Eliane com quem aprendi o bê-a-bá sobre o assunto.
  - À Silvana e Assis que tornaram possível o levantamento junto aos produtores.
  - À Elena Bandeira, a Érica e a Fernanda pelo auxílio no desenvolvimento deste estudo.
  - À Lélia pela revisão do texto.
  - À Lígia e ao Norberto pelas importantes informações.
  - À Simone, ao Adalberto e Noêmia pela digitação.
  - Ao Luiz Fernando e a Sula pelo apoio constante, apesar das distâncias.
  - Aos colegas Paulo Pinheiro Machado, Virgínia Etges e Silvio Arend pela ajuda nas definições do trabalho.
  - Aos colegas de trabalho e de lutas: Wilson, Rogério, Carmen, João Pedro, Caco, Carla, Silvia e Eunice.
  - Aos amigos: Clarice, Silvio, Rose, Ricky, João, Suzi, Angela, Aimoré, pela partilha de muitos momentos.
  - À Socorro Pereira, à Marilda, à Vera e ao Joãozinho, pela disponibilidade em me auxiliarem em Campina Grande.
  - Aos senhores Marlan Logan e Gentil Didone pela presteza com que atenderam meus pedidos de informações.
  - Um agradecimento especial a quem com paciência e sabedoria, mesmo a distância, foi fundamental para que eu chegasse à conclusão deste trabalho.
- Minha gratidão à professora Dra. Ghislaine Duqué.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar uma situação concreta de subordinação da produção familiar ao capital. A situação concreta que analisamos é a existente entre os produtores de milho híbrido do Vale do Rio Pardo no estado do Rio Grande do Sul e a agroindústria que beneficia e comercializa o milho, a Pioneer Sementes.

Realizamos primeiramente uma pesquisa histórica sobre o surgimento e desenvolvimento da produção familiar na região. Em 1986 realizamos uma pesquisa de campo que abrangeu a totalidade dos 50 produtores existentes e entrevistamos os responsáveis pela empresa. Em 1993, passados sete anos, voltamos ao campo e entrevistamos sete produtores que haviam sido pesquisados em 1986. Além disto novas entrevistas foram realizadas com dirigentes e funcionários da empresa. A existência de um longo espaço de tempo entre os dois levantamentos permitiu-nos acompanhar importantes mudanças que ocorreram nesta relação entre a agroindústria multinacional e os produtores. Se a estratégia da empresa mudou, o mesmo aconteceu com os produtores.

O desenvolvimento do capitalismo no campo alicerçado sobre o modelo da Revolução Verde tem inspirado diversas afirmações a respeito do futuro da agricultura familiar, muitos dos quais se contradizem. Sem termos a pretensão de generalizarmos as nossas conclusões, a nossa análise avança pelo leito que vislumbra uma lógica singular no processo de reprodução da produção familiar. Lógica esta fundada nas suas capacidades de auto-exploração e adaptação, o que lhe permite não apenas sobreviver mas também aproveitar todas as possibilidades para se desenvolver.

## RESUME

L'objectif de ce travail est d'analyser une situation concrète de subordination de la production familiale au capital: celle des producteurs de maïs hybride de la Vallée du Rio Pardo, dans l'Etat de Rio Grande do Sul, et de l'entreprise de semences Pioneer, agro-industrie qui transforme et commercialise le maïs.

On a d'abord réalisé une recherche historique sur la naissance et le développement de la production familiale dans la région. En 1986 a été réalisée une recherche de terrain qui a touché la totalité des 50 producteurs existants et des entrevues ont été faites avec les responsables de l'entreprise. En 1993, sept ans plus tard, on est retourné sur le terrain et sept des producteurs qui avaient été enquêtés en 1986 ont été de nouveau interrogés. En plus, de nouvelles entrevues ont été menées avec les dirigeants et employés de l'entreprise. Le long espace de temps entre les deux étapes de l'enquête a permis d'accompagner les importants changements qui ont eu lieu dans cette relation entre l'agro-industrie multinationale et les producteurs.

Le développement du capitalisme dans l'agriculture basé sur le modèle de la Révolution Verte a suscité diverses affirmations sur le rôle de l'agriculture familiale, dont plusieurs se contredisent. Sans avoir la prétension de généraliser les conclusions, l'analyse réalisée avance dans la direction de percevoir une logique singulière dans le processus de reproduction de la production familiale, logique fondée sur ses capacités d'auto-exploration, mais aussi d'adaptation, qui lui permettent non seulement de survivre mais de profiter de toutes les occasions pour se développer.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I - O DESENVOLVIMENTO DA PEQUENA PROPRIEDADE NO RIO GRANDE DO SUL E NO VALE DO RIO PARDO .....</b>	<b>11</b>
1.1 Histórico da pequena propriedade no Rio Grande do Sul .....	11
1.2 Dados sobre a imigração alemã no Vale do Rio Pardo .....	18
<b>CAPÍTULO II - A SUBORDINAÇÃO DO PRODUTOR À AGROINDÚSTRIA .....</b>	<b>25</b>
2.1 A empresa.....	25
2.2 O processo de produção do milho híbrido .....	28
2.3 Caracterização da unidade produtora de milho híbrido .....	36
2.4 A relação entre a empresa e o produtor rural .....	40
2.5 A concepção dos pequenos proprietários sobre suas relações sociais.....	51
<b>CAPÍTULO III - A EMPRESA E OS PRODUTORES HOJE .....</b>	<b>60</b>
3.1 A atual estratégia de empresa .....	60
3.2 As alternativas dos produtores.....	71
3.2.1 O produtor irrigado .....	71
3.2.2 O caminho dos outros produtores.....	75
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>82</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>86</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>102</b>

## LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela nº1 - Evolução da população do município de Santa Cruz do Sul. ....	21
Tabela nº2 - Despesas em pesquisa e desenvolvimento de empresas selecionadas dos ramos de sementes e agroquímicos. ....	27
Tabela nº3 - Normas de isolamento das lavouras de milho híbrido. ....	31
Tabela nº4 - Tamanho da Propriedade. ....	37
Tabela nº5 - Distribuição dos estabelecimentos segundo a área plantada com milho híbrido ....	38
Tabela nº6 - Distribuição dos produtores segundo o tempo de vinculação com a empresa ....	39
Quadro nº1 - Quadro da força de trabalho nos estabelecimentos. ....	41
Quadro nº2 - Mão-de-obra existente na propriedade e rendimentos auferidos pelos produtores ....	47
Tabela nº7 - Divisão do mercado brasileiro de milho híbrido 1993. ....	62
Tabela nº8 - Área plantada com milho para semente por produtor e região - 1993/94. ....	65
Tabela nº9 - Produção de Sementes da Pioneer e a Produção da usina de Santa Cruz do Sul ....	68
Tabela nº10 - Colocação das sementes de milho Pioneer por estado em 1993. ....	69
Tabela nº11 - Número de produtores de sementes de milho beneficiadas na usina de Santa Cruz do Sul. ....	76
Quadro nº3 - Caracterização dos produtores entrevistados que deixaram de produzir sementes híbridos para Pioneer. ....	77

## LISTA DE FIGURAS

- Fig nº 1 - Localização da área de estudo no Rio Grande do Sul..... 10
- Fig nº2 - Esquema das etapas para a obtenção do híbrido duplo.....29

## LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 - Questionário utilizado no levantamento de campo.....	86
ANEXO 2 - Cópia de Contrato utilizado entre a empresa e o produtor.....	92
ANEXO 3 - Roteiro da entrevista realizada com o gerente de Produção da Pioneer .....	99
ANEXO 4 - Roteiro da entrevista realizada com o gerente geral da Pioneer no Brasil.....	100
ANEXO 5 - Roteiro utilizado na entrevista com os produtores familiares que não produzem mais milho híbrido.....	101

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como intuito estudar uma situação concreta de subordinação da pequena produção agrícola ao capital. Referimo-nos à articulação que ocorre entre os produtores de milho híbrido do Vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul e a agroindústria que beneficia e comercializa o milho, a Pioneer Sementes.

Sabemos que o conceito de pequena produção agrícola tem sido alvo de inúmeras discussões sobre o seu significado, por isso é importante falarmos sobre o sentido com que o empregamos. É evidente que critérios qualitativos como o tamanho da propriedade e volume de produção não podem ser considerados indicadores suficientes para conceituarmos a pequena produção. Até porque é impossível estabelecermos até onde vai a pequena produção e onde começa a média produção. No entanto, é preciso considerar que o volume de terras disponíveis pode ser uma variável importante para as condições de produção e de reprodução do pequeno produtor. Da mesma forma variáveis como tecnologia utilizada, uso de insumos e mão-de-obra na propriedade são importantes fatores para se chegar ao volume de produção, e devem integrar também a caracterização da pequena produção.

Contudo, é fundamental levarmos em conta critérios mais qualificados na caracterização da pequena propriedade. A apropriação de parte da produção do pequeno produtor feita por indústrias e bancos, por exemplo, é elemento fundamental nesta caracterização. Portanto, o uso do conceito de pequena produção que utilizamos, leva em conta formas e relações de produção, níveis de tecnologia e aspectos quantitativos existentes. Além disto, as diversas formas que o desenvolvimento do capitalismo assume na agricultura, exigem que se admita a possibilidade de variação nos rumos da pequena produção. Como afirma Brumer (1987:25)

*"Assim, o conceito de campesinato apresenta uma certa flexibilidade e deve estar referido a um período específico,*

*caracterizado por um dado desenvolvimento das forças produtivas".<sup>1</sup>*

Por isso, o nosso estudo de caso inicia com um histórico da formação da pequena propriedade, no estado e na região em que esta se localiza, procurando mostrar como se deu historicamente o desenvolvimento da mesma. Assim, o fato de realizarmos um estudo de caso se revela válido, na medida em que, é através do estudo de situações particulares como esta, que nós poderemos precisar teorias científicas mais globalizantes.

Para nós, a inserção da pequena propriedade no modelo de produção capitalista é vista inicialmente como um fenômeno que sofre determinações ditadas pela lógica do capital, na medida em que se articula com este, e as conseqüências decorrentes daí, são contraditórias.

A escolha do tema está ligada, em primeiro lugar, ao fato desta produção ocorrer na região em que vivemos, o que nos possibilita um acompanhamento empírico deste processo. Sendo assim, o assunto tem para nós uma relevância prático-política, pois pode-se afirmar que o conhecimento de uma dada realidade abre espaço para uma interferência qualificada nesta realidade.

Nesta região, como poderemos observar posteriormente, existe um grande número de pequenas propriedades que surgiram com a colonização alemã, na metade do século passado. Estas propriedades historicamente especializaram a sua produção e se articularam especialmente com a agroindústria do fumo. O modo de produção capitalista desta forma, garantiu a criação e preservação de relações de produção não tipicamente capitalistas subordinadas ao capital. As vantagens do capital ao se articular com a pequena propriedade são claras: extrai o sobretabalho através do preço pago pela matéria-prima e evita os riscos que teria se ele próprio investisse na produção. Não bastasse isto, os complexos agroindustriais (CAI's)<sup>2</sup> tornam o produtor além de fornecedor de matéria-prima, um consumidor dos seus produtos. O movimento que rege estes complexos pode ser resumido em indústria fornecedora - agricultura - indústria processadora. A

---

<sup>1</sup> BRUMER, A. A pequena produção agrícola: Conceitos e tendências, 1987.

<sup>2</sup> Sobre o conceito de complexo agroindústria ver: SILVA e KAGEYAMA em A produção camponesa e o desenvolvimento recente do capitalismo no Brasil - 1988.

consolidação dos CAI's é a forma concreta com que se manifesta o desenvolvimento da produção capitalista no campo.

Não podemos nos esquecer que a preocupação sobre as relações de produção capitalistas e pequenas propriedades já se encontrava presente na literatura clássica das ciências sociais. Autores como Marx, Kautsky e Lênin já se ocuparam deste assunto.

Para Lênin, a produção não capitalista se torna importante ao capitalismo, na medida em que este pode ampliar seu mercado:

*"A necessidade do mercado exterior para o capitalismo não se explica, nem mesmo, pela impossibilidade de realizar o produto no mercado interior, senão pelo fato de que o capitalismo não se acha em condições de repetir o mesmo processo de produção com seu volume e sob distintas condições (como ocorria com os sistemas econômicos pré-capitalistas) pelo fato de que o capitalismo conduz inevitavelmente a um desenvolvimento ilimitado da produção, que ultrapassa os limites estreitos das unidades econômicas de outros tempos. Devido a desigualdade de ritmo característica do desenvolvimento do capitalismo, alguns ramos industriais se adiantam a outros e tendem a ultrapassar os limites das zonas em que reagem relações econômicas antigas (...)"*. "A tendência das grandes fábricas a sair do marco dos antigos mercados é indiscutível".

*" O essencial é que o capitalismo não pode existir nem desenvolver-se sem uma constante ampliação de sua órbita de poder, sem a colonização de novos países e a incorporação de países antigos e não capitalistas ao torvelinho da economia mundial"<sup>3</sup>*

Como podemos observar, para Lênin a produção não capitalista se apresenta como necessária enquanto se subordina à produção capitalista e serve para o processo de acumulação capitalista.

Assim com Lênin, Kautsky também nos fala da exploração capitalista no campo na sua obra - *A Questão Agrária*. Segundo o autor, a agricultura independente da indústria, quer seja camponesa, quer seja capitalista, deixa cada vez mais de ter o seu

---

<sup>3</sup> LÊNIN, V.I. O desenvolvimento do capitalismo na Rússia apud MONTALLI, Lilia T - Do núcleo colonial ao capitalismo monopolista: produção de fumo em Santa Cruz do Sul. 1979.

papel na sociedade. Isto porque a indústria subjuga a agricultura. Em função disto o camponês para Kautsky passa cada vez mais a ser trabalhador do capital, o que fica claro nas passagens a seguir:

*" O camponês deixa de ser, pois, o senhor de sua exploração agrícola. Esta se torna um apêndice na exploração industrial, por cujas conveniências deve orientar-se. Ele se torna um operário parcial da fábrica"*

*(...) "Freqüentemente, também, cai sob a dependência técnica da exploração industrial, na medida em que esta, como já observamos, lhe fornece forragem e esterco"*

*(...) "Paralelamente a esta subordinação técnica, se verifica ainda uma subordinação puramente econômica do camponês em relação à cooperativa. Esta não fornece apenas os recursos para aperfeiçoamento da exploração agrícola e para cobertura de seus débitos possíveis. Ela torna também, na medida em que a exploração se adapta às suas exigências, o comprador único das mercadorias produzidas pelo camponês". (p.285-6)*

*(...) "Nos lugares em que não leva à regressão da pequena empresa, a industrialização da agricultura apertam os laços que atam o lavrador à fábrica, compradora única de seus produtos. Ele se torna então, de modo completo, um servo do capital industrial cujas exigências condicionam a sua atividade".(p.300)<sup>4</sup>*

Não resta dúvida que o processo acima descrito por Kautsky guarda muita semelhança com o que acontece hoje no Brasil. Cabe aqui ressaltar que no momento em que o autor vive e descreve um processo que ocorre na Alemanha, é também o momento em que muitos camponeses alemães procuram a sua reprodução enquanto camponeses emigrando para a região alvo deste estudo. Hoje são seus descendentes que se defrontam com um processo semelhante.

---

<sup>4</sup> KAUTSKY, K. A Questão Agrária, 1998.

Já no caso da produção científica contemporânea no Brasil, vários autores tem evidenciado as relações de subordinação entre a pequena propriedade e a agroindústria. Para Wanderley<sup>5</sup> o campesinato ocupa um espaço criado pelo próprio capital, e este espaço é distinto do proletariado. Segundo a autora, uma das formas pela qual se dá a dominação capitalista da agricultura, é aquela que realiza a transferência da totalidade de mais-valia produzida para fora do setor. Isto só é possível, segundo a autora, porque o camponês não reivindica a participação que lhe é devida.

Já para Silva e Kageyama na obra referida anteriormente, a persistência da pequena produção no Brasil deve ser vista como parte de uma luta de resistência para permanecer na terra pela falta de outra opção. No entender dos autores, é preciso diferenciar as formas e as funções que a pequena produção assume no Brasil. Os pontos fundamentais dessa diferenciação podem ser assim resumidos:

1º ) há uma diferenciação básica da pequena produção que tem como situações limites: a) uma camada em processo de tecnificação e capitalização, conduzindo à formação de pequenas empresas familiares; e b) uma camada em franco processo de proletarização e marginalização da atividade produtiva. Entre esses dois extremos subsiste uma faixa intermediária, ainda com características típicas de campesinato, com uma diferenciação interna visível, pelo seu maior ou menor grau de riqueza (pobres, remediados e ricos);

2º ) Essa diferenciação básica reflete-se funcionalmente nos dois papéis fundamentais da pequena produção: na produção de alimentos e matérias-primas (essencialmente a camada superior) e como reservatório da mão-de-obra para atividades agrícolas ou atividades urbanas marginais (basicamente a camada em vias de proletarização);

3º ) Essa diferenciação reflete-se também em termos regionais, em função da predominância de um ou outro grupo, possibilitada pelas condições diferenciadas do desenvolvimento capitalista no campo a nível nacional.

Esta afirmação dos autores poderá ser comprovada ou não no desenrolar deste trabalho. No entanto, é importante neste momento que busquemos objetivar a discussão

---

<sup>5</sup> WANDERLEY, Maria Nazareth B. O camponês: um trabalhador para o capital, 1979.

em torno do nosso objeto de estudo. As inovações tecnológicas no processo de produção da agricultura brasileira vem acontecendo principalmente através da incorporação de um padrão de produção difundido a nível internacional por grandes empresas oligopólicas. Este padrão se constitui em elemento fundamental para a acumulação do capital.

A chamada "revolução verde" que vem a ser seleção de novas variedades de arroz, trigo, milho, sorgo com alto rendimento, aumentou consideravelmente a produção por hectare e diminuiu o período de cultura. Estas variedades necessitam quase sempre de um sistema de irrigação e do emprego de adubos sintéticos, de pesticidas e de mecanização. A consequência para os pequenos produtores tem sido inúmeras vezes o endividamento, já que para a compra de sementes, adubos e pesticidas se faz necessário recorrer aos empréstimos bancários.

O caso da produção de sementes de milho se insere neste processo de controle sobre a natureza que o capital vem impondo. Modificações no ciclo biológico das plantas e dos animais têm sido uma tônica neste processo. Se no passado o homem plantava livremente as variedades de culturas que mais lhe convinham, hoje isto não é mais possível. Adilson Paschoal em seu artigo "Patenteamento de Sementes: uma lição da história" nos mostra muito bem esta mudança:

*"Cerca de 500 tipos de vegetais foram cultivados desde os primórdios da agricultura e em mil anos houve redução para 200 dos quais apenas 80 foram comercializados. Presentemente, apenas 20 vegetais são cultivados, representando 90% da dieta humana; trigo, o arroz e o milho alimentam 73% da população do globo, e as patentes das principais variedades estão nas mãos de poucas mas poderosas companhias multinacionais de sementes e produtos agroquímicos"*<sup>6</sup>

A produção de milho para sementes a que os produtores do Vale do Rio Pardo se dedicam, faz parte deste processo que se apresenta como uma verdadeira erosão genética. Isto porque para se produzir sementes híbridas é necessária a utilização das variedades locais cultivadas por milênios. Quando as sementes híbridas entram no mercado, os agricultores passam a utilizá-las abandonando as variedades locais. Um exemplo disto se dá no município de Santa Cruz do Sul, onde a totalidade dos agricultores segundo dados

---

<sup>6</sup> PASCHOAL, Adilson. Patenteamento de sementes: uma lição da história, 1986.

da Secretaria Municipal de Agricultura, plantam milho com sementes híbridas. Assim, hoje quem detém estas variedades locais são quase que exclusivamente as empresas produtoras de sementes híbridas que na sua grande maioria são empresas multinacionais.

Esta industrialização da agricultura só vai ser possível devido a existência de políticas públicas que estabelecem créditos subsidiados à produção de matéria-prima preferencialmente para grandes empresas multinacionais e que intensificam assim o grau de internacionalização da nossa agricultura. É por este leito que a PIONEER Sementes chega a se instalar em Santa Cruz do Sul no início dos anos setenta.

Um outro aspecto singular da subordinação que ocorre com os pequenos produtores de milho híbrido do Vale do Rio Pardo é a entrada da mão-de-obra assalariada na sua produção. A pequena propriedade vai ter assim alterada a composição da sua força de trabalho que historicamente era familiar. Mesmo que esta modificação se dê por pouco tempo no ano, em torno de um mês, ela não deixa de ser importante.

Esta contratação de trabalhadores volantes acontece todos os anos e o seu número é muito significativo, o que poderá ser observado quando da leitura do segundo capítulo deste trabalho.

Desta maneira a pequena propriedade produtora de milho híbrido se apresenta subordinada ao capitalismo. Esta subordinação é caracterizada da seguinte forma:

- a) o capital aparece como fornecedor de parte dos meios de produção que o pequeno produtor necessita;
- b) o capital subjuga o pequeno produtor impondo seu padrão tecnológico;
- c) o capital se impõe como único comprador de suas mercadorias.
- d) o capital extrai o sobretabalho do produtor.

Demonstrar como se dá esta subordinação no dia-a-dia é nosso objetivo no segundo capítulo deste trabalho. Para isto além de informações sobre a empresa, descrevemos o ciclo de produção do milho híbrido, caracterizamos a unidade produtora de milho híbrido e analisamos a relação entre a empresa e o produtor rural. Também neste capítulo procuramos trazer um pouco da visão de mundo do agricultor mostrando as suas opiniões sobre alguns assuntos tais como: o bóia-fria, política, reforma agrária e as relações sociais por ele estabelecidas.

Por fim, no último capítulo trazemos alguns dados que mostram a atual estratégia da empresa e a situação dos produtores de hoje.

A seguir tecemos algumas considerações sobre as diversas etapas do nosso trabalho de campo. O universo empírico de investigação, como já nos referimos, é constituído pelos pequenos produtores de milho de semente no vale do Rio Pardo e a empresa Pioneer Sementes. O primeiro passo para o conhecimento deste universo foi dado a partir de um contato assistemático com os pequenos produtores a partir de 1985. Este contato foi facilitado pelo fato de passarmos a residir numa localidade em que muitos pequenos produtores se articulavam com a empresa, Rincão Del Rei. Mas se este contato foi importante para que obtivéssemos as primeiras informações, ele carecia de rigor científico. Por isto, com base nas informações de que dispunhamos, montamos um questionário com 39 questões, algumas fechadas e outras abertas. O questionário se encontra nos anexos deste trabalho (Anexo 1). Este instrumento serviu para realizarmos entrevistas com produtores de milho para semente. Estes produtores representam a totalidade dos produtores da empresa. Portanto o nosso levantamento foi um censo dos produtores de milho híbrido do Vale do Rio Pardo. Este censo foi realizado nos meses de janeiro, fevereiro e março de 1986, e contou com a colaboração de dois estudantes de Sociologia.

Além dos dados objetivos que foram tabulados e analisados, obtivemos também uma série de depoimentos dos produtores que versaram sobre assuntos como reforma agrária, política agrícola, suas condições de vida enquanto produtores, a empresa, o banco. Estes depoimentos serviram para que pudéssemos mostrar em parte, o universo imaginário destes produtores, através de uma análise dos seus discursos. Ainda em fevereiro de 1986 acompanhamos um dia de colheita realizado pelos trabalhadores safristas.

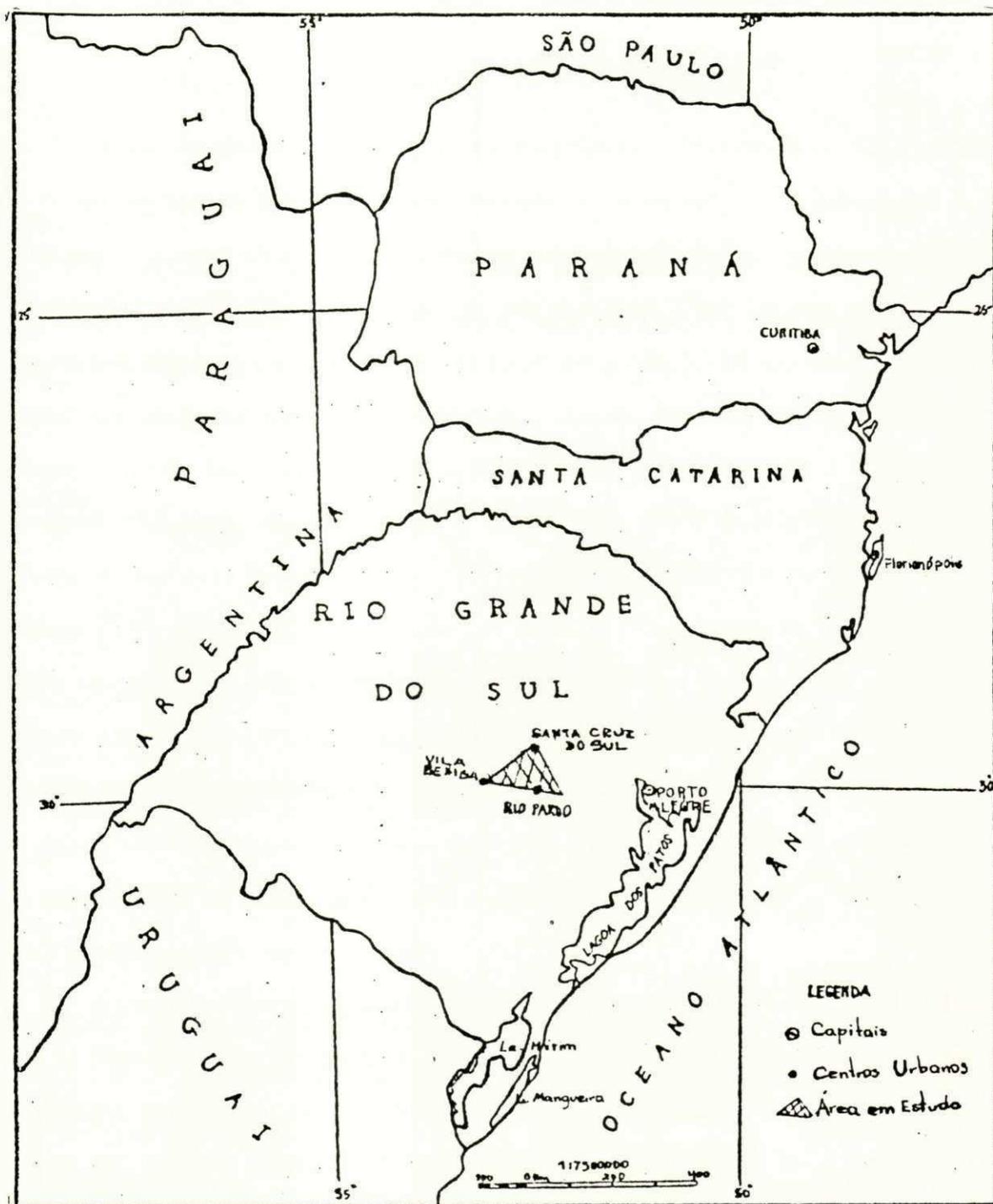
Também em 1986, realizamos entrevistas com o diretor de produção da empresa, bem como com alguns técnicos agrícolas da mesma.

O fato de termos iniciado em 1985 este trabalho e só agora estarmos concluindo, possibilitou que pudéssemos ter um acompanhamento por 8 anos deste processo. Além do contato assistemático com os produtores durante este período, acompanhamos pela imprensa local, notícias da empresa que apontavam para uma nova estratégia de produção. Por isto, para pudermos concluir nosso trabalho voltamos ao campo em 1993 e realizamos

sete entrevistas com produtores de milho híbrido pesquisados em 1986. Também voltamos a conversar com a empresa. Foram realizados entrevistas e levantamentos de dados junto ao diretor-geral da Pioneer no Brasil, o gerente de produção e técnicos da empresa. Com isto podemos nos certificar da mudança de estratégia por parte da empresa e como consequência, de uma nova realidade para os produtores entrevistados. Isto se encontra pormenorizado no último capítulo deste trabalho.

Em síntese, podemos resumir em duas, as questões que nos parecem fundamentais para serem respondidas por este trabalho. Primeiro, qual é a estratégia utilizada pelo capital industrial internacional para a obtenção de sua matéria-prima? Segundo, quais são os motivos que levaram os produtores a se articularem com esta empresa?

FIGURA 1



MAPA 1 - LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DO ESTUDO NO RGS

FONTE: FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA IBGE, 1984

# 1 O DESENVOLVIMENTO DA PEQUENA PROPRIEDADE NO RIO GRANDE DO SUL E NO VALE DO RIO PARDO

## 1.1 Histórico da pequena propriedade no Rio Grande do Sul

Para se compreender a questão da colonização no Rio Grande do Sul é necessário um recuo no tempo. Inicia-se o povoamento no sul quando os jesuítas, que haviam propiciado a penetração e o povoamento nas colônias espanholas, avançaram para a área que constitui o atual Rio Grande do Sul, isto em 1625. Cabe lembrar que nesta época disputava-se esta área com a Espanha. No início do século XVIII, já com a destruição das missões jesuíticas por parte dos Bandeirantes, surgem duas correntes que se dirigem e povoam parte do Rio Grande do Sul: a Lagunista de origem paulista e a Açorita, cujos elementos chegaram em maior número a partir de 1746. O primeiro movimento de dedicou ao pastoreio na campanha, se aproveitando do rebanho bovino que se encontrava disperso desde a destruição das Missões. O segundo localizava-se no litoral e tendo sido criado por iniciativa oficial, formava centros organizados de povoação e de produção agrícola. Destas duas correntes surgem dois tipos distintos de sociedade e de economia: de um lado, a sociedade patriarcal dos paulistas; de outro a sociedade de pequenas famílias. Os que se localizavam no campo dedicando-se a criação de gado darão origem à estância. Os que se fixam no litoral, dedicam-se a agricultura intensiva para a extensiva, quando não a substituem pela criação de gado.

A estância como tal, se configura a partir da concessão de sesmarias, fenômeno ao qual se liga e de que depende. A terra, que até então era livre, e não possuía valor econômico, vai adquirir novo significado com a concessão de sesmaria, em geral em regiões de melhores pastagens. Cria-se assim, a propriedade da terra, aparecendo esta como equivalente de capital. O sistema de sesmaria, que se manifesta inicialmente como uma forma de disseminação de culturas e povoamento da terra propiciou a formação de "vazios". No início do século XIX, em várias partes do Brasil a situação torna-se insuportável no momento em que contingentes da população rural - "posseiros ou intrusos" começam a ocupar as terras devolutas. Reconhecendo essa situação insuportável, cujas consequências representavam uma ameaça à propriedade latifundiária, é que se estabelece a resolução de 17 de julho de 1822, extinguindo o regime de sesmarias no

Brasil. É a partir deste momento que vai se configurar uma política oficial deliberada de colonização, que, se por um lado propiciava a instituição de propriedade camponesa, por outro visava "acomodar" tal contingente, que se constituía numa ameaça ao poder econômico e político do latifúndio.

É dentro deste contexto, no início do século XIX, que surge a colonização estrangeira no Rio Grande do Sul. Esta colonização se dá alicerçada em duas razões principais. Por um lado, a preocupação com a ocupação e defesa do território brasileiro e a necessidade de força de trabalho (livre). De outro lado, a busca de novas terras por parte do imigrante alemão que tem como fatores de expulsão, a econômica e política da Alemanha e, como fatores de atração, a propaganda desenvolvida por companhias de colonização.

Duas datas são de suma importância para o nosso estudo são elas 1824 e 1849, respectivamente a fundação da primeira colônia alemã do Rio Grande do Sul, São Leopoldo, e a fundação de Santa Cruz do Sul. Foi a partir do núcleo colonial primitivo localizado em São Leopoldo, que irradiou-se a colonização alemã em solo gaúcho. A pequena propriedade que o colono alemão cria neste momento já nasce articulada com a política central, isto é, da Província e do Império.

Assim, a história da colonização alemã no Rio Grande do Sul, é a história da expansão capitalista em um "espaço" economicamente vazio, uma vez que as terras usadas para este fim eram desinteressantes ao latifúndio. Cabe salientar que nos primeiros anos das colônias estas mantêm relações de produção não capitalistas, e não poderia ser diferente, este é o período de desmatamento e agricultura de subsistência. Já num período subsequente estas relações de produção não capitalistas sofrerão o processo de dominação de sua economia pelos centros nacionais de capitalismo mais avançado. E é nessa relação de dominação que nós baseamos a hipótese básica de nosso trabalho, ou seja: a pequena propriedade criada pela colonização alemã no Rio Grande do Sul e que se reproduz em moldes não tipicamente capitalistas, sobrevive articulada ao modo de produção capitalista.

A abertura dos portos brasileiros em 28 de janeiro de 1808 e do decreto de 25 de novembro de 1808 de Dom João VI que permitiu ao estrangeiro possuir terras no Brasil, são passos importantes na direção de atrair imigrantes para o país. Cabe lembrar que o sistema escravocrata se encontrava em plena vigência nesta época, e que servia como

elemento inibidor à imigração; contudo, a partir da 2ª metade do século XIX o movimento abolicionista avança e passa a contar com um importante aliado que era a Inglaterra. Se, num momento anterior, a Inglaterra lucrava com o comércio de escravos no Brasil, neste período lhe interessava mais abrir mercado para seus produtos manufaturados, assim era necessário o surgimento de um mercado consumidor no país o que implicava no fim da escravidão. Junta-se a estas causas atrativas da imigração entre 1824 - 1830.

Mas é, sem sombra de dúvida, na relação existente entre imigração - substituição do trabalho escravo que devemos buscar as razões maiores para o ingresso de imigrantes no país, isto porque, é no século XIX que se processa uma transformação profunda no regime de trabalho da sociedade brasileira. O sistema escravocrata torna-se um obstáculo para o desenvolvimento pleno do modo capitalista de produção na medida em que se tornava imprescindível uma mão-de-obra livre que vendesse apenas a sua força de trabalho e que ao mesmo tempo alargasse as possibilidades de expansão do mercado interno. Assim era necessário contratar braços que, além de possuírem apenas sua força de trabalho, viam-se na contingência de vendê-la para subsistir, aceitando assim as condições impostas pelos capitalistas. Se este foi o objetivo geral que a imigração procurou atender à nível de Brasil, no caso do Rio Grande do Sul, ela assumiu contornos diversos. A introdução da colonização estrangeira no Rio Grande do Sul, no início do século XIX, é fruto de uma política agrária orientada no sentido de ocupar e proteger das possíveis incursões dos Platinos, as regiões desertas da Província. Além disso a inexistência de concorrência entre a atividade que se desenvolve no latifúndio e a que será desenvolvida na pequena propriedade e a exigência de consumo dos centros urbanos, serão fenômenos complementares ao processo que engendra e consolida a pequena propriedade rural no Rio Grande do Sul.

A emigração de alemães para a América teve como fatores de expulsão a situação econômica e política da Alemanha (Estados de língua alemã) e, fatores de atração, a propaganda desenvolvida por companhias de colonização que divulgam a possibilidade de uma nova vida na América, onde seriam proprietários de terra. O ponto de partida para a análise deste processo é o momento pelo qual passava a Alemanha, qual seja, exatamente

aquele da destruição do modo de produção feudal <sup>1</sup> e da dominação do modo de produção capitalista.

Outro fato marcante no conjunto de estados de língua alemã, durante o século XIX, quando se iniciou a emigração, são as lutas de unificação da Alemanha. A situação de instabilidade política permaneceu de 1848 a 1879, quando após uma série de guerras ocorre a unificação alemã. Essa série de guerras também estimulou grandemente a emigração.

Apesar dos dois fatos acima citados terem contribuído com a emigração, vamos tratar mais profundamente da transição Feudalismo-Capitalismo que ocorreu na Alemanha. Havia nesta época dois tipos de agricultores: antigos servos da gleba, que para permanecerem na terra que exploravam deveriam pagar por ela e pela casa para o senhor, e, antigos camponeses que já detinham a propriedade de terra em que habitavam, pagando em trabalho, produtos ou dinheiro ao senhor. Estes camponeses perdiam partes importantes de terras ao senhor. As propriedades dos camponeses tornavam-se tão exíguas que não comportavam o sustento de uma família. Desta forma muitos decidiam-se por vender o que lhes restava e terminavam por se expatriar ou proletarizar.

Além disso, muitos estados impunham impostos extorsivos aos camponeses e, estes, na impossibilidade de pagá-los eram forçados ao êxodo e muitas vezes à fuga, quando a emigração era proibida.

*"Assim, era comum famílias ou mesmo levas de famílias vizinhas da mesma comuna abandonarem suas propriedades, fugindo à perseguição das autoridades físicas e policiais para embarcarem em portos dos Países Baixos à procura de nova experiência na América." <sup>2</sup>*

Aos camponeses se somavam os artesões e refugiados políticos do regime que se instalava na Alemanha. Estes últimos estabeleceram-se nas colônias como a "elite intelectual".

---

<sup>1</sup> A desagregação do regime feudal no período indicado por Kautsky em: KAUTSKY, K. A questão agrária. 1968.

<sup>2</sup> WILLEMS, E. A aculturação dos alemães no Brasil. 1946, p-56.

A estas causas pode ser adicionada a propaganda exercida pelas companhias de colonização, que dispunham de recrutadores de imigrantes, os quais atuavam junto à população oferecendo a possibilidade de, no Brasil serem proprietários de terras, nunca se referindo, entretanto, às dificuldades que deveriam enfrentar.

Por outro lado, a imigração europeia emergia como alternativa para a solução dos problemas da escassez da força de trabalho, baixa densidade e distribuição desigual da população. Nesse sentido, a menção do problema é feita no relatório de 1847 pelo Presidente da Província de São Pedro.

*"Na opinião geral é considerada a colonização a necessidade mais palpitante do Império: a vastidão das terras desertas, que não quereis sem dúvida povoar com negros e que não é possível igualmente povoar pelo lento e gradual crescimento da população (...)"<sup>3</sup>*

A imigração, enquanto fixação do trabalho independente, proprietário de seus meios de produção, ocorreu nos séculos XIX e iniciou do século XX apenas em áreas não ocupadas pelo latifúndio. Assim, no Rio Grande do Sul, a área ocupada pelas colônias alemãs foram aquelas áreas de florestas desprezadas pelas fazendas de gado, já instaladas nas zonas de campo. Os primeiros imigrantes germânicos que aqui chegaram se instalaram na colônia de São Leopoldo em 1824. Vieram estes imigrantes por iniciativa do governo imperial. Com isso visava a colonização oficial garantir a posse e a exploração desta região da produção de gêneros alimentícios para a província e para o resto do Império.

*"A expansão da cultura do café nas antigas plantações das regiões do norte propiciou este processo. A escravaria antes ocupada no cultivo de cereais e gêneros alimentícios, concentrou-se a partir de meados do século, no cultivo do produto que, por destinar-se ao mercado mundial, dava maior margem de lucro, compensando o alto custo da mão-de-obra ocasionado pela extinção do tráfico".*

---

<sup>3</sup> Em CARDOSO, F.H. Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional: o negro na sociedade escravocrata do RS - 1962, p.211

*"Havendo menor quantidade de produtos alimentícios exportáveis na zona tradicionalmente produtora, o Rio Grande do Sul pode não só produzir para o consumo local como exportar para outras províncias. Ainda uma vez portanto verifica-se o caráter de economia complementar do setor exportador da economia nacional, que caracterizava a produção gaúcha".<sup>4</sup>*

O caráter complementar da produção rio-grandense manifestava-se tanto no setor pecuarista (charque) como no setor de colonização alemã (gêneros de subsistência).

Associada à necessidade de força de trabalho, ou à promoção do trabalho livre, a imigração europeia desse período encontra-se intimamente relacionada à escravidão, pois ambos representam dois aspectos do mesmo processo, qual seja, o da transformação do regime de trabalho no país.

Se por um lado a imigração europeia ocorre num momento de transformação das relações de produção, quando são adotadas medidas abolicionistas, a instalação das "colônias" cria no lado oposto, em termos de relação de produção, um campesinato ou quase campesinato (produtores simples de mercadorias). Assim, no Rio Grande do Sul, a imigração não era vista como solução alternativa para aquelas cuja produção se baseava no trabalho escravo, mas destinava-se a sanar dificuldades inerentes à particularidade da situação da economia Riograndense no contexto da economia nacional. Fernando H. Cardoso chama atenção para este fato:

*"não se desejava, resolver apenas o problema da escassez de mão-de-obra; assinava-se pela renovação das práticas de trabalho; esperava-se a liberação do espírito criador no trabalho, milagre que só o imigrante, isto é, o braço estrangeiro, livre, proprietário, e não pelas velhas formas de produção ou por qualquer liame contratual limitativo poderia realizar".<sup>5</sup>*

Isto pode ser comprovado ao nível institucional, pela lei provincial nº 304, de 30 de novembro de 1854, que é a verdadeira carta da colonização da Província:

---

<sup>4</sup> Idem. p.219 - 20.

<sup>5</sup> Idem. p.215.

*" Art. 1º - A colonização na Província será feita sobre a base da venda de terras: para este fim fica o respectivo presidente autorizado a compra-las nos lugares mais próprios quando não haja terras devolutas compreendidas na disposição do Art. 16 da Lei Geral nº 514 de 28 de outubro de 1848. Esta venda será feita pela forma e sob as condições seguintes:*

*Art. 2º - O Presidente da Província empregará as quantias anualmente consignadas pela Assembléia Provincial na compra de terras usadas para a lavoura, as quais mandará medir, dividir e demarcar os lotes em cem mil braças quadradas para serem expostas à venda dos colonos, sendo o preço mínimo de cada lote 300\$000.*

*Art. 3º - Na medição e demarcação das colônias o presidente da Província fará reservar as terras precisas para estradas, portos, igrejas, cemitérios e outras servidões públicas, cuja necessidade se reconhecer.*

*Art. 4º - A venda das colônias poderá ser feita a prazos, que não excedam a 5 anos, e pelo excesso pagarão os colonos o prêmio de 1% ao mês, ficando as terras hipotecadas até o completo pagamento, não só destas, como também das quantias, que lhes tiveram sido adiantadas.*

*Art. 5º - Fica o presidente da Província autorizado a adiantar para auxílio da passagem dos colonos, que espontaneamente se apresentarem na Província, até a quantia de 50\$000, por cada um qualquer que seja a sua idade ou sexo, com obrigação do embolso no prazo e com as condições do Artigo antecedente.*

*Art. 6º - Fica também autorizado a fazer as despesas indispensáveis com as acomodações dos colonos enquanto não chegarem ao lugar de seu destino, e se não estabelecerem em casas próprias, sem que eles fiquem na obrigação do embolso dessas quantias.*

*Art. 7º - O mesmo presidente diligenciará a entrada para colônias de famílias brasileiras agrícolas, e laboriosas, vendendo-lhes as terras com os favores e ônus expressos na presente lei.*

*Art. 8º - Os colonos poderão cultivar suas terras por si mesmos ou por meio de pessoas assalariadas; não poderão, porém, fazê-lo por meio de escravos seus ou alheios, nem possuí-los nas terras das colônias sob qualquer pretexto que seja.*

*Art. 9º - O Presidente da Província fará o Regulamento e dará as instruções precisas para a boa execução da presente lei.*

*Art. 10º - Ficam revogadas as disposições em contrário."<sup>6</sup>*

Ao analisarmos esta lei fica claro que o governo da Província pretendia criar possibilidades para aquisição de glebas com prazos relativamente longos, restringir a área de exploração e, com a proibição da utilização da mão-de-obra escrava, estabelecia as bases de uma agricultura livre, fundada na exploração através da produção familiar.

Assim, o processo da formação da pequena propriedade a partir da forma como se configura a imigração alemã no Rio Grande do Sul aparece, com um processo ambíguo, visto que apresenta-se, ao mesmo tempo, como uma modificação nas relações de produção e como pressuposto do capitalismo no Rio Grande do Sul.

## **1.2 Dados sobre a imigração alemã no Vale do Rio Pardo.**

Do núcleo colonial primitivo, localizado em São Leopoldo (1824), foi irradiando-se a ocupação, acompanhando a barranca norte do rio Jacuí. Assim 25 anos após a chegada dos primeiros imigrantes alemães no Rio Grande do Sul foi que se deu a entrada das primeiras famílias em Santa Cruz do Sul, portanto em 1849. Neste ano chegaram as primeiras 5 famílias com 19 pessoas, em 1850 vieram mais 74, e em 1851, 145.

---

<sup>6</sup> PORTO, Aurélio apud BARROS, Eliane C. & LANDO, Almir M. A colonização alemã no RS. 1976.

A colonização de Santa Cruz do Sul se deu sob a responsabilidade do governo provincial e apoiada nas diretrizes impostas pela lei de terras de 1850, que institucionalizava a nível jurídico político a propriedade privada da terra. Os primeiros lotes distribuídos são de 77 hectares, imediatamente reduzidos a 48,4 hectares e a partir de 1889 a 25 hectares; tem-se portanto, já na origem, a configuração da região como minifundiária. Os primeiros colonizadores de Santa Cruz eram originários de diversas províncias que formavam a confederação Germânica, como a Silésia, o Reno, a Prússia, a Pomerânia, a Turingia, a Saxônia, a Westfália, o Hanover e Oldenburg, notando-se o predomínio de imigrantes das províncias do norte. A maioria destes imigrantes vivia sob a condição de servos e, diante da impossibilidade de conseguir terra própria para cultivar em seu país de origem, e também atraídos pela propaganda imigratória provida pelo Império Brasileiro, acabam imigrando. Cabe salientar que alguns nobres que se incompatibilizaram com o governo de sua Pátria, em consequência da revolução de 1848, também imigraram para Santa Cruz.



Foto - Construção típica da região da colonização alemã do final do século 19;

O primeiro núcleo de colonização germânica do município de Santa Cruz foi estabelecido no local hoje denominado Linha Santa Cruz. Deste núcleo alguns colonizadores se deslocaram nos anos seguintes e com a ajuda de novos imigrantes que chegavam, passaram a povoar a atual sede do município e a fundar núcleos novos em Rio Pardinho (1856), Trombudo, Formosa, Dona Josefa (1857), Rio Pardense (1862), Vila Teresa - hoje cidade de Vera Cruz (1866) Sinimbu, Rio Pequeno, Boa Vista. Todos estes núcleos, pertenceram ao atual município de Santa Cruz do Sul.

A colônia de Santa Cruz foi recebendo nos anos posteriores a sua criação, continuamente, novas levas de imigrantes; e esse fluxo imigratório, ao lado do crescimento vegetativo bastante acentuado, fez com que a população da colônia sofresse um constante e sensível aumento, que pode ser verificado pela tabela a seguir:

TABELA 1  
**EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ DO SUL**

POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ DO SUL	ANO	OBSERVAÇÕES
72	1850	
400	1851	aproximadamente
2.409	1859	
2.500	1860	calculada
3.367	1863	
5.809	1870	
7.310	1872	recenseamento
11.000	1880	calculada
15.572	1890	recenseamento
23.122	1900	recenseamento
30.010	1910	calculada

FONTE: Álbum do Centenário de Santa Cruz do Sul, 1978.

Também o desenvolvimento econômico de colônia, mais lento nos primeiros anos, vai pouco a pouco processando-se cada vez com maior intensidade. A base econômica da colônia até o fim do século XIX gira quase que exclusivamente em torno da agricultura. Esta é policultura, apesar de o cultivo do fumo salientar-se cada vez mais. Assim se Santa Cruz conhece um desenvolvimento acentuado, isto muito se deve ao cultivo do fumo. Vejamos o que diz Jean Roche a este respeito.

*" Esta colônia, fundada em 1849 pelo governo Provincial, tem uma brilhante história agrícola. A primeira fase a da agricultura de subsistência durou menos de dez anos... A segunda fase começou cedo. Em 1862, realmente, a área cultivada aumentara 175%, e a produção fora mais que proporcional: a safra de batata inglesa representava 163% da safra de 1859, a de milho 200%, a de feijão 250%, a de fumo 800% (97 toneladas). Esta segunda fase prolongou-se até 1881... A terceira fase, a da especialização foi marcada pela predominância da cultura do fumo. As culturas secundárias, como o algodão, o linho, a colza e cana-de-açúcar, desapareceram mais ou menos depressa. A produção de fumo dobrou de vinte em vinte anos "*<sup>7</sup>

<sup>7</sup> ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul, 1969.

Assim, nos primeiros momentos de estruturação da sua economia, Santa Cruz passa por um período marcado pela "economia rural".<sup>8</sup> A "economia rural" caracteriza-se, segundo Rosa Luxemburgo, pela quase completa auto-suficiência do produtor rural que, além da agricultura, desenvolveu o artesanato de subsistência para suprir suas necessidades. Não existe, ou é escassa a demanda de mercadorias por ela não produzidas, praticamente não havendo excedentes. O uso da moeda é quase inexistente, ficando restrito à aquisição de bens produzidos fora da economia rural. O primeiro período da economia de Santa Cruz do Sul (1849-1859), enquadra-se perfeitamente neste tipo.

O segundo e o terceiro período (1860-1881 e 1882-1917) são marcados pela produção simples de mercadorias.

No segundo período, a maior parte da população se dedica à agricultura, embora o artesanato de beneficiamento de produtos agrícolas começasse a se desenvolver. O artesanato de beneficiamento de produtos agrícolas utilizava-se predominantemente de força motriz humana e animal. Por volta de 1870 é instalada a primeira serraria a vapor na colônia. A mecanização neste período foi quase nula, não chegando a alterar o processo de trabalho, em suas dimensões técnicas, nos diferentes ramos de atividade. A força de trabalho utilizada nos estabelecimentos artesanais em geral, era, de acordo com Jean Roche, a familiar.<sup>9</sup>

O comércio estruturou-se por volta de 1860. É quando se estabelece a rede comercial composta por três elos: o importador/exportador ou atacadista em Porto Alegre; o verdadeiro nas "picadas" e nos núcleos urbanos; o caixeiro viajante intermediário entre os dois primeiros.

Além de ser o posto de trocas de produtos locais e de produtos importados de outras regiões e do exterior, e de oferecer serviços de transporte, o comerciante rural desempenhava também nesse período a função de "banqueiro". Os colonos depositavam o dinheiro em sua caixa e pagavam ao comerciante uma taxa para que este o guardasse. Tal

---

<sup>8</sup> Luxemburgo utiliza este conceito quando analisa as etapas do avanço do capitalismo sobre o meio não capitalista.

LUXEMBURGO, Rosa. *A acumulação do capital*. 1970, cap. 27, 28, 29.

<sup>9</sup> ROCHE, Jean, OP CIT.

sistema vigorou, segundo Roche, até o início do século, quando foram fundados os primeiros bancos.

Inicia-se assim, em Santa Cruz do Sul, o processo de acumulação de capital por parte do comerciante, principalmente através da apropriação de parcela do excedente dos produtores agrícolas nas trocas entre mercadorias agrícolas e manufaturados e através das taxas cobradas pelo transporte dos produtos.

Já o terceiro período (1882-1917) é marcado pela integração da área à divisão inter-regional do trabalho, através de sua incorporação ao mercado capitalista iniciada no período anterior.

Iniciava-se neste período, ainda que de maneira incipiente, a mecanização do processo produtivo. O início da industrialização em Santa Cruz deve-se ao sucesso de sua agricultura voltada para a exportação que, por um lado, estimulou o desenvolvimento das indústrias de beneficiamento de produtos primários, e, por outro, permitiu que se acumulasse capital nas mãos dos comerciantes-exportadores locais. Foram estes comerciantes que criaram os pequenos estabelecimentos que se dedicaram à industrialização do fumo. No primeiro após-guerra para fazerem frente a concorrência americana estes estabelecimentos foram obrigados a associar-se, formando em 1918 a Companhia de Fumos Santa Cruz.

A história de Santa Cruz do Sul, que é a história da expansão capitalista em um "espaço" economicamente vazio, a partir de centros de maior ou mais intenso processo de acumulação do capital, pode, em sua periodização ser comparada com as etapas identificadas por Rosa Luxemburg no estudo do avanço do capitalismo sobre o "meio não capitalista."<sup>10</sup> . A pequena propriedade se estabelece na região sob relações de produção não tipicamente capitalistas, e assim permanece praticamente isolada dos primeiros anos. Após esse período sofre, através do mercado, o lento processo de dominação de sua economia não capitalista pelos centros nacionais de capitalismo mais desenvolvido. A vinculação com os centros de expansão do capitalismo que se efetivava através do mercado, acentua-se, criando as condições para a penetração capitalista na produção local. Neste processo, certos setores da produção da economia da área organizam-se de forma

---

<sup>10</sup> loc. cit. cap. 27, 28, 29

capitalista passando a dominar outros setores não tipicamente capitalistas. A partir de 1918, a economia de Santa Cruz do Sul mostra-se dominada pelo capitalismo. Isso não significa que todas as relações de produção nela estabelecidas sejam capitalistas. Ao contrário, a pequena propriedade que se encontra na base da economia santacruzense funciona sob relações não tipicamente capitalistas de produção, utilizadas pelos setores capitalistas em sua acumulação.

A economia da região se consolida desde então como uma economia onde fornecimento da matéria-prima por parte das pequenas propriedades para a agroindústria ocupa um papel fundamental. Este processo vai sofrer modificações importantes no final dos anos 60. A partir de uma política econômica implantada pelo regime militar que visava a internacionalização da economia, um bom número de empresas locais passaram para as mãos do capital internacional, principalmente no setor fumageiro.<sup>11</sup> Além disto novas empresas são criadas pelo capital multinacional, entre elas a PIONEER SEMENTES que chega à região em 1972, implantando um novo produto que passará a ser produzido pelos pequenos produtores, o milho para semente.

LUPES

---

<sup>11</sup> Sobre isto consultar LIEDKE, Élica P. Capitalismo e Camponeses. Dissertação de Mestrado - UNB, 1977.

## 2 O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO MILHO HÍBRIDO

### 2.1 A Empresa

A PIONEER Sementes Limitada instalou-se no município de Santa Cruz do Sul em 1972, construindo a primeira Unidade de Beneficiamento de Sementes (UBS) da empresa no Brasil. Atualmente a empresa possui três UBS, sendo as outras duas no município de Santa Rosa - Rio Grande do Sul e Itumbiara - Goiás. A empresa possui também três estações de pesquisa nos municípios de Rio Pardo - Rio Grande do Sul, Londrina - Paraná e Itumbiara - Goiás. É importante salientar que, quando da instalação da empresa, ela estava associada a uma empresa nacional a Proagro Indústria e Comércio, formando juntas a PROAGRO - PIONEER. Hoje a multinacional PIONEER é a única proprietária.

A PIONEER Sementes é uma empresa de capital americano, criada em 1926. Segundo Mooney<sup>1</sup>, A PIONEER é reconhecida como a maior companhia do mundo em pesquisa e desenvolvimento do milho. Vale a pena apresentarmos um trecho do livro de Mooney para conhecermos algo mais sobre a PIONEER:

*"Seguir a trilha de fusões na indústria de sementes não é fácil. Por exemplo, das 500 principais companhias dos EUA, somente umas poucas são de domínio público. Mais ainda, os números envolvidos camuflam o controle exercido por poucas companhias grandes sobre toda a indústria. Assim, embora as sementes de milho representem, nos EUA, o insumo mais importante, cerca de dois terços de todas as vendas estão nas mãos de apenas quatro companhias: Dekalb, Pioneer, Sandoz e Ciba Geigy, com a Dekalb e a Pioneer controlando metade do mercado. As mesmas quatro companhias e suas subsidiárias dominam cerca de 59% do mercado do sorgo híbrido nos EUA. É interessante notar que essas Companhias - pelo menos no caso do milho híbrido - tendem a colocar seus produtos em regiões diferentes, dessa forma enfrentando pouca concorrência no território escolhido".<sup>2</sup>*

---

<sup>1</sup> MOONEY, Pot Roy. O escândalo das sementes: o domínio da produção de alimentos. 1987.

<sup>2</sup> MOONEY, OP CIT, p.66.

Pelas colocações acima podemos ter uma idéia do poder econômico desta empresa que hoje atua em mais de 100 países, detendo a liderança mundial no setor de sementes. A PIONEER conta hoje com o maior banco de germoplasmas (linhagem para cruzamento e obtenção de híbridos) do mundo. Um patrimônio de inestimável valor. Não é por acaso que as grandes empresas lutam para conseguir uma lei de patentes para as sementes. Certamente muitas das linhagens que as empresas possuem, não existem mais nas suas regiões de origem. E são estas linhagens que possibilitam a produção de híbridos apropriados para as diferentes regiões do planeta.

Em linhas gerais, os pesquisadores da empresa estão orientados para produzir híbridos com: alto rendimento de grãos, tolerância a doenças e pragas da região, adaptação regionalizada as características de clima e solo, estabilidade de produção, colmo forte com alta resistência ao acamamento, boa estrutura física da planta e altura de inserção da espiga adequada à colheita mecânica.

Para chegar a criação de um híbrido com estas características a PIONEER investe atualmente cerca de 1 milhão de dólares por ano, somente no Brasil. Estes recursos são gastos com equipamentos e laboratórios especializados e, principalmente, em pessoal qualificado. As três estações de pesquisa, localizadas no Brasil mantêm uma série de sub-estações onde se realizam testes e experimentos em conjunto com os agricultores de cada área, buscando um intercâmbio permanente que também se verifica com as demais estações nos 5 continentes.

A seguir apresentamos uma tabela que mostra as despesas em pesquisa e desenvolvimento de empresas selecionadas do ramo de sementes e agroquímicos. Os dados se referem ao ano de 1988, e a Pioneer aparece como a empresa que mais investe em melhoramento de sementes no mundo.

TABELA 2

**DESPESAS EM PESQUISA E DESENVOLVIMENTO DE EMPRESAS  
SELECIONADAS DOS RAMOS DE SEMENTES E AGROQUÍMICAS - 1988.**

EMPRESAS	DESPESA EM PESQUISA E DESENVOLVIMENTO	
	MELHORAMENTO TRADICIONAL (US\$ milhões)	BIOTECNOLOGIA VEGETAL
PIONEER	46	7
SANDOZ	41	16
UPJOHN	24	3
LIMAGRIN	22	5
ICF	21	17
SHELL	19	3
KWS	18	5
DEKALB-PHIZER	16	6
CIBA GEIGY	9	17
MOSSANTO	1	15
DU PONT	0	20
ENIMONT	0	15
AGRIGENÉTICA	6	12
MARIBO	7	12
CALGENTE	1	10
DNAP	0	11

FONTE: O ECD (1991) BIOTECHNOLOGY, agriculture and food. Paris. p.121.  
Ensaio FEE. Ano 13, nº2. Porto Alegre, 1992. p 396

A empresa produz no Brasil sementes híbridas de milho e sorgo. Apesar de ter-se instalado, inicialmente, em Santa Cruz do Sul, a sua maior produção se encontra hoje na região de Santa Rosa, no Rio Grande do Sul, e em Itumbiara no Estado de Goiás. Na região de Santa Cruz do Sul, a área plantada em 1986 se encontrava em torno de 900 hectares que se situavam em pequenas e médias propriedades. Na safra de 1986, 80% das plantações possuíam até 20 hectares. Já em Santa Rosa e Goiás, as plantações se dão em lavouras maiores, sempre em torno dos 100 hectares. Isto acontece em função da estrutura fundiária da região de Santa Cruz do Sul que é composta, principalmente, por pequenas propriedades. Já nas outras regiões predomina a média e grande propriedade.

No último capítulo retomaremos informações sobre a situação atual da empresa e seus planos no Brasil.

## 2.2 O Processo de produção do milho híbrido

Para se entender o processo de produção de milho híbrido se faz necessário que saibamos o significado de alguns conceitos básicos. Em função disto, passamos a definir aqueles conceitos que nos parecem indispensáveis.

a) Semente básica ou semente matriz: A resultante da multiplicação da semente genética, realizada de forma a garantir sua identidade e pureza genética, produzida sob responsabilidade da empresa que a criou. É a semente que serve para produzir o milho híbrido quando cruzada com outra(s) semente(s).

b) Híbrido: A primeira geração de um cruzamento, feito sob condições controladas entre progenitores de constituição genética diferente e de pureza varietal definida.

c) Semente de milho híbrido: O grão resultante do cruzamento de plantas originárias de duas sementes básicas do milho. Para fazer este cruzamento, normalmente são plantadas lado a lado, em um campo de produção de sementes seis ou oito fileiras de uma semente básica, cujas plantas serão despendoadas, e duas fileiras de outra semente básica cujas plantas não serão despendoadas. Somente é considerada semente de milho híbrido o resultado da multiplicação das sementes básicas da fileira de fêmeas.

d) Plantas fêmeas: As plantas existentes nas fileiras plantadas com sementes básicas que são despendoadas.

e) Plantas machos: As plantas existentes nas fileiras plantadas com sementes básicas que não são despendoadas. As fileiras macho produzem o pólen para fecundar os óvulos contidos nas espigas das plantas fêmeas despendoadas. As plantas macho são destruídas logo após a polinização.

f) Despendoamento: Despendoar é arrancar o pendão das plantas fêmeas antes que 0,5% deles estejam largando pólen e que 5% dos estigmas das plantas fêmeas estejam receptivos.

Estes conceitos foram retirados do contrato que é feito entre o produtor e a empresa (Anexo 2).

Antes de descrevermos as operações realizadas para a produção de sementes de milho híbrido no vale do Rio Pardo, vamos mostrar como se origina o milho híbrido. O processo pode ser considerado sob dois aspectos: o da obtenção das linhas puras e o da

utilização destas linhas puras na produção de sementes de milho híbrido. Para a obtenção das melhores linhas será necessário efetuar tantas autofecundações quantas forem possíveis e continuar autofecundando, ano após ano, até que se atinja praticamente a condição homozigótica. Posteriormente, devem ser feitos todos os cruzamentos possíveis entre essas diferentes linhagens e as plantas desses cruzamentos deverão ser plantadas em ensaio, em espiga por fileira, cada fileira sendo oriunda de um cruzamento diferente. Isto deve ocorrer até, se encontrar o par correto de linhagens para a produção do híbrido desejado no sentido da qualidade do produto.

A seguir apresentamos o esquema das etapas para a obtenção do híbrido duplo.

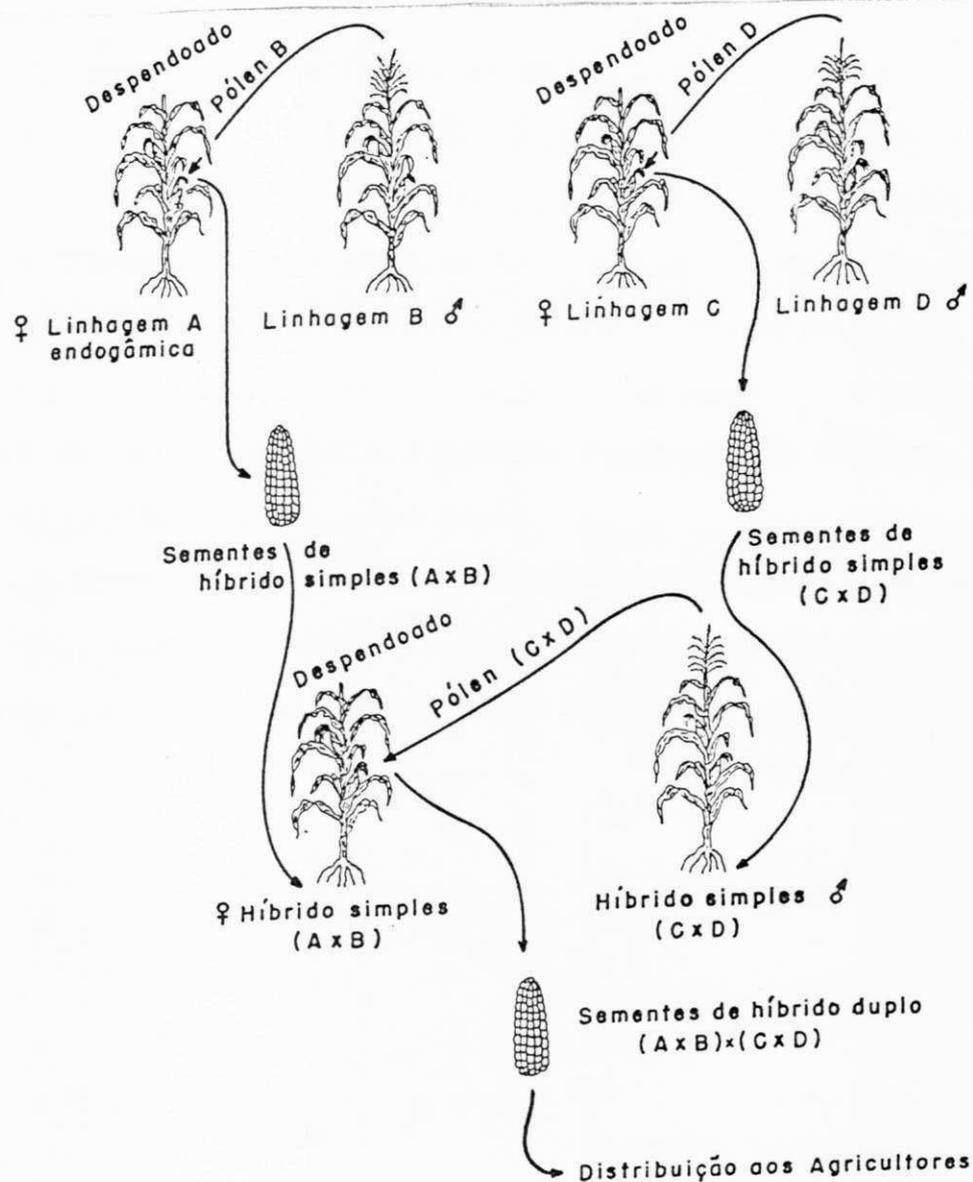


FIGURA 2 - Esquema das etapas para a obtenção do híbrido duplo.

FONTE: PATERNIANI, 1978. p. 284.

Apesar da usina de beneficiamento ficar na cidade de Santa Cruz do Sul, a Estação de Pesquisa e as lavouras de produção, se localizam no Município de Rio Pardo, principalmente na região que fica entre as duas cidades. As características dessa região são: pequenas e médias propriedades, imigração alemã da mesma época que Santa Cruz. Segundo a empresa, o fato das lavouras se localizarem, na sua maior parte, no município de Rio Pardo, deve-se à maior possibilidade de mecanização (topografia), maior facilidade para isolamento de lavouras, pois estas estão em propriedades mais distanciadas uma das outras e, pelo fato dos produtores trabalharem com culturas que permitem que eles se dediquem mais à lavoura do milho e não tomem muito o seu tempo como é o caso do fumo.

Além destes motivos levantados pela empresa, nós acrescentaríamos o fato desta região ser servida por uma estrada Federal, a BR 471, que facilita o acesso entre a usina de beneficiamento e as propriedades. A lavoura mais próxima da usina estava localizada a 13 quilômetros de distância e as mais distantes em torno de 70 quilômetros.

Entre os fatores observados, o isolamento da área é, sem dúvida, o fator mais importante na produção de sementes híbridas. Isto porque não podem existir lavouras de milho comercial a uma distância mínima de 200 metros, o que comprometeria a qualidade das sementes devido a polinização que poderia haver.

A produção de sementes é fiscalizada por uma comissão estadual que disciplina o cultivo para sementes. Na tabela número 3, podemos observar as distâncias mínimas de isolamento exigidas por esta comissão, para o caso de lavouras de cultivares de mesma e cor e textura.

TABELA 3

**NORMAS DE ISOLAMENTO DAS LAVOURAS DE MILHO HÍBRIDO.**

DISTÂNCIA MÍNIMA DE ISOLAMENTO (m)	Nº MÍNIMO DE BORDADURAS (POLINIZADOR)	
	CAMPO - ATÉ 10 ha	CAMPO - ACIMA 10 ha
125,0	0	0
112,5	2	1
100,0	4	2
87,5	6	3
75,0	8	4
62,5	10	5
50,0	12	6
37,5	14	7
25,0	16	8

FONTE: Comissão Estadual de sementes e mudas do RS. Normas para a produção de sementes fiscalizadas de milho 1982.

É importante explicar que as bordaduras são fileiras de milho macho que devem ser plantadas nas bordas da lavoura para proteger a qualidade das sementes híbridas; quanto mais próxima estiver uma plantação de milho, mais bordaduras serão necessárias.

Além das bordaduras quando necessário, utiliza-se para a produção de híbrido simples a proporção de quatro plantas femininas para uma masculina. Na lavoura a distribuição é feita com duas linhas de plantas masculinas alternadas com oito linhas femininas; isto para se produzir híbridos duplos. Para a produção de híbrido triplo, utilizando-se como pai uma linhagem, a proporção utilizada é de três plantas femininas para uma masculina. Cabe ainda lembrar que a contaminação de lavoura vai ser facilitada se não houver obstáculos entre ela e uma outra. Um campo aberto ou um açude possibilitam maior contaminação, o que será dificultado se houver uma mata entre elas.

O ciclo do milho, propriamente dito, começa em meados de julho e agosto quando são feitas a aração e a gradagem. Normalmente, são feitas uma aração e duas ou mais gradagens. Este trabalho na sua grande maioria é feita pelos próprios produtores, já que todos possuem trator. Também neste momento é feito, quando necessário, a adubação do solo que é composta, basicamente, de calcáreo (4000 kg/ha) em média de 4 em 4 anos e

eventualmente de nitrogênio e uréia. A empresa normalmente indica a quantidade de calcário após realizar análise de solos, que é feita todos os anos. Além disto existe um histórico de cada lavoura que é feito pelos técnicos agrícolas da empresa.

Todos estes cuidados por parte da empresa têm como meta o aumento da produtividade que, obviamente, implica em redução de custos. Para se ter uma idéia da produtividade ela gira em torno de 5.500 kg/ha, bem acima da média do Estado do Rio Grande do Sul, 1.700 kg/ha e do Brasil, 1.735 kg/ha (IBGE, safra 1981/1982).

Já a semeadura do milho é feita no período de 15 de agosto a fins de setembro, período este quando, segundo os técnicos da empresa, a precipitação de chuva na região é a mais adequada ao cultivo do milho. Na lavoura de produção de sementes há linhas de plantas masculinas e de plantas femininas. A proporção utilizada é de quatro plantas femininas para uma masculina. A semeadura de machos e fêmeas é feita em dias diferenciados já que eles possuem épocas diferentes de emissão de grãos de pólen. Todo este trabalho é comandado pelos técnicos e feito pelo produtor.

Depois da semeadura, enquanto a altura da planta permite, é feito a capina com o trator. Na segunda metade de novembro até a primeira quinzena de dezembro é realizada a quebra de pendão ou despendoamento. Esta é a etapa de maior importância para a produção de sementes híbridas de milho. Os técnicos da empresa neste período, trabalham incessantemente, já que são necessários vistorias periódicas às lavouras, para verificar o despendoamento.

O despendoamento deve ser rápido, para evitar ao máximo a ocorrência de autofecundação. A área de lavoura de sementes é na média de 20 a 40 hectares. O número de pessoas para realizar o despendoamento em lavouras deste tamanho são entre 35 a 50 pessoas. Estas pessoas são os bóia-frias que são trazidos da periferia das cidades (Santa Cruz do Sul e Rio Pardo) ou proveniente de bairros rurais. Caminhões e ônibus são usados no transporte dos trabalhadores que são muitas vezes arregimentados por um "chefe de turma" (gato). O despendoamento é realizado por trabalhadores que se deslocam entre as fileiras das plantas fêmeas. O número de dias gira entre 5 e 7 dias. O pagamento dos trabalhadores é feito pelo pequeno proprietário que recebe financiamento bancário para este fim. Em outro momento será analisado a relação bóia-fria e produtor de

milho híbrido. Neste momento vale a pena assinalar que os recursos gastos com o bóia-fria pelo produtor podem se tornar prejuízo caso a safra seja frustrada.



Foto - Safrista na lavoura fazendo o despendoamento do milho.

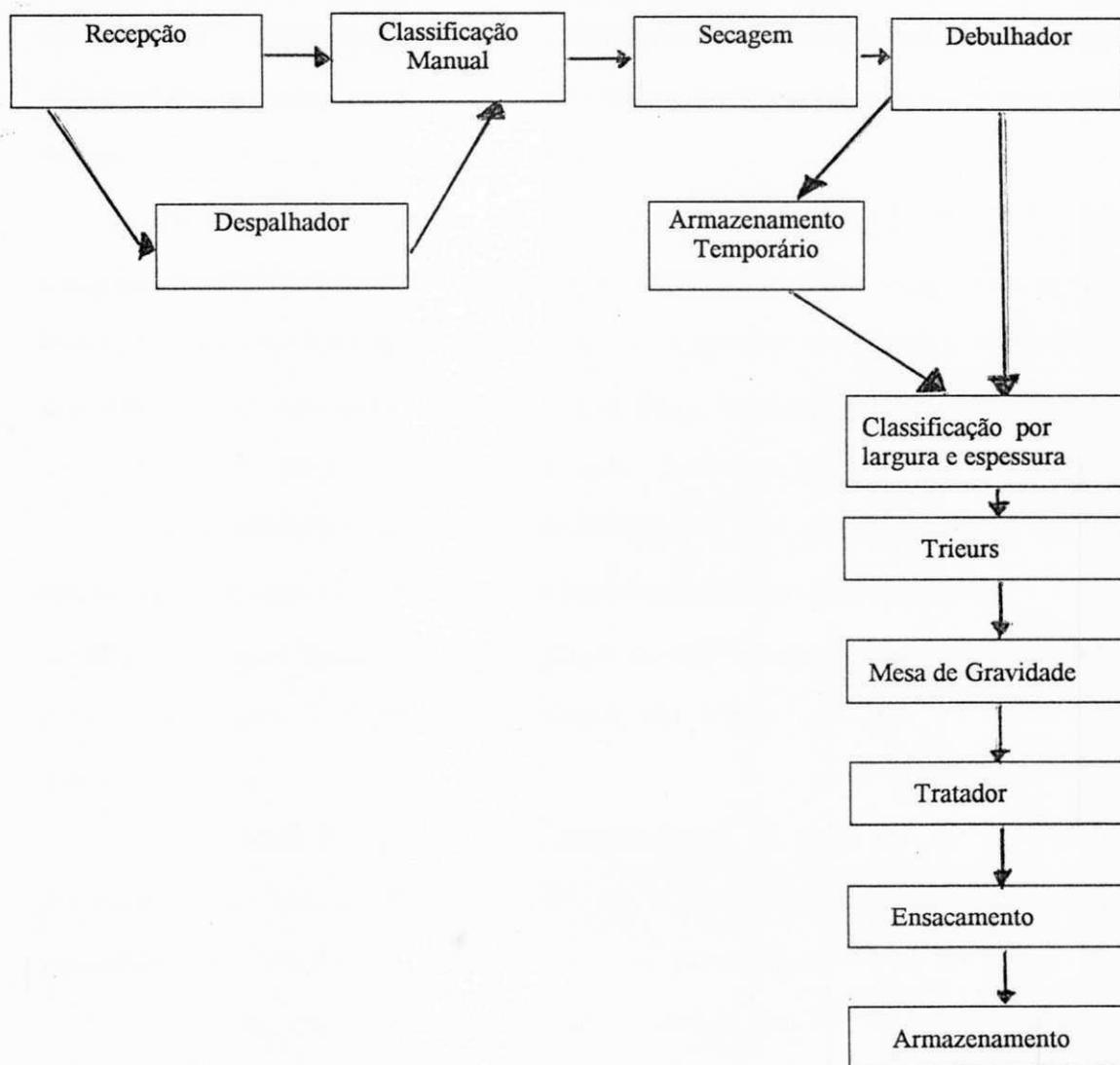
A próxima etapa da produção do milho híbrido será a colheita, sendo que esta exige, também, cuidados especiais.

A colheita ocorre quando, após a maturação fisiológica, os grãos apresentam cerca de 35% da umidade, isto normalmente acontece no mês de fevereiro. Para isto, os técnicos da empresa percorrem as lavouras com um aparelho que determina a umidade através da resistência à passagem de corrente elétrica criada pelos grãos. Este aparelho é importado dos Estados Unidos da América. Como é necessário que exista uma uniformidade nas sementes produzidas, a colheita deve ser feita da forma mais rápida possível.

Novamente o trabalhador volante volta à lavoura. O tempo necessário para a colheita dá uma média de um homem por hectare em 15 dias. Como normalmente as lavouras tem até 40 hectares, são utilizados em torno de 50 trabalhadores para que o milho seja mais uniforme possível. É importante salientar que a umidade do milho será um fator importante no cálculo do preço a ser pago ao produtor. A pessoa que realiza a colheita "quebra" a espiga, retirando-a da planta, despalhando logo a seguir e colocando a mesma em um saco. Posteriormente, um caminhão que é contratado pela empresa levará o milho para a unidade de beneficiamento. Na colheita de 1986 com a condenação das lavouras por causa da seca, mais de 50% do milho que restou foi colhido a máquina.

Na produção de sementes, o beneficiamento irá dar o preparo final na semente, antes da mesma ser colocada no comércio. Todas as etapas do beneficiamento, vão influir na qualidade das sementes. O fluxograma na unidade de beneficiamento de Santa Cruz é o seguinte:

## O FLUXOGRAMA NA UNIDADE DE BENEFICIAMENTO



Cabe esclarecer que Trieurs é um cilindro alveolado que separa as sementes em função do tamanho.

É importante salientarmos que é na recepção da empresa que será pesada a produção de cada produtor. Assim, a palavra que vale é a da empresa, o produtor tem

somente uma idéia do volume de sua produção. O preço a ser pago pelo quilo de milho já foi previamente acertado entre a empresa e alguns produtores considerado por ela como os "mais esclarecidos".

### **2.3 Caracterização da Unidade Produtora de Milho Híbrido no Vale do Rio Pardo**

Nesta parte do capítulo procuraremos caracterizar as unidades produtoras de milho híbrido. Para isto apresentaremos indicadores sobre o tamanho da propriedade, tamanho das lavouras de milho, a produção de outros produtos, a composição da força de trabalho e a tecnologia utilizada na produção.

Os dados que servem de base para a análise feita neste capítulo, provém, principalmente, de um levantamento que fizemos em 1986 com todos os produtores de milho da empresa. Este levantamento foi feito por um questionário com 39 questões e se encontra nos anexos deste trabalho. Além disto, anotações feitas durante conversas com os produtores e com funcionários da Pioneer Sementes são também utilizadas.

Os produtores de milho híbrido são, na sua grande maioria, proprietários das terras que cultivam. De acordo com o levantamento que realizamos, 90% são proprietários e 10% são arrendatários. O percentual de 90% representa 45 produtores em termo absolutos, destes 6 produtores plantam em terras que são da família e não suas individualmente.

Deste total de 45 produtores proprietários, 32 deles possuem propriedades de até 50 hectares, se acrescentarmos a eles os 5 produtores arrendatários chegaremos a 37 produtores ou 74% do total de produtores que possuem de 0 a 50 hectares.

Portanto, os produtores de milho híbrido são na sua grande maioria pequenos proprietários. Enquanto que 14% possuem propriedades de 50 e 100 hectares e 12% possuem propriedades de 100 e 250 hectares.

TABELA 4

<b>DISTRIBUIÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS SEGUNDO O TAMANHO</b>		
Nº HECTARES	Nº PRODUTORES	%
0 - 10	11	22
11 - 20	10	20
21 - 30	8	16
31 - 40	5	10
41 - 50	3	6
51 - 60	3	6
61 - 70	0	0
71 - 80	3	6
81 - 90	0	0
91 -100	1	2
101-150	0	0
151-200	4	8
201-250	2	4
<hr/>		
TOTAL:	50	100

FONTE: Trabalho de campo

A propriedade da terra, segundo as informações obtidas através do questionário, foi conseguida através de herança e compra por 42% dos produtores, 22% dos produtores adquiriram a propriedade através da compra, enquanto 10% se tornaram proprietários somente através de herança, já 10% não possuem terras e 8% produzem em terras da família.

No que se refere ao tamanho da área cultivada com milho por produtor, observamos na tabela 5, que o produtor modal é aquele que planta de 6 a 10 hectares com milho híbrido. A grande maioria dos produtores 80%, plantam até 20 hectares de milho híbrido. O percentual que cultiva de 21 a 30 hectares corresponde a 14% e somente 6% cultivam mais de 30 hectares. Estes dados caracterizam a lavoura de milho híbrido no Vale do Rio Pardo como sendo de pequeno porte, com uma única exceção, já que existe

uma lavoura de 130 hectares. Esta é a estrutura fundiária da região, que como vimos no primeiro capítulo se originou com a vinda de emigrantes alemães.

TABELA 5

**DISTRIBUIÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS  
SEGUNDO A ÁREA PLANTADA COM MILHO HÍBRIDO**

HECTARES	Nº PRODUTORES	%
1 - 5	4	8
6 - 10	16	32
11 - 15	10	20
16 - 20	10	20
21 - 25	3	6
26 - 30	4	8
31 - 40	1	2
41 - 50	1	2
130	1	2
TOTAL	50	100

FONTE: Trabalho de campo

Um outro dado que nos parece fundamental é o fato de que todos os produtores, inclusive os arrendatários, possuem criação e/ou cultivo para consumo próprio. Os produtos mais citados foram: feijão, mandioca, batata, frutas, verduras, leite e carne. Este dado significa que parte da reprodução dos produtores enquanto tal, é garantida por esta produção de subsistência.

Quando perguntamos sobre a existência de criação e/ou cultivo para venda, além do milho híbrido, a resposta foi positiva entre 90% dos entrevistados. O produto mais citado foi o fumo seguido da soja. Esta posição do fumo não nos surpreende, já que a região é a maior produtora de fumo no Brasil, e os agricultores possuem tradição neste cultivo. Mas, o importante é sabermos que 90% dos entrevistados possui outras alternativas de produção e não dependem unicamente do milho híbrido como produto para venda. Este fato nos leva às seguintes constatações: o ciclo de produção do milho híbrido dura em média 6,5 meses. O agricultor, portanto, dispõe de tempo para se dedicar a outras produções. Além disto, muitos agricultores produzem outras culturas de verão juntamente com o milho, como é o caso do fumo. O fato de ser o fumo a outra produção mais citada nos dá a certeza de que este produtor está articulado com outra agroindústria, no caso a agroindústria do fumo. Do ponto de vista do agricultor esta dupla articulação é vista como

uma estratégia que lhe permite a reprodução enquanto produtor. Para as empresas, que fazem hoje mais do que nunca, o discurso da diversificação, este fato pode determinar que o preço pago pelos produtos seja menor, já que os ganhos monetários necessários pelo pequeno produtor para a sua reprodução, não dependem exclusivamente, de um produto. Ainda sob a ótica do produtor, esta dupla articulação também pode ser vantajosa pelo fato de utilizar uma área de terra que teve seu solo corrigido para outras culturas.

Na tabela 7 observamos o resultado da pesquisa quanto ao tempo que o produtor planta para a empresa. Encontramos desde o produtor que produz pela primeira vez até aquele que produz há 13 anos, ou seja, desde a instalação da empresa na região. O produtor que planta pela primeira vez é minoria apenas 6%, enquanto que o produtor modal é o que planta de 2 a 3 anos, 26% do total. Já os produtores que plantam a mais de dez anos representam 18% do total. A empresa tem a preocupação de destacar aqueles produtores que completam 5, 10 e 15 anos de plantio para ela, através de matérias nos jornais da região, bem como aqueles que se distinguem com maior produtividade. Além da entrega de troféus, alguns produtores recebem prêmios como despesas pagas para alimentação e hospedagem nos Estados Unidos da América, aonde visitam plantações e usinas de beneficiamento da Pioneer. A viagem tem que ser paga pelo produtor, o que inviabiliza o prêmio para muitos.

TABELA 6

**DISTRIBUIÇÃO DOS PRODUTORES SEGUNDO  
O TEMPO DE VINCULAÇÃO COM A EMPRESA**

Nº DE ANOS	Nº PRODUTORES	%
1	3	6
2 - 3	13	26
4 - 5	8	16
6 - 7	8	16
8 - 10	9	18
11 - 13	9	18
TOTAL	50	100

**FONTE:** Trabalho de campo

#### **2.4 A composição da força de trabalho da unidade produtora de milho híbrido**

O primeiro aspecto que devemos atentar quando observamos o quadro familiar, se refere a 8 questionários que não possuem informação. Isto acontece por serem as pessoas titulares - constam no cadastro da empresa e do banco como produtores - membros da família de outros produtores. São filhos, genros, sobrinhos, que residem na mesma propriedade que outros produtores, e, portanto, estão contabilizados lá. O trabalho é feito de forma coletiva, isto é, a totalidade dos adultos trabalham em ambas as lavouras.

Na sua grande maioria, os produtores de milho trabalham a terra com sua própria família, 92% do total, somente 8% deles contam com empregados permanentes.

## QUADRO 1

## QUADRO FAMILIAR

UNIDADE PRODUTIVA	Nº ADULTOS NA PROPRIEDADE	CRIANÇAS	EMPREGADOS
1	3	-	5
2	2	-	-
3	3	1	-
4	6	2	-
5	4	-	-
6	5	-	-
7	5	-	1
8	3	-	-
9	*	-	-
10	6	1	-
11	*	-	-
12	*	-	-
13	5	1	-
14	-	-	-
15	5	1	-
16	2	-	-
17	5	1	-
18	3	1	-
19	3	-	-
20	*	-	-
21	3	1	-
22	*	-	-
23	3	-	-
24	4	2	-
25	5	1	-
26	5	-	-
27	5	-	-
28	3	-	-
29	9	2	2
30	5	-	-
31	2	-	-
32	11	-	-
33	6	1	-
34	8	2	-
35	*	-	-
36	3	1	-
37	4	2	-
38	4	-	1
39	6	-	-
40	5	2	-
41	6	1	-
42	4	2	-
43	6	-	-
44	4	2	-
45	*	-	-
46	4	1	-
47	2	-	-
48	3	1	-
49	7	1	-
50	5	3	-

FONTE: Trabalho de Campo

\* Unidades produtivas correspondentes a parcela do filho ou do sobrinho no caso da dupla propriedade associativa.

Separamos os membros das famílias em adultos e crianças. Crianças foram assim consideradas aqueles indivíduos que possuem até 12 anos.

As famílias que têm a presença de crianças representam 55%, enquanto que as famílias que não declaram a presença de crianças somam 45%. É importante salientar que entre as crianças que se encontram nas propriedades a mais velha possui 8 anos.

A presença de 2 adultos nas unidades produtivas ocorre em 9% delas. Já, aquelas unidades produtivas que dispõem de 3 adultos para realizar as suas tarefas somam 22%. Em 16% das unidades são 4 adultos a trabalhar, enquanto que a unidade produtiva modal é aquela que conta com 5 adultos, elas somam 26%. As unidades produtivas que dispõem de 6 adultos chegam a 16%. O percentual de 2% se refere às unidades que contam com 7,8 e 9 membros todas com 2%. Já 4% das unidades produtivas possuem 11 membros adultos, este foi o número máximo de adultos encontrados por unidade.

É importante lembrar que esta mão-de-obra produz não somente sementes de milho híbrido, mas também a produção de subsistência e outras produções voltadas ao mercado. As mulheres além de cuidarem das atividades domésticas (cozinhar, lavar, costurar, passar, cuidar das crianças etc.) são as principais responsáveis pela horta, bem como pelos cuidados com os animais menores, porcos e galinhas. Além disto, participam muitas vezes da capina. Os homens realizam as tarefas consideradas mais pesadas como: lavrar, fazer cercas, cultivar, capinar e colher.

A jornada de trabalho das famílias de produtores inicia as 7 horas se estendendo até as 12 horas. Pela tarde o trabalho reinicia às 14 horas e vai pelo menos até as 19 horas.

Quanto a questão da mão-de-obra temporária, existem dois momentos em que a composição da força de trabalho da unidade produtora de milho híbrido se altera, e estes momentos são o do despendoamento e o da colheita. Isto acontece porque a produção de sementes de milho híbrido exige que a quebra do pendão e a colheita devem ser da forma mais rápida possível.

Portanto, a rapidez no despendoamento tem a função de evitar a auto-fecundação das plantas. Já na colheita, a rapidez possibilita uma uniformidade das sementes produzidas. Daí a necessidade de trabalhadores temporários que, aqui na região são chamadas de safristas.

O número de trabalhadores safristas que encontramos por propriedade para realizar o despendoamento varia entre 4 e 200 pessoas. A quantidade de trabalhadores varia basicamente em função do tamanho da lavoura. Já o tempo necessário para o

despendoamento variam entre 4 e 30 dias. As variáveis que influenciam nisto são: tamanho de lavoura, número de pessoas e uniformidade no desenvolvimento das lavouras. Se as plantas apresentam diferença de desenvolvimento na mesma lavoura, será necessário o despendoamento em dias diferentes. Além dos safristas, os técnicos da empresa se fazem presentes na lavoura para fiscalizar, já que não pode restar nenhum pendão nas linhas femininas.

O momento da colheita é outro momento em que os safristas se fazem necessário. O número de trabalhadores safristas encontradas na propriedade variou de 10 a 100. A média de trabalhadores safristas para a colheita que encontramos foi de 50 trabalhadores por propriedade. Cabe salientar que com a seca que ocorreu nos meses de dezembro e janeiro, muitas plantações foram condenadas, isto significando que a empresa não comprou o milho. Portanto, algumas famílias não necessitaram de safristas. Mas o que nos interessa salientar é o fato de existir uma alteração na composição da força de trabalho da propriedade produtora de milho híbrido. Esta alteração é causada, pela exigência da empresa que impõe o ritmo de trabalho de acordo com o seu padrão tecnológico. E ao produtor, na medida em que se encontra subordinado à empresa, só resta obedecer as suas determinações. O contrato assinado entre ambos prevê inclusive o pagamento de multa por parte do agricultor que não seguir as orientações técnicas da empresa.

É importante destacar o fato da Pioneer Sementes ter importado três colheitadeiras de milho dos Estados Unidos da América e estar introduzindo o seu uso na safra de 1986. No futuro próximo possivelmente teremos somente máquinas ao invés de trabalhadores safristas na colheita. Muitos agricultores, cerca de 40 % utilizaram a máquina colheitadeira, O interessante é que eles não sabem se a máquina é alugada ou emprestada, esperam a entrega das sementes para ver se o dinheiro que receberão virá com desconto do aluguel da máquina. A empresa nos informou que na safra 86, a máquina colheitadeira não seria cobrada devido à quebra da safra.

Os produtores na sua totalidade nos declararam a preferência pela máquina ao invés dos trabalhadores para realizarem a colheita.

O que impede que isto aconteça é o número insuficiente de colheitadeiras.

A seguir transcrevemos alguns depoimentos dos produtores sobre os boias-frias e também sobre o uso da colheitadeira:

*"Para nós é vantajoso colher a máquina, é mais econômico, só que a gente não pode sempre usar a máquina da Pioneer."*

*(...) " O que a gente se incomoda com este pessoal da lavoura, da briga, facada, é horrível, é difícil controlar."*

*(...) " Nunca colhi à máquina, este ano é que colhi, achei bastante vantajoso, a gente não se incomoda tanto com o pessoal."*

Fica evidente que os produtores preferem a máquina, e dois motivos básicos são apontados: a "incomodação" com os safristas e a questão econômica. Na colheita os safristas recebem por quilo de milho colhido. Alguns produtores alegaram que, muitas vezes, além do milho o saco contém terra e pedra para dar mais peso. O milho ao ser colhido, deve ser descascado. No dia em que acompanhamos os safristas na lavoura, verificamos que primeiramente, colhiam o milho formando montes entre as linhas e, posteriormente, descascavam e ensacavam o milho. A máquina além de colher, descasca e ensaca o milho.

O safrista via de regra é um morador das cidades próximas, Rio Pardo e Santa Cruz do Sul, ou de vilas rurais, e faz parte do exército industrial de reserva. Muitos deles trabalham como safristas também nas indústrias do fumo da região.

#### **2.4 A relação entre a empresa e o produtor rural**

O vínculo existente entre os produtores e a empresa é formalizada através de um contrato denominado "Contrato de Empreitada Rural para a multiplicação de sementes de milho híbrido". Este contrato é composto por dezenove cláusulas, que exprimem a relação de subordinação existente entre as partes.

A primeira cláusula define os termos utilizados no contrato. As cláusulas que vem a seguir versam sobre as obrigações da empresa e do produtor, que é chamada de cooperante no contrato. Uma cópia deste contrato encontra-se nos anexos deste trabalho.

Por este contrato o agricultor obriga-se a entregar toda a produção para a empresa, o que se por um lado representa um mercado garantido, por outro se apresenta como um

mercado oligopolizador. Para o agricultor isto significa na prática a não existência do poder de barganha.

Um outro ponto fundamental do contrato no nosso ponto de vista, é que o contrato tira do produtor o poder de tomar decisões. Já que a cláusula quinta obriga o agricultor a "entender as orientações técnicas que lhe forem transmitidas por técnicos da empresa". E estas orientações alcançam todo o processo de trabalho do produtor de tal forma que as datas do plantio e da colheita, os tratos que a cultura do milho deve sofrer devem ser seguidas a risca. Caso contrário o produtor pode ser penalizado com um pagamento de multa a empresa - cláusula sétima.

Não resta dúvida que à subordinação técnica de produção da empresa, acaba com a autonomia do produtor e impõe o ritmo do capital industrial ao máximo.

Este procedimento também faz com que o produtor se obrigue o consumir insumos industriais tais como adubo, uréia e implementos agrícolas.

No entanto, cabe ressaltar que antes de se concretizar a assinatura do Contrato a empresa avalia o potencial do produtor. Na verdade, este é um ponto fundamental para que a empresa tenha um produto com a qualidade que deseja. Em um material de publicidade da empresa podemos observar este aspecto:

*"Todos os agricultores selecionados pela empresa deverão ter demonstrado habilidades no manejo da cultura, bom nível tecnológico, boas condições físicas de terreno e solo, mas sobretudo, disposição para seguir estritamente as orientações dos técnicos da Pioneer."*

Isto dito por um técnico agrícola que entrevistamos ficou assim:

*"O produtor é escolhido entre aqueles produtores que se destacam como bons trabalhadores, que não sejam preguiçosos e tenham iniciativa."*

Na estratégia da empresa, o mecanismo de seleção dos produtores tem a função de predispor os mesmos a aceitarem como benéficos as modificações no seu ritmo de trabalho.

A empresa desta forma acaba escolhendo entre os produtores, aqueles que segundo seus critérios são os melhores. Aqueles que ela avalia, se subordinaram com mais disciplina aos seus ditames. Esta avaliação é feita pelos técnicos agrícolas e agrônomos da empresa.

Após a assinatura do contrato, os produtores rurais tinham acesso aos recursos do Banco do Brasil que serviam para custear a produção. O financiamento é utilizado pelos produtores para a compra de insumos como: adubo, uréia, defensivos, óleo diesel, pagamento de trabalhadores safristas.

Muitos produtores se queixaram do fato de terem muitos gastos com a produção e terem que correr muitos riscos para terem algum ganho. Outros produtores afirmaram que o financiamento não cobria os custos de produção. O gerente de produção da Pioneer nos afirmou que o financiamento da produção de sementes tem um acréscimo de 37% em relação as outras culturas. Isto em função desta produção ser mais dispendiosa.

Ainda em relação ao financiamento bancário, os produtores foram unânimes em afirmar que a empresa não servia de avalista nesta safra, o que ocorria em safras anteriores. Este fato fez com que 36% dos produtores recorressem a familiares ou vizinhos, para que estes servissem de avalista. Já 64% dos produtores declararam que obtiveram o empréstimo através do seu próprio cadastro no banco, isto significa que suas terras e tratores serviram de garantia. Quando indaguei a técnicos da empresa porque haviam mudado de procedimento, a resposta foi no sentido de que teriam ocorridos problemas na safra anterior.

No que diz respeito ao preço do milho, o contrato que era assinado em agosto estipulava o preço que seria pago até 60 dias depois da safra. O preço era indexado pela inflação. O preço básico a ser pago pela empresa, segundo informações colhidas junto ao setor de produção pelo quilo de semente de milho, era negociado com alguns produtores considerados "mais esclarecidos". É evidente que este conceito é bastante subjetivo, e na prática a empresa escolhia os produtores com quem negociava o preço. A seguir apresentamos um quadro em que podemos ter uma idéia dos rendimentos obtidos pelos produtores com a produção do milho híbrido.

**QUADRO 2**  
**MÃO-DE-OBRA EXISTENTE NA PROPRIEDADE E**  
**RENDIMENTOS AUFERIDOS PELOS PRODUTORES**

Unidade Produtiva	Mão-de-obra Disponível Safra 85/86	Safra 84/85		Safra 85/86	
		Área plantada em hectares	Rendimento líquido em Salários Mínimos	Área plantada em hectares	Rendimento líquido em Salários Mínimos
1	8	60	288,18	45	Prejuízo
2	2	4	54,03	4	"
3	3	18	Empatou	18	"
4	6	Não Plantava		7	"
5	4	8	108,07	12	"
6	5	4	39,02	4	"
7	6	8	102,07	14	"
8	3	20	180,02	30	"
9	-	-	-	8	"
10	6	-	42,03	27	"
11	-	11	90,06	11	"
12	-	20	33,02	20	"
13	5	7	96,06	7	Empatou
14	-	11	90,06	15	Prejuízo
15	5	4	61,24	4	"
16	2	Não Plantava		20	"
17	5	13	42,03	10	"
18	3	15	180,12	15	"
19	3	-	180,12	30	"
20	-	20	102,12	9	"
21	3	10	50,04	10	"
22	-	8	180,12	7	"
23	3	-	-	7	"
24	4	30	154,03	30	Empatou
25	5	25	120,08	25	Prejuízo
26	5	20	72,05	20	"
27	5	42	90,06	12	Empatou
28	3	27	354,23	21	Prejuízo
29	11	130	300,19	130	"
30	5	11	120,08	8	"
31	2	Não Plantava		10	"
32	11	-	114,07	10	"
33	6	7	36,02	9	"
34	8	18	-	20	"
35	-	Não Plantava		13	"
36	3	20	240,15	39	"
37	4	15	120,08	15	"
38	5	12	151,30	28	"
39	6	8	105,07	8	"
40	5	24	240,15	20	"
41	6	10	66,04	8	"
42	4	Não Plantava		12	"
43	6	10	120,08	10	"
44	4	15	-	20	"
45	-	3	32,42	3	"
46	4	10	63,04	10	"
47	2	27	162,10	10	"
48	3	10	78,05	10	"
49	7	4	33,02	4	"
50	6	8	36,02	11	"

**FONTE:** Trabalho de campo

Duas explicações se fazem necessárias para entendermos o quadro acima:

1 - A mão-de-obra disponível inclui membros da família maiores de 12 anos e empregados permanentes na safra de 85/86. Pensamos que a variação de um ano para o outro é mínima, já que a mão-de-obra é basicamente familiar.

2 - O rendimento líquido foi obtido através do rendimento que o produtor recebeu da empresa descontando-se: o pagamento do financiamento ao banco, a remuneração dos trabalhadores safristas, os gastos com adubos, uréia e defensivos, o gasto com o transporte dos safristas e do milho. Não foi descontado a remuneração dos membros da família do produtor nem o desgaste das máquinas e o óleo diesel usado. Também o salário pago pelos produtores aos empregados permanentes não estão contabilizados. Por isto o rendimento é superestimado, o valor foi declarado em cruzeiros e transformado em salário mínimo. Os salários mínimos de fevereiro de 1986 correspondia a Cr\$ 166.560,00.

O primeiro aspecto que salta aos olhos quando observamos o quadro anterior diz respeito ao fato de que na safra 85/86 todos os produtores terem declarado que tiveram prejuízo. A seca que ocorreu nesta safra ocasionou a maior quebra da produção da história do milho híbrido no Vale do Rio Pardo. Muitos produtores sequer chegaram a despendoar suas lavouras. A média de produção que normalmente ultrapassava os 5.000 quilos por hectare ficou em 800 quilos por hectare para aqueles que colheram algo, muitos nem tiveram o que colher. Em função disto achamos importante apresentarmos os dados de produção da safra 84/85 que foi uma safra considerada normal. Mesmo assim encontramos uma grande disparidade no rendimento obtido pelos produtores. As razões de desta disparidade podem ser muitas. A falta de umidade numa determinada região, a qualidade do solo, a ocorrência de doenças e pragas em algumas lavouras, o uso apropriado ou não de adubos e fertilizantes, tudo isto contribui para uma maior ou menor produção. Além disto a diferença entre as áreas das lavouras vai determinar o maior ou menor rendimento do produtor. Nos rendimentos líquidos recebidos pelos plantadores o menor valor declarado é o da unidade produtiva 3 que diz não ter auferido nada após descontar as despesas com o custo de produção dos 18 hectares que cultivou. Na outra extremidade se encontra a unidade produtiva 28, cujo produtor declarou ter alcançado um rendimento líquido de 354,23 salários mínimos com uma lavoura de 27 hectares. Se

levamos em consideração que são três os adultos existentes nesta unidade produtiva chegaremos a uma média de 118 salários por adulto.

No tocante ao rendimento obtido por hectare plantado o maior índice alcançado é da unidade produtiva 22, que conseguiu atingir o índice de 22,5 salários mínimos por hectare.

O fator que mais influenciou nestas duas altas médias de rendimentos obtidos, foi a alta produtividade das lavouras que se situou ao redor dos 9.000 quilos por hectare.

Mas vamos as médias obtidas pelo conjunto dos produtores. Nos 38 questionários que podemos aproveitar os dados referentes ao rendimento líquido e a área plantada chegamos a uma média de 8,2 salários mínimos por hectare plantado. Já nos 35 questionários que informaram o rendimento e o número de adultos na propriedade a média chegou a 27 salários mínimos para cada adulto. Estas médias nos revelam índices que dificilmente seriam alcançados pelos produtores familiares com outro tipo de produção. Por outro lado, a safra 85/86 mostra o grande risco que o produtor de milho híbrido está submetido.

A totalidade dos produtores quando do financiamento do banco também fizeram um seguro, o proagro, que cobria 80% deste financiamento. Os restantes 20% os produtores terão que cobrir com recursos obtidos com outras culturas. No caso disto não ser possível e também no caso dos 5 produtores que só produziam milho híbrido existem duas alternativas: a tentativa de refinanciamento da dívida com o banco ou a venda de parte dos seus patrimônios.

Esta situação explica em parte o fato da quase totalidade dos produtores reclamarem dos preços pagos. Os depoimentos a seguir comprovam isto.

*" o preço do milho semente tá no mínimo 40% aquém do que deveria ser".*

*" O preço do milho está baixo. Antes sempre sobrava mais dinheiro para nós, parece que a firma está arrochando"*

*"Acho que o preço do milho que a pioneer dá está devassada uns 40% do preço real, mesmo com a correção."*

Este descontentamento dos agricultores, no entanto, não mudou os preços pagos pela empresa.

Houve inclusive uma tentativa de negociação por parte de 15 agricultores, que segundo nos relatou um deles não surtiu efeito. Até porque os contratos já estavam assinados e estipulavam o preço a ser pago.

A relação de subordinação que se estabelece entre produtor e empresa, tem na extensão rural realizado pelos técnicos da pioneer, um de seus principais pilares de sustentação. São eles que acompanham e fiscalizam passo a passo todos os momentos da produção. Além de participarem da seleção dos produtores, os técnicos após a análise do solo, indicam um receituário que o produtor deve seguir para fazer a correção das suas terras. Todos os produtores responderam que a empresa exige a colocação de calcáreo. O que variou na resposta dos produtores foi o tempo que levam para fazer nova correção. Alguns disseram ser de 2 em 2 anos, outras disseram ser de 6 em 6 anos. O maior número de agricultores respondem que de 4 em 4 anos colocam novas cargas de calcáreo na lavoura. Além do calcáreo, adubos e uréia, são receitados para o preparo do solo. O controle de pragas e insetos quando necessário é feito com inseticidas.

A frequência com que o técnico aparece na propriedade segundo os produtores é diária durante o ciclo do milho e semanal fora dele. Alguns produtores vem esta visita como algo bom e necessário.

No entanto, outros, vem como desnecessário e intervindo na sua autonomia, é o caso do depoimento a seguir:

*" O técnico da empresa vem seguido, diariamente. O agricultor desta maneira parece até que é ignorante e que não sabe lidar com a terra. Olhamos TV, somos informados. A gente até parece empregado".*

Está evidente que este pequeno produtor sente a sua autonomia rompida. A indignação frente a perda do seu livre arbítrio aparece na frase "A gente até parece empregado".

De fato, existe no ciclo do milho para semente, um controle total sobre o processo de trabalho do pequeno produtor, exercido pelo capital industrial. O capital subordina o processo de trabalho tal como ele se desenvolvia anteriormente e ao subordiná-lo imprime nele suas marcas.

## 2.5 A CONCEPÇÃO DOS PEQUENOS PROPRIETÁRIOS SOBRE SUAS RELAÇÕES SOCIAIS

As experiências de vida dos pequenos produtores são os condicionantes maiores de sua visão de mundo. A maioria dos produtores nasceu, cresceu e vive no mesmo lugar. Além disto, a frequência a escola, na maior parte dos casos, se deu no máximo ao antigo primário. A luz elétrica é um fato relativamente recente (final da década de 70) para a maioria deles, e com ela, a televisão. O universo imaginário dos produtores é ainda marcado por uma situação social de pouca variação. Eles são, na sua grande maioria, filhos de pequenos produtores e continuam pequenos produtores. Certamente todas essas variáveis contribuem para formar uma visão de mundo singular.

Quando perguntamos aos produtores como se julgam em relação a outros produtores, 85% responderam "na média", nem pior, nem melhor. Já quando indagamos se a sua situação melhorou ou piorou em relação à infância, 90% dos produtores responderam que melhorou. Segundo estes, a situação melhorou por terem conseguido comprar mais terra e maquinário. Isto trouxe como consequência mais recursos financeiros e mais conforto. Mas, apesar de acharem que estão em situação melhor do que na infância, não prevêem a mesma situação para os seus filhos. Os produtores que acham que os filhos terão menos sorte, somam 56%. Segundo os agricultores, o futuro não será bom por causa da situação atual da agricultura, os juros dos bancos e a inflação. Tudo isto, segundo eles, não possibilitará que seus filhos vivam bem, como agricultores. Para ter uma profissão na cidade é preciso ter dinheiro para estudar, e isto nem sempre é possível. No entanto, para 26% dos produtores, o futuro será melhor para os filhos. As principais justificativas para isto são: "Posso ou pude dar estudo", "não terão que partir de baixo como eu". Já 18% não souberam responder, acham que é imprevisível.

No entender dos produtores, o futuro seria melhor se pudessem comprar mais terra; 92% deles comprariam terra em primeiro lugar, se tivessem mais recursos. A terra

se apresenta pois, para o produtor, como fator determinante da sua autonomia e da sua reprodução.

No que diz respeito a concepção do produtor sobre si mesmo enquanto trabalhador, esta é bastante complexa. Pelo menos três papéis que ele desempenha na sua vida real contribuem para isto: o de produtor familiar, o de produtor de empresa e o de patrão do bóia-fria. Portanto o agricultor que está articulado com o PIONEER, é um personagem ambíguo da formação social capitalista. Ao mesmo tempo que é proprietário do seu meio de produção é trabalhador. A subordinação a que está submetido, leva-o a ter a visão de que é empregado da firma e portanto do capital.

*"É difícil trabalhar por conta, nós já somos empregados destas firmas, não vê o fumo. Nós ganhamos 1%, quem trabalha ganha menos".*

*"A gente tem contrato com a firma, a gente tem que fazer como contrato manda".*

*"A coisa tá de um jeito que a gente tá trabalhando de empregado pra estas firma".*

*"Nóis é empregado, nóis é mandado em tudo, é fumo, é milho".*

*"A gente já não trabalha por conta própria, a gente trabalha pras firma grande, pras multinacional, prós bancos".*

Nestes depoimentos o pequeno produtor mostra a sua consciência em relação a perda de autonomia do seu trabalho - "Nois é empregado." Também denuncia a exploração a que está submetido - "Nós ganhamos 1%, quem trabalha ganha menos."

Os pequenos produtores desta forma se subordinam à empresa sabendo que o seu trabalho é expropriado. Sabem que a riqueza que produzem vai parar em outras mãos.

A visão que o produtor tem do seu trabalho, é a de que ele está na base de tudo, da sua sobrevivência e da própria sociedade. Vejamos:

*"Nois é que produzimo para todos viver".*

*"Eu acredito muito no trabalho, o que levanta um país e lá onde está as raízes, a lavoura".*

Apesar de ter certeza que seu trabalho é importante, o pequeno produtor de milho não se sente recompensado, pelo contrário, além de sentir subjugado pelo capital industrial, ele tem a consciência da expropriação praticada pelo capital financeiro.

*"Os bancos sacrificam. A pessoa é ralada com os juros."*

*"O pequeno agricultor está muito judiado com as firma e banco. Todos lucram em cima de ti."*

*"O preço de milho podia ser melhor. O problema é o juro do banco, que mata a gente."*

*"Sinceramente, a coisa que mais nos prejudica é o alto juro dos banco. Sem o banco o produtor não pode trabalhar e com os juros, nós trabalhamos para o banco."*

Para os pequenos produtores entrevistados, a maior unanimidade negativa é o capital financeiro. O agricultor não consegue entender a lógica perversa do sistema financeiro e busca explicações sobrenaturais.

*"Por que o Banco do Brasil quer tanto dinheiro?"*

*"O Juro é o demônio."*

Além de buscar explicações sobrenaturais para o juro, a fúria devoradora dos bancos leva o produtor a utilizar aquele que ele julga ser o pior conceito para definir algo ruim.

*"O vizinho teve que entregar a camioneta por causa do juro, bota comunismo nisto."*

Além da confusão de conceitos (o correto seria dizer "bota capitalismo nisto"), o pequeno produtor mostra com esta afirmação a força com que a ideologia capitalista o atinge. São vários os preconceitos que ele traz consigo. Algumas afirmações que veremos a seguir, sobre os trabalhadores safristas e a reforma agrária mostram bem isto.

Ao analisarmos as opiniões dos pequenos produtores sobre os trabalhadores safristas e a reforma agrária, encontramos as opiniões mais divergentes possíveis. No entanto é importante deixarmos claro que a maioria dos produtores é favorável à reforma agrária.

Como anteriormente falávamos dos preconceitos dos pequenos produtores, começaremos por aquelas opiniões que mostram isto.

*"Estas pessoas que trabalham nas colheitas, que moram nas vilas, se pode ver que não tem condições de ter terra, veja a própria casa."*

*"Sou contra a reforma agrária. Não tem que dá terra porque já tinham e perderam. Outros pedem terra e nem sabem trabalhar, pegá na enxada."*

*"O bóia-fria vive despreocupado, agora quem tá progredindo se preocupa muito mais."*

Fica evidente que as afirmações anteriores tentam imputar aos sem-terra o fato de não possuírem propriedades. Para estes produtores, a maior prova da incapacidade dos trabalhadores safristas é a miséria em que vivem. A ideologia do capitalismo mostra a sua força. "Se existe pobre, isto ocorre por culpa dele próprio". "Quem trabalha vence na vida". Estes ditados parecem refletir o que estes produtores pensam. Este preconceito pode estar sendo reforçado pelo preconceito racial, já que a maioria dos bóias-frias são negros, enquanto os produtores são todos brancos.

Outros agricultores pensam exatamente o contrário, o que deixa claro, a dificuldade em falarmos numa única concepção por parte dos produtores.

*"Reforma a agrária é um negócio bom. Tem muita terra com capim em cima. Quanta terra perdida, terra pra negociação."*

*"Acredito que a reforma agrária seja uma boa, pois tem muita gente que não tem terra. Acho que os bóias-fria podiam ter sua terra para plantar. Os que pensam que eles são vagabundos, estão errados. Não tem é serviço."*

*"Tem que fazer a reforma agrária, tem terra de sobra no Brasil."*

Muitos são os produtores que ficam numa posição intermediária, isto é, são favoráveis à reforma agrária com algumas condições.

*"Reforma agrária, para mim, não funciona, porque o governo só dar um pedacinho de terra não adianta, tem que dar tudo para poder plantar."*

*"Reforma agrária em terra não produtivas, é uma boa."*

*"É preciso educar o agricultor para trabalhar na terra. Não resolve dar o título de terra. Deveriam dar a terra, mas não o título, senão eles vendem."*

*" A reforma agrária, eu não acho que é futuro, onde produz não. Agora onde tem terra parada deve ser mexido. Alguns bóia-fria tem condições de trabalhar em uma terra. Agora, uns 50% não tem."*

Podemos observar que os produtores tendem a apoiar a reforma agrária, desde que a mesma seja feita em terras não produtivas. Certamente muitos deles já devem ter ouvido o discurso ideológico dos latifundiários de que perderiam suas terras, por isto o apoio condicionado.

Também procuramos ouvir a opinião do produtor sobre sua situação de produtor de semente de milho híbrido.

Ao interrogarmos em 1986 os produtores sobre a sua situação de produtor articulado com a empresa PIONEER, as opiniões seguiram dois rumos bastante nítidos. Para muitos, plantar milho de semente é a melhor alternativa que se apresenta no momento. É desta maneira que ele consegue se reproduzir enquanto produtor rural. Para outros plantar milho de sementes já foi um melhor negócio, está deixando de ser. Os argumentos que justificam os dois pontos de vista são muitos, vamos ouvi-los.

*"A melhor saída é o milho da PIONEER, é o mais seguro. O outro, o comercial, não tem preço fixo."*

*"É mais vantajoso se plantá para PIONEER, se sabe o preço."*

*"A PIONEER é o melhor, é só olhar o fumo. A PIONEER tem preço fixo."*

Aqui, os argumento vão todos no mesmo sentido, é melhor plantar milho para semente do que outra coisa, por que se sabe o preço que vai receber. A comparação com o fumo é inevitável, pois, como vimos anteriormente, muitos também plantam fumo. A garantia do preço é a única justificativa para se plantar o milho para semente.

Outros argumentos favoráveis ao plantio do milho para semente, vão no sentido de apontar o mercado garantido. A não necessidade de se procurar colocação para o produto é apontada como uma grande vantagem.

*" A PIONEER é a melhor que tem, a gente tem contrato e vende tudo."*

*" Antes era difícil prá gente vende o produto; eu vendia que nem um ambulante, vendia um pouquinho aqui, um pouquinho ali."*

Sem dúvida, este é o contraponto ao fato de ter só um comprador para a produção, o produtor tem a garantia de venda do seu produto.

Existem ainda os agricultores que vêem vantagem na produção do milho de semente pela assistência técnica e pelo apoio e tratamento que dizem receber da empresa.

*" Acho que a PIONEER lucra muito, mas é uma das que dá melhor assistência, te tratam bem."*

*" A PIONEER auxilia, continua sendo a melhor."*

*" A técnica que a PIONEER possui, prende o sujeito, dá garantias."*

*" A PIONEER está pagando razoável. Eles dão tudo, o técnico, a semente, a secagem"*

Já para outros produtores, o plantio do milho de semente já foi melhor. Segundo estes produtores o preço pago nas safras anteriores era melhor, além disto a empresa não fazia exigências que fez na safra de 1986.

*" O preço do milho não está muito; antes a Pioneer ainda emprestava um dinheiro, agora não dão nada, a gente entrega o produto. Só depois de um tempo eles dão o dinheiro. Uns dois meses."*

*" O preço do milho Pioneer tá pouco. A classificação agora piorou, 22 graus de umidade é o preço mínimo."*

*" O controle de qualidade complica a gente."*

*" Este ano a Pioneer está pedindo um monte de coisas, tão enchendo."*

*" Nos outros anos tanto fazia se a gente colhia milho graúdo ou miúdo. Este ano eles vão usar uma peneira e classificar o milho. Vão pagar conforme o tamanho".*

Podemos observar que as afirmações dos produtores falam de um passado que era melhor. A empresa, ao exigir uma qualidade que não exigia anteriormente, nos dá a impressão de não necessitar tanto do milho para semente como em outras safras. Este fato pode estar apontando a existência de estoques que não foram comercializados. Por outro lado, também podemos estar diante de uma estratégia da empresa que visa reduzir o número de produtores. De qualquer forma podemos observar um descontentamento ascendente por parte de alguns agricultores.

Com todos estes problemas apontados pelos produtores, a justificativa para que continuem plantando milho para semente nos parece ser só uma, falta de uma alternativa melhor. A esta conclusão podemos chegar se observarmos os depoimentos a seguir.

*" A gente aceita esta situação pela falta de alternativa, porque nos garante um pouco; para eles um produtor a menos não faz diferença, porque os outros aceitam o preço".*

*" É mais vantajoso plantar para Pioneer. Na cooperativa muita gente rouba".*

*"Eu acho que nesta hora é a única plantação que dá para se defender".*

*" Permanecemos preso a Pioneer. A classe é desunida".*

Além do discurso explícito da falta de alternativa, podemos verificar que isto acontece por serem outras alternativas piores. " Na cooperativa muita gente rouba".

Por outro lado existe à consciência da falta de união entre os produtores o que poderia levar a uma situação melhor. Isto fica mais claro nas falas a seguir.

*" O colono é desunido porque é muito desorientado. As vezes a gente vê a coisa errada mas não fala por timidez, o outro também; e acaba ficando tudo igual".*

*" Se os produtores se unissem poderiam conseguir melhores preços com a empresa".*

Como podemos observar, a falta de organização entre os produtores é apontada por alguns, como a causa da sua situação atual não ser melhor.

Como reforço a esta idéia temos o depoimento feito anteriormente por um produtor. A reunião para buscar um melhor preço para o milho junto a empresa conseguiu reunir 15 produtores. Não bastasse a distância que separa as localidades dos produtores falta a consciência da importância da união. Além disto, o fato da relação com a empresa ser uma relação de subordinação, contribui para a impotência dos produtores, já que esta relação pode ser rompida unilateralmente a qualquer momento pela Pioneer. Basta para isto que ela julgue não ser mais vantajosa para seus interesses manter esta articulação. Isto pode ser comprovado pelo que ocorreu nos anos seguintes.

### 3 A EMPRESA E OS PRODUTORES HOJE

Passado oito anos desde o início do trabalho, é natural que mudanças ocorressem no processo de produção de milho para semente. A proximidade física com os produtores, nos propiciou manter informados quanto ao fato da grande maioria deles já não produzirem milho para semente desde 1991. Hoje existem somente três produtores de milho híbrido no Vale do Rio Pardo. Para podermos perceber o que de fato estava ocorrendo, voltamos a campo no final de 1993. Por um lado realizamos entrevistas com o gerente geral da Pioneer no Brasil e com o gerente de produção da empresa, buscando dados e explicações sobre as mudanças ocorridas. Com isto procuramos vislumbrar a nova estratégia da empresa .

Por outro lado voltamos a entrevistar sete dos produtores que tinham participado das entrevistas em 1986. Destes, quatro não produzem mais para Pioneer, dois produzem só semente matriz e o outro continua produzindo semente que a empresa comercializa. Com estas entrevistas procuramos constatar a atual situação dos produtores de semente de milho de 1986. E é exatamente sobre estas mudanças ocorridas que versa este capítulo do trabalho.

#### 3.1 A ATUAL ESTRATÉGIA DA EMPRESA

##### **Missão Pioneer \***

*Nossa missão é de fornecer produtos e assistência que aumentarão a eficiência e rentabilidade dos agricultores do mundo.*

*A essência do nosso negócio é a ampla aplicação da ciência genética.*

*Buscamos garantir o desenvolvimento da essência de nosso negócio, criando novas oportunidades que realcem esta essência.*

\* Quadro afixado em dependências de empresa.

Durante o final da década de 80 e o início da década de 90, a Pioneer continuou investindo no Brasil. A ampliação da usina beneficiadora de Itumbiara, com investimentos de 4,5 milhões dólares, inaugurada em 15 de dezembro de 1990, revela que a região central do país é a que atualmente, mais tem sido alvo das atenções da empresa. Na entrevista realizada com o gerente geral da Pioneer isto foi explicitado:

*"Temos agricultores nesta parte do país que acreditam na genética. Temos gaúchos, paulistas e paranaenses. Os melhores agricultores estão lá. Usam tecnologia, cuidam do patrimônio. O nosso maior investimento deve ser no Brasil central".*

Fica claro que a empresa busca atingir uma camada de agricultores bem definida, aqueles que usam tecnologia, que como sabemos são os capitalizados. Estes interessam a empresa na medida em que buscam aumentar sua produtividade investindo em sementes melhoradas.

Em outro momento da pesquisa quando questionamos o fato das empresas concorrentes no mercado utilizarem mais a mídia eletrônica do que a Pioneer, o gerente geral voltou a se referir ao segmento dos agricultores que a empresa busca atingir.

*"Temos o segmento mais tecnificado do mercado, isto nos interessa. Nossa venda é técnica. Nossos vendedores não são bons vendedores são excelentes técnicos. 17% da área plantada com milho no Brasil produz 47% do total da produção. Estes 17% nos interessam. Por isto nós só usamos uma semana de propaganda no jornal nacional e a Agrocere e Corgil utilizam mais a mídia".*

É importante destacarmos que a Agrocere e a Cargil são as empresas que mais comercializaram sementes melhoradas no Brasil, vindo a Pioneer em terceiro lugar. Se lembrarmos que a Pioneer é a líder mundial de vendas, pode parecer um tanto estranho este conformismo em relação ao terceiro lugar que ocupa a muitos anos no mercado nacional. No entanto isto pode ser explicado pelo fato de que para empresa, mais importante do que o volume de produção é a lucratividade. O preço da semente de milho do Pioneer se encontra por volta de 2,20 dólares, e é o mais caro existente no mercado. Todo o material publicitário da empresa é voltado para destacar a maior qualidade do seu

produto frente aos demais existentes no mercado. Um dos slogans mais utilizados pela empresa é "A diferença Pioneer faz a exceção". Para dar suporte a esta afirmação a empresa publica há 5 anos resultados de concursos feitos por cooperativas em alguns estados brasileiros, onde evidentemente os seus produtos aparecem como os de maior produtividade. Isto justifica segundo a empresa o fato de seus produtos serem os mais caros do mercado.

Um outro argumento que tenta relativizar o custo da semente de milho é o fato de que o preço da semente constitui 4% e 5% do custo total da produção de milho. Nas palavras do gerente geral "é muito pouco para se ter uma boa produtividade".

A tabela a seguir mostra a divisão do mercado brasileiro de milho híbrido por empresas em 1993.

TABELA 7

**DIVISÃO DO MERCADO BRASILEIRO DE  
MILHO HÍBRIDO POR EMPRESA - 1993.**

EMPRESA	Toneladas Comercializadas/1993
Agroceres	40.000
Cargil	25.000
Pioneer	15.000
Braskalb	7.000
BR-Milho Embrapa	40.000
OUTRAS	12.000
<b>TOTAL</b>	<b>139.000</b>

Fonte: Pioneer Sementes

\*Observações: BR é como são conhecidas as sementes de milho melhoradas da Embrapa. Com base, nas sementes matrizes da Embrapa, 20 companhias produzem e comercializam o BR.

Como podemos observar, a distância que separa a Agroceres e a Cargil da Pioneer é significativo. No entanto, é importante salientarmos que a Pioneer comercializa toda a sua produção. Logo, o mercado brasileiro de semente de milho melhorado pode ser considerado um mercado em expansão pelo menos para a Pioneer. O gerente de produção na sua entrevista declarou que está faltando semente de milho híbrido no país. A empresa conta com câmaras frias nas suas usinas e pode conservar sementes de um ano para outro sem perda de qualidade, no entanto toda a produção é vendida no mesmo ano. Em um

prospecto comercial da empresa lançado no início do ano de 1994, logo na introdução a empresa chama atenção para este fato:

*"Lembre-se que a demanda de sementes marca Pioneer vem crescendo a cada ano provocando uma antecipação de compra por parte dos agricultores que desejam garantir suas cotas... Portanto, quantos antes você definir e planejar sua escolha, maiores serão as chances de obter os híbridos e quantidades desejados, com as melhores condições de preço".*

O fato de ter faltado sementes híbridas no mercado no ano de 1993, serve para que a empresa alarde a necessidade da compra antecipada, o que é ótimo para seus interesses. O marketing da empresa soube capitalizar a falta de milho.

Volta a questão da lucratividade. Segundo o gerente geral da empresa no Brasil, a Pioneer não é a empresa que mais comercializa sementes de milho híbrido no país, mas é a que possui maior lucratividade e complementa: "Estamos muito enxutos de gente, 83% do pessoal está na produção e marketing, 11% nos grupos de apoio: computação manutenção e administração." Isto possibilita segundo o gerente, que a empresa tenha uma produtividade muito boa no Brasil. Não deixa de ser curioso o fato do executivo da Pioneer colocar produção e marketing juntos quando falou do percentual de empregados. No negócio do milho híbrido tão importante quanto à produção é o marketing do produto. Por isto a empresa além do marketing convencional feito por folhetos, revistas, prospectos e comerciais nos jornais, tem investido em um projeto chamado "Áreas Polo Pioneer". Este projeto é realizado em áreas cedidas por agricultores, ali são feitos ensaios de plantio com todas as sementes híbridas que a empresa possui. Além disso ensaios de aplicação de potássio e da velocidade do plantio também são realizados. Quando os cultivos estão desenvolvidos são realizadas visitas com grupos de agricultores, que podem assim observar o desempenho dos diferentes híbridos bem como das técnicas de plantio. No ano de 1993, segundo nos informou a empresa, foram feitas 35 áreas pólos no país que foram visitadas por aproximadamente 8 mil pessoas. A meta no ano de 1994 é atingir 25 mil pessoas. Segundo o gerente geral da empresa, este é um trabalho educativo realizado junto aos agricultores, pois a partir do momento que ele visita os ensaios, o produtor vê as falhas existentes e decide fazer diferente.

No que diz respeito a situação da filial brasileira da Pioneer, o gerente geral nos informou que a subsidiária brasileira se encontra em 5º lugar entre as subsidiárias existentes em mais de cem países do planeta. As filiais da Itália, França, Alemanha e México se encontram nesta ordem, à frente da brasileira em lucros. Um aspecto importante é que nos países europeus o preço do quilo do milho híbrido se encontra em torno de 6 dólares enquanto que no Brasil não ultrapassa 2 dólares e 20 cents. Isto certamente contribui para que as subsidiárias européias da Pioneer tenham lucros maiores.

O que podemos concluir a partir das afirmações acima, é que o mercado brasileiro possibilita grandes ganhos à empresa. Além disto é um mercado que está em expansão e promete lucros maiores nos próximos anos.

Para que isto aconteça a empresa deverá aumentar a sua produção. A meta de 20% de crescimento ao ano é o que a empresa busca no Brasil e tem conseguido nos últimos anos. Segundo o gerente de produção no ano de 1991 a filial brasileira teve o melhor desempenho de todo a América Latina. Isto significou para os funcionários da Pioneer quatro salários a mais ao ano, ao invés de 13 salários ganharam 17 salários anuais. A empresa busca desta forma estimular o desempenho dos funcionários. Esta bonificação dada aos funcionários na prática pode significar um controle e exigências ainda maiores para os produtores.

A necessidade da empresa em garantir a sua matéria-prima é a maior justificativa para o fato dela ter trocado os produtos do vale do Rio Pardo pelos produtores da região de Ibirubá. Esta região se localiza a noroeste do estado e dista mais de 200 quilômetros de Santa Cruz do Sul. Segundo a empresa a mudança aconteceu pela necessidade de irrigação nas lavouras, já que muitas safras foram frustradas em função da seca. Num mercado que tem consumido a totalidade da sua produção, a Pioneer não quer correr o risco de ficar sem matéria-prima para beneficiar e poder colocar seu produto no mercado. Segundo a empresa os produtores do Vale do Rio Pardo foram consultados sobre a possibilidade de investirem em irrigação, mas somente um produtor fez este investimento. Por isto a empresa decidiu transferir a sua produção para a região de Ibirubá. Nesta região a produção de trigo e soja é que prevalece. A estrutura fundiária é bem diferenciada da do Vale do Rio Pardo. As grandes e médias propriedades ocupam a maior área, e muitos produtores de soja dispunham de irrigação feita por pivô central. Portanto a empresa

encontrou lá produtores com tecnologia e capital que necessitava. Em função disso as lavouras são maiores. Desta forma, o número de produtores diminui muito. Ao invés de 50 produtores, a usina de beneficiamento de Santa Cruz do Sul conta hoje com 10 produtores de milho para semente, o que equivale a 20% do número existente em 1986. Destes 10, 7 estão localizados na região de Ibirubá e apenas 3 no Vale do Rio Pardo. Portanto no Vale do Rio Pardo permanecem apenas 6% do universo de produtores existentes em 1986. E a tendência é diminuir ainda mais, já que destes três, apenas dois contam com irrigação feita por pivô central, o outro produtor conta com um sistema de irrigação bastante simples. Este, segundo informações da empresa, não deve plantar na próxima safra.

A seguir podemos observar a área plantada por cada produtor na safra 93/94.

TABELA 8

**ÁREA PLANTADA COM MILHO PARA  
SEMENTE POR PRODUTOR E REGIÃO.**

PRODUTOR	ÁREA	REGIÃO ONDE PLANTA
1	41	Vale do Rio Pardo
2	28,6	Vale do Rio Pardo
3	68	Vale do Rio Pardo
4	136	Região de Ibirubá
5	47	Região de Ibirubá
6	105	Região de Ibirubá
7	74	Região de Ibirubá
8	78	Região de Ibirubá
9	105	Região de Ibirubá
10	65	Região de Ibirubá
TOTAL	747,6	

Fonte: Pioneer sementes Ltda.

Como podemos observar na tabela acima, a área de produção que resta no Vale do Rio Pardo não chega a 20% do total que é cultivado. Outro dado interessante que podemos observar é o do tamanho da área que cada produtor planta. O que menos produz tem uma área de 28,6 hectares. Este produtor é o que não possui pivô central para irrigação. De qualquer forma se lembrarmos das áreas que eram cultivadas em 1986, constataremos que 86% das lavouras possuíam até 25 hectares. Portanto o menor produtor da safra 93/94 estaria entre os sete maiores da safra 85/86.

É importante vislumbrarmos as vantagens que decorreu desta mudança para a empresa, além de afastar o perigo de quebra da safra pela seca. O fato de ter menos produtores significa para a Pioneer uma diminuição de tempo gasto pelos técnicos no acompanhamento das lavouras, ao invés de acompanhar e ter que se deslocar entre 50 lavouras, agora são somente 10. As análises de solo e o receituário para a correção do solo diminuíram. As colheitadeiras não precisam também se deslocar tanto. Além disto todos os 10 produtores estão ligados ao departamento de produção da empresa por rádio, o que não acontecia em 1986, isto permite um acompanhamento maior e mais ágil da produção. Com todos estas vantagens, a maior distância entre as lavouras e a usina, se torna uma desvantagem insignificante. O resultado óbvio é mais produtividade e mais lucro. Com tudo isto uma pergunta se impõe: porque a empresa não se articulou desde o início com estes produtores que possuíam irrigação? A resposta para esta questão exige que levemos em conta uma série de variáveis, vamos a elas. A Pioneer sementes se instala em Santa Cruz do Sul e no Brasil em 1972. Nesta época a Agroceres e a Cargil, que iniciaram no norte do Paraná, já estavam instaladas há pelo menos 20 anos. Portanto a Pioneer entra depois dos concorrentes e com um material genético importado dos Estados Unidos da América, não adaptado as condições locais. Para começar a adaptar estas sementes, a empresa procura se instalar numa região em que o milho fosse cultivado. Uma região onde o cultivo do milho tivesse tradição. Ora, os produtores familiares do vale do Rio Pardo tinham esta tradição, ao contrário dos grandes produtores que historicamente viam o milho como uma produção marginal, com baixo preço no mercado. Portanto os produtores familiares que sempre utilizaram o milho como ração humana e animal dispunham de dois elementos fundamentais que interessavam a produção de sementes de milho, muitas variedades de sementes "nativas" ou "crioulas" e uma saber acumulado ao longo do tempo, na produção deste grão. Se por um lado as variedades "crioulas" enriqueceram o banco genético da Pioneer, o conhecimento no cultivo do milho certamente foi uma variável importante na decisão de localizar no Vale do Rio Pardo suas primeiras lavouras. Hoje, com sementes adaptadas e uma fatia do mercado conquistada, o que a Pioneer busca é o aumento da produtividade.

Um outro aspecto que não pode ser esquecido quando buscamos as razões que levaram a empresa a se articular com outros produtores, diz respeito a composição da

mão-de-obra utilizada na produção do ciclo do milho híbrido. A colheita da sementes era totalmente feita até o início dos anos 80 de forma manual. Isto quer dizer que o bóia fria era um personagem fundamental no processo. Posteriormente foram importadas pela empresa três colheitadeiras que eram movidas por um trator. Estas colheitadeiras não deram bons resultados. Somente em 1989 a empresa conseguiu solucionar este problema com a importação de 3 máquinas automotrizes. Segundo podemos perceber, a empresa se encontra muito preocupada com uma série de reclamações trabalhistas que vem ocorrendo por parte dos bóias-frias, tanto no Rio Grande do Sul quanto em Goiás. Mesmo que o contrato de produção feito entre a empresa e o produtor, diga que a Pioneer não se responsabiliza por contratações de terceiros (Cláusula 13<sup>a</sup>), muitos são os bóias-frias que recorrem a justiça do trabalho contra a Pioneer buscando os seus direitos trabalhistas. A empresa neste momento estimula a criação de cooperativas de mão-de-obra nas regiões em que atua. Estas cooperativas receberiam o pagamento da Pioneer e repassariam aos bóias-frias. Segundo nos informou o gerente geral, está prevista para o mês de março em Goiânia, um congresso sobre empregado rural promovido em conjunto com a Federação da Agricultora do Estado de Goiás, que pretende discutir temas ligados ao trabalho sazonal. Conforme Roux, 1993, os pequenos produtores em função da sua discricção e pequena dimensão mais facilmente passam despercebidos quando contratam bóias-frias sem respeito aos direitos trabalhistas. No caso da Pioneer no Brasil, neste momento isto não tem dados bons resultados, mas a tentativa foi feita. Como o número de colheitadeiras não é o suficiente para atender a toda colheita, a redução do número de produtores aumenta o percentual de milho colhido à máquina e reduz o uso da mão-de-obra utilizada na safra. Isto porque o tempo gasto em deslocamentos de uma localidade para outra diminui bastante. Reduzindo o número de bóias-frias a empresa reduz o risco de vir a ser acionada pela justiça do trabalho.

Um outro aspecto importante de frisar, é que a quantidade de milho, beneficiado na usina de Santa Cruz do Sul vem diminuindo. A produção desta usina já foi mais do que o dobro do que é atualmente. A tabela a seguir nos confirmar este fato.

TABELA 9

**PRODUÇÃO DE SEMENTES DA PIONEER E  
PRODUÇÃO DA USINA DE SANTA CRUZ DO SUL.**

Safra	Produção total - toneladas	Produção da Usina de Santa Cruz do Sul
72/73	900	900
73/74	1500	1500
74/75	3178	3178
75/76	4160	4160
76/77	6743	6743
77/78	5839	5839
78/79	5615	5615
79/80	8491	8491
80/81	11172	11172
81/82	10090	10090
82/83	7898	4630
83/84	8287	4740
84/85	3907	3430
85/86	2046	1230
86/87	6939	6867
87/88	5602	3207
88/89	5761	4132
89/90	9144	2032
90/91	12966	2697
91/92	14414	3716
92/93	11485	3563
93/94	15500 (estimativa)	4600 (estimativa)

Fonte: PIONEER Sementes Ltda.

Como podemos verificar, a usina de Santa Cruz do Sul chegou a beneficiar 11.172 toneladas em 1980, hoje a produção não passa dos 4600 toneladas de semente. Isto representa perto de 30% do total beneficiado pela empresa no país. Vale salientarmos que as usinas de Santa Rosa e Itumbiara começaram a beneficiar sementes no ano de 1982. Até este ano a totalidade da produção da empresa saía de Santa Cruz do Sul.

Devemos atentar para o fato de que os tipos de híbridos produzidos no Rio Grande do Sul são apropriados para serem cultivados na região Sul do país, tendo em vista as condições climáticas semelhantes. Já os produzidos em Goiás são utilizados para a produção na região central do país. Como a empresa pensa em investir mais no Brasil central e aí que a produção deve mais crescer nos próximos anos.

Vejamos como se apresentam hoje as vendas de sementes de milho da Pioneer por estados.

TABELA 10

**COLOCAÇÃO DAS SEMENTES DE MILHO PIONEER POR ESTADO EM 1993**

<b>ESTADO</b>	<b>QUANTIDADE (TONELADAS)</b>
Paraná	4850
Goiás	3016
Rio Grande do Sul	2830
São Paulo	1300
Santa Catarina	900
Mato Grosso do Sul	540
Minas Gerais	539
Mato Grosso	417
Bahia	385
<b>TOTAL</b>	<b>14777</b>

Fonte: Pioneer Sementes Ltda.

A tabela anterior nos dá uma visão completa do mercado do milho por estado conquistada pela Pioneer. O que mais nos chama atenção nesta tabela é o fato da empresa ter comercializado em total de 14.777 toneladas no ano de 1993. Se ligarmos este fato com a produção da empresa na safra 92/93, constataremos que 1993 superou em 3.292 toneladas a produção da empresa neste ano. Esta comercialização só foi possível devido as câmaras frias que a empresa possui nas usinas, o que permite armazenar as sementes mantendo seu poder de germinação. Isto também nos confirma a informação de que o mercado de milho de sementes está a requerer um aumento de produção por parte da empresa.

Se o milho é o principal produto da empresa no Brasil, ele não é o único. A empresa também produz e comercializa sementes de sorgo e alfafa. E no momento prepara para lançamento no mercado a primeira pipoca híbrida, batizada com o nome de Zélia. Segundo a empresa, a pipoca possui um poder de expansão de 35% em relação ao grão, o que nas pipocas comuns não passa de 27%, esta seria a sua vantagem.

Um outro lançamento previsto para este ano é o do chamado milho doce. Um tipo de milho próprio para ser consumido como milho verde. Segundo o gerente de produção, este milho é mais apropriado ao consumo humano pelo fato de ter uma película mais fina em volta do grão, e assim trancaria menos nos dentes.

O mercado que a empresa pretende atingir com este milho é o de agricultores que dispõem de áreas menores, de até 5 hectares, e que produziriam milho para ser consumido verde, o que permitirá, segundo a empresa, um ganho maior para o produto por causa da

venda direta ao consumidor. Além disto as empresas que trabalham com milho em conserva são consumidores em potencial deste novo híbrido.

Ainda um novo produto que a empresa está testando é a semente para hortaliças. Este projeto foi desenvolvido junto à Universidade de Lavras em Minas Gerais. As sementes de hortaliças em teste são: abobrinha, pepino, tomate, repolho, couve-flor e pimentão.

Além destes projetos que estão sendo desenvolvidos no Brasil, a Pioneer está introduzindo no país a partir deste ano duas linhas de produtos importados dos Estados Unidos da América: inoculantes para silagem e probióticos. Segundo o material publicitário destes produtos, o inoculante melhora a qualidade e prolonga a vida da silagem enquanto que os probióticos são produtos que contém bactérias lácticos, o que mantém o equilíbrio da flora intestinal dos bovinos, eqüinos e suínos.

Como pode-se perceber, a empresa aposta na diversificação dos produtos para manter a sua meta de 20% de crescimento ao ano. Além disto é importante frisar que a empresa não exporta nenhum produto aqui produzido, a não ser as linhagens de sementes ou sementes básicas, aquelas que servirão para produzir sementes híbridas.

Quando indagamos ao gerente geral da Pioneer qual era a sua posição sobre a lei de patentes, a resposta foi a seguinte: "Essa lei vai só ficar no papel. Isto não vai proibir o roubo de material genético. Isto só funciona para linhagens e não com duplos e triplos. Eu sou favorável, mas queria uma coisa que funcione." Podemos concluir que para a Pioneer a lei de patentes aparentemente não muda em nada o seu procedimento, até porque as linhagens de sementes que lhe interessam certamente já se encontram no seu banco genético. De fato e de direito, ela é proprietária das sementes que já possui no seu banco genético.

Em síntese, passamos oito anos desde o primeiro contato com a empresa, podemos constatar que a Pioneer aprofundou sua participação na agricultura brasileira, pois sua produção, aumentou a área geográfica de sua atuação e aprimorou o processo diversificou de produção de sementes híbridas. Além disto, o fato de ter novos projetos no país demonstra que a empresa se encontra satisfeita com os lucros aqui auferidos. Para que isto aconteça, a Pioneer busca se articular cada vez mais com o segmento de produtores tecnificados e capitalizados existentes no país.

### **3.2 A situação atual dos produtores entrevistados em 1986.**

Qual a situação atual dos produtores que produziam sementes híbridos para Pioneer em 1986? Esta é pergunta básica que procuramos responder neste parte do trabalho. Para obter esta resposta, voltamos a campo e entrevistamos 7 produtores; este número corresponde a 14% do total existente em 1986. A escolha dos sete produtores que foram entrevistados procurou levar em conta o fato de que a maioria dos produtores já não produzem para a empresa, por isto 4 produtores entrevistados por nós, estão nesta situação. Outros 2 produtores entrevistados produzem somente milho matriz, isto quer dizer que a produção para a Pioneer é pequena, 3 hectares de milho por produtor de semente matriz. Por fim entrevistamos um produtor que continua produzindo milho híbrido para semente.

O roteiro que serviu par entrevistarmos os produtores que não produzem mais sementes de milho híbrido para a empresa se encontra nos anexos. Para o produtor que produz semente híbrida, voltamos a aplicar o questionário de 1986.

#### **3.2.1 O produtor que restou**

A entrevista realizada com o produtor que colocou o pivô central de irrigação foi cheia de surpresas. Isto porque não conhecíamos o produtor, mas já tínhamos ouvido falar da sua situação de "produtor forte". Quando as pessoas na região se referem a alguém como "produtor forte" quer dizer que este produtor é capitalizado, planta uma grande área e seus negócios vão bem.

Quando chegamos a propriedade, facilmente identificada por ter um grande silo começaram as surpresas. Perto de um grande depósito aonde se encontravam tratores e equipamentos agrícolas, havia um menino de pé ao lado de um homem, que deitado soldava uma peça de uma niveladora de solo. Indaguei ao menino se o "seu André" se encontrava e ele me apontou o homem que soldava. A surpresa foi decorrente do fato que não esperava encontrar o produtor que planta 450 hectares, proprietário de um grande silo, vários tratores, secador, deitado ao sol fazendo aquele serviço. Após terminado o serviço, "seu André" nos convidou para sentar numa sombra e realizamos a entrevista.

André tem 45 anos de idade e sempre morou na mesma localidade; a exceção foram 4 anos de internato, em que cursou o ginásio agrícola na cidade de Venâncio Alves. Esta é sua escolaridade. É casado e pai de três meninos de 13, 12, e 6 anos de idade.

Seu pai era um pequeno produtor e gerenciava a cooperativa do distrito em que residiam. Não deixou herança para os filhos. Assim que terminam o ginásio agrícola, há trinta anos atrás, começou a trabalhar na agricultura. Trabalhava sempre em terra arrendada. Aproximadamente há 15 anos atrás, começou a comprar terra. Já plantava para Pioneer, pois desde o início das atividades da empresa começou a plantar. Nestes 20 anos de produção para Pioneer, deixou de plantar 1 ou 2 anos por causa da rotação de cultura. Sua propriedade hoje tem 350 hectares, ele cultiva ainda mais 100 hectares que arrenda dos vizinhos.

O pivô central para irrigação ele adquiriu no ano de 1992. Por ter sido o primeiro pivô central da região, o fato foi alvo de reportagem por parte da Gazeta do Sul, jornal de Santa Cruz do Sul. Na entrevista que concedeu ao jornal, o produtor disse que o custo do equipamento chegou a 1.200 dólares por hectare, alcançando um custo total equivalente a 11 caminhonetes Pampa GL na época. O equipamento permite irrigar 64 hectares e com pequenas adaptações chega a atingir mais 40 hectares. Além de possibilitar uma chuva de 10 milímetros por dia, o sistema de irrigação permite a aplicação de uréia e fungicida, o que normalmente é feito por equipamentos acoplados a um trator. No pagamento do equipamento, o produtor investiu recursos próprios e recebeu apoio da empresa, que lhe adiantou dinheiro. Estes recursos devem ser devolvidos com a produção de sementes de milho. André esperava pagar a empresa com as safras 92/93 e 93/94; contudo isto não vai ser possível pois a safra deste ano foi atacada por uma "praga".

O investimento, segundo o produtor, vale a pena, pois: "Numa área onde há 10 anos não se consegue uma safra cheia por falta de chuva, isto dá uma segurança incrível". O milho pode ter sua produção triplicada e a soja pode produzir 20% a 30% a mais.

A produção de milho para Pioneer tem ocupado a área irrigada, portanto 64 hectares. Nesta safra 93/94 foram plantados 60 hectares que produziram 5.700 quilos por hectare, o que é muito pouco para uma lavoura irrigada que chega a produzir 15.000 quilos por hectare. Aliás, o motivo alegado (praga) pelo produtor para a baixa produtividade merece ser analisado. Com toda a tecnologia utilizada na produção do

milho, ele não se mostrou resistente a um determinado tipo de doença e o resultado foi a baixa produtividade. Segundo a empresa, o ambiente biológico vem mudando rapidamente, o que causa aparecimentos de novos tipos de ferrugem, que não existiam há 5 anos atrás. Por isto é necessário produzir novos híbridos resistentes a estas doenças. Já os defensores do plantio do chamado milho crioulo, afirmam que este é o grande problema dos híbridos: são muito sensíveis aos ataques de doenças. Uma pergunta se impõe: Será que algum produtor compraria esta semente se soubesse que ela é resultado de uma lavoura que se mostrou suscetível ao ataque de pragas?

Por sua vez, André pretende descansar o local da lavoura irrigada do milho, na próxima safra vai fazer rotação de cultura. No último ano além de milho, ele plantou 100 hectares de trigo, 200 hectares de soja e 50 hectares de arroz. Além disto engordou 60 cabeças de bovinos para a venda. Segundo o produtor, o gado não vale a pena, já que os frigoríficos só pagam 20 dias após a entrega, o que com a inflação vigente significa perda. De qualquer forma, o fato de André ter uma produção diversificada vem lhe possibilitando compensar eventuais perdas que ocorrem com um determinado produto.

Quando perguntamos o número de empregados que conta para manter toda esta produção, tivemos nova surpresa. Segundo o produtor, ele não tem nenhum empregado. A mão-de-obra usada na produção é a dele e dos meninos que lhe ajudam nos fim de semana e férias escolares, já que durante a semana eles, os meninos, residem na cidade de Rio Pardo onde estudam. A resposta textual foi: "Empregado não tenho, falta qualidade. Eu sei fazer melhor e assim ganho produtividade". É evidente que toda a tecnologia da qual dispõe, como 3 tratores, colheitadeira, pivô central, secador e demais implementos necessários para o plantio, facilitam a produção; no entanto produzir sozinho tudo o que produz exige um esforço fantástico. Ele próprio se definiu como um produtor do tipo americano - um farmer. Aliás é importante frisar que André esteve nos Estados Unidos visitando produções de milho da Pioneer. Ele pagou sua passagem e ganhou a estadia da empresa como prêmio por sua produtividade. O que nos parece claro é que o produtor conseguiu acumular uma pequena fortuna, graças a uma combinação que envolve o saber fazer do produtor, contribuições agronômicas da empresa e a auto-exploração que se impõe. Este tipo de situação segundo Roux, 1933, tem levado agricultores familiares do sul da Espanha a acumulação de capital. Para o sociólogo francês a produção familiar é ao

mesmo tempo portadora de modernidade e vítima deste processo, já que ela se auto-explora. Este nos parece ser a situação deste produtor que estamos descrevendo.

Para André algumas coisas mudaram para melhor na sua relação com a empresa, outras nem tanto. O que ele considera vantajoso é que agora a empresa se responsabiliza pela quebra de pendão e pela colheita que é mecanizada. Isto lhe dá mais tempo para outras atividades. No que diz respeito ao preço pago pela Pioneer, as coisas não melhoraram. Não existe mais negociação, o preço é estipulado pela empresa e segundo ele, se converter em dólar o preço pago por quilo, verifica-se uma queda ano após ano. Se levarmos em conta que o dólar não tem acompanhado a inflação, a perda é ainda maior. Segundo informações da empresa, o preço médio (existem diversos preços, depende do milho) por quilo pago ao agricultor em janeiro de 94 era de CR\$ 83,00 quilo em espiga. Convertido para o dólar esse valor não passaria dos 20 cents. Se lembrarmos que o milho depois de beneficiado é vendido 2 dólares e 20 cents, teremos uma idéia da diferença do preço que a empresa paga ao produtor e do que vende ao consumidor. Apesar disso, André afirma que: "A Pioneer ainda paga bem ". Possivelmente ele se refere ao preço que outros produtos agrícolas alcançam ao fazer esta afirmação.

Quando perguntamos se era sindicalizado, a resposta foi positiva. É sócio do sindicato dos trabalhadores de Rio Pardo, mas diz não acompanhar a atuação do sindicato, o que considera um erro. Quanto a administração municipal, diz que poderia estar melhor, reclama das condições de estrada. Se dispusesse de mais recursos iria construir mais um silo e um secador e em segundo lugar comprar mais terras o que garantiria o futuro dos filhos. De qualquer forma o futuro dos filhos será mais fácil do que o dele, avalia, já que não precisaram partir da onde ele teve que partir. Se julga entre os produtores mais privilegiados, e debita isto ao fato de ter tido sorte. André se disse um brizolista arrependido, já que o Brizola faz muito politicagem. Agora tende a votar nas pessoas e cita o nome de Jobim e Bisol como políticos em quem votaria. Apesar disto diz que partidos fortes são necessários pro país. O que também não gosta no Brizola é posição dele favorável às empresas estatais.

Quando à reforma agrária diz que tem que haver, mas não concorda com invasão.

Quanto aos bancos, diz que não trabalha com eles.

*"São o nosso câncer, as contas nunca fecham. Desde o golpe de Zélia e companhia eu trabalho com recursos próprios".*

Este é o rápido perfil do produtor que desde o início da empresa Pioneer no Brasil se encontra produzindo milho para ele. Certamente este é um perfil que interessa a empresa, um produtor familiar, tecnificado e capitalizado. Um produtor que consume produtos do complexo agro-industrial e que produz matéria-prima para este complexo. Além disto com uma grande capacidade de se auto-explorar. Importante não esquecermos que entre os produtores de 1986, este é exceção e não regra.

### **3.2.2 O Caminho dos outros produtores**

A regra no caso dos produtores que entre visitamos em 1986 é não mais plantarem para Pioneer e nem terem acumulado como o produtor que acabamos de descrever.

O número de produtores que a empresa mantém hoje, é o menor desde o início da produção em Santa Cruz do Sul. Os dados a seguir confirmam isto.

TABELA 11

**NÚMERO DE PRODUTORES DE SEMENTES DE  
MILHO BENEFICIADOS NA USINA DE SANTA CRUZ DO SUL**

<b>Ano</b>	<b>Número de Produtores</b>
1972	12
1973	23
1974	47
1975	51
1976	66
1977	56
1978	49
1979	62
1980	76
1981	74
1982	46
1983	48
1984	52
1985	50
1986	41
1987	48
1988	51
1989	46
1990	43
1991	37
1992	27
1993	10

Fonte: Pioneer sementes Ltda.

Os números apontam para um crescimento do número de produtores até os anos 1980/81. No ano de 1982 ocorre um decréscimo que é explicado pelo fato das usinas de Santa Rosa e Itumbiara terem entrado em funcionamento no ano de 1982. De 1982 a 1991 o número de produtores se mantém estável, caindo drasticamente nos anos de 1992 e 1993. Este é o momento em que a empresa passa a exigir irrigação nas lavouras. Como anteriormente já informamos somente três (3) produtores dos dez (10) atuais estão localizados no vale do Rio Pardo. Se compararmos este número com o existente em 1986, constataremos que houve uma diminuição de 94% nos produtores.

Muitos destes produtores plantavam a várias safras para a Pioneer, o que nos leva a concluir que a produção de milho para sementes era uma especialidade que tinham adquirido ao longo destes anos. A propriedade, os equipamentos, a mão de obra disponível, tudo estava adaptado para a produção de milho para semente. No entanto esta opção não existe mais. A seguir apresentaremos um quadro que serve para caracterizar de maneira rápida os produtores que entrevistamos.

## QUADRO 3

**CARACTERIZAÇÃO DOS PRODUTORES ENTREVISTADOS QUE  
DEIXARAM DE PRODUZIR SEMENTES HÍBRIDAS PARA PIONEER.**

Produtor	Tamanho das Propriedades em Hectares	Anos que plantou para a empresa	Mão-de-obra familiar	Empregados	Anos que parou de produzir sementes híbridas
1	32	15	1	-	5
2	45	5	2	1	1
3	10	15	3	1	1
4	26	7	1	-	7
5	20	4	1	-	3
6	17	8	2	1	2

Fonte: Trabalho de campo - 93

Como podemos observar, os produtores entrevistados plantaram entre 5 e 15 anos para a Pioneer. Se levarmos em conta o tempo que os pais de três deles já produziram anteriormente para a empresa, o número de anos subiria para um intervalo de 7 a 20 anos. Portanto podemos concluir que a articulação com a empresa não foi eventual.

Já a propriedade destes produtores possui uma área que varia entre 10 e 45 hectares. Se fizermos uma média o resultado que chegaremos é uma área de 25 hectares. Se compararmos esta média com a área que o produtor que continua produzindo sementes híbridos possui, veremos que ela não chega ser uma décima parte dos 350 hectares.

Eis aí uma grande diferença entre os produtores que não produzem para a Pioneer e aquele que continua produzindo sementes híbridos.

No que diz respeito a mão-de-obra familiar existente nestas propriedades ela é de uma pessoa em 3 casos, de duas pessoas em 2 casos e de três pessoas em 1 caso. Cabe salientar que consideramos as mulheres existentes na propriedade como mão-de-obra idêntica aos homens. Os casos que tem somente uma pessoa na propriedade se referem a dois produtores que residem com os pais idosos e portanto já não participam do trabalho na lavoura, e um caso de uma produtora que reside sozinha. Um fato significativo em relação a estes produtores que se encontram sozinhos enquanto força de trabalho, é que dois deles pediram desligamento da situação de produtores da Pioneer, Portanto, não foi a empresa que tomou a iniciativa de desligá-los. Estes são os 2 produtores que mais tempo não produzem para a empresa, 7 e 5 anos. Os motivos que os levaram a parar de produzir para a empresa são diferentes. Um alegou que depois de uma safra frustada pela seca,

tomou esta decisão de não mais produzir pela insegurança quanto ao resultado desta produção. Já a produtora que reside sozinha afirmou que continuou plantando milho três anos depois da morte do marido. Desistiu de plantar milho para semente porque era necessário ter um empregado e ela preferia trabalhar sozinha.

Os outros quatro produtores deixaram de produzir milho híbrido porque a empresa tomou a decisão de produzir em lavouras irrigadas. No entanto dois produtores entrevistados produziram ainda este ano milho de semente matriz para a Pioneer. Estas sementes serão utilizadas pelos produtores que possuem lavouras irrigadas na próxima safra, para produção das sementes híbridas. A produção de semente matriz destes produtores é pequena, 3 hectares em ambos os casos. O curioso desta situação é que, quando perguntamos a eles se plantavam para Pioneer, responderam que não, para nem segundo momento responderem "só milho matriz". A lógica destas respostas reside no fato de que plantavam uma quantidade muito maior de milho, e que era milho híbrido. A lavoura de milho híbrido representava uma atividade importante do ponto de vista do total das suas produções e por consequência das suas reproduções enquanto produtores familiares. Já a lavoura de milho matriz é considerada por eles uma produção secundária pelo peso que tem no total das suas produções.

Passemos agora, para a parte da entrevista que nos parece mais importante e a que mais tínhamos curiosidade em conhecer, qual seja, a situação atual destes produtores. O que e como estão produzindo, com quem comercializam sua produção, estão ou não articulados com outra agroindústria, como avaliam o período em que produziram milho híbrido. Estas são perguntas que procuramos ver respondidas.

Começemos pelo início, isto é, pelo momento em que deixaram de produzir para a empresa. Dois produtores nos informaram que foram consultados pela Pioneer sobre a possibilidade e o interesse de investirem em um sistema de irrigação. Estes dois produtores são os que detêm maior capacidade de produção, isto se levarmos em conta os equipamentos que possuem, a mão-de-obra disponível na unidade produtiva e a produção que alcançam a cada ano. Um produtor respondeu de imediato que não tinha interesse de investir. Já o outro, chegou a fazer um levantamento dos custos, mas desistiu porque teria que construir um grande açude e a área que planta é arrendada. Isto não lhe deu segurança para investir um volume considerável de recursos.

Acabaram estes dois produtores optando por produzirem soja e arroz no lugar do milho. Cabe lembrar que estes produtos assim como o milho são cultivos de verão. Os motivos que levaram a esta escolha são os mesmos. Ambos já produziram áreas menores destes produtos, portanto o que fizeram foi aumentar esta área. Outro argumento utilizado para justificar a escolha é o de que o arroz é plantado em várzeas e portanto não sofre com a seca. Já a soja é uma produção que não necessita tanta chuva quanto o milho. Além disto, ambos possuem maquinário necessário para estas produções, tratores, implementos e colheitadeiras.

Outros três produtores optaram por plantar soja e milho comercial. Estes produtores são menos capitalizados que os anteriores, por isto o milho ao invés do arroz. O arroz necessita de uma área maior e de mais investimentos para valer a pena a produção.

A outra produtora, é uma mulher, reside sozinha, tem como atividade principal há 6 anos a criação de gado. Assim ela consegue levar sozinha a propriedade.

No que diz respeito à comercialização do que produzem, ela é feita com as cooperativas da região bem como para engenhos. Os produtores reclamaram dos preços recebidos já que não possuem local para armazenar. O preço na época da safra é o mínimo, estipulado pelo governo. No caso do arroz pode ser menos que o mínimo. A produtora que cria gado vende para frigoríficos do vale do Rio do Pardo e diz que 1993 foi um bom ano para os criadores de gado.

O que fica claro para nós é a dificuldade que os produtores de arroz e soja encontram para comercializar seus produtos por um bom preço. Algumas vezes como no caso do arroz, o preço recebido pode não cobrir o custo de produção. Este desequilíbrio entre os custos de produção e o preço do produto só é possível numa produção familiar, que se auto explora.

Todos os produtores se referiam a época em que produziam para a Pioneer, como melhor em relação a agora no que diz respeito a comercialização. Isto porque o mercado era garantido e sabiam antes de iniciar a produção qual seria o preço dos produtos. A maior reclamação que os produtores fizeram diz respeito ao juros do banco, o que não mudou em relação à época da Pioneer, e para a falta de uma política de comercialização por parte do governo federal que fixe um preço mínimo justo para os seus produtos.

Continuando na avaliação que os produtores fizeram da época que produziram para a empresa, cinco produtores se referiram a ela como um período em que conseguiram comprar tratores novos e também construíram casas novas. Um dos produtores nos disse que em uma única safra que plantou 90 hectares de milho para Pioneer consegui comprar 1 trator e um caminhão novo. Hoje com a produção que tem, não conseguiria isto. Dos seis produtores cinco possuem carro.

O grande problema que os produtores viam na produção de milho híbrido era a falta de irrigação. Em função disto, todos afirmaram que só voltariam a plantar milho para semente se tivessem irrigação. Portanto, mesmo admitindo que o milho foi um bom negócio não plantariam sem irrigação.

É importante acrescentarmos que todos os produtores mantêm uma produção para subsistência, como criação de galinhas, porcos, gado para o leite e eventual abate, além de uma boa horta.

Para sintetizar dividiríamos estes 6 produtores em dois grupos. Um grupo formado pelos produtores que produzem soja e arroz, e os quatro restantes num segundo agrupamento.

Os produtores do primeiro grupo são produtores que na nossa avaliação podem ser identificados como aqueles que terão mais facilidade de se manterem capitalizados e tecnificados. Isto se deve em muito, na nossa opinião, ao fato de disporem de mais mão-de-obra familiar e portanto conseguirem alcançar um sistema de produção que conta com um trabalho mais intensivo, e isto é fundamental numa exploração agrícola baseada na propriedade familiar. Por isto, avaliamos que estes produtores devem manter uma situação ascendente.

Já os produtores do segundo grupo pelas condições de produção de que dispõem não deverão ter a mesma facilidade que os anteriores, para se manterem tecnificados. No entanto, não avaliamos que sejam produtores familiares em processo de proletarização. É mais provável que consigam reproduzir a situação em que se encontram.

Em resumo podemos afirmar os produtores entrevistados em 1986 e que hoje não produzem mais milho de semente, são produtores familiares que conseguem se reproduzir como tais, e em alguns casos até se capitalizaram. É lógico que isto exigiu um uso intensivo da mão-de-obra familiar, o que equivale dizer, exigiu uma auto-exploração.

familiar persistir, a grande capacidade de se auto-explorar. Este é o principal motivo que permite a produção familiar persistir, a grande capacidade de se auto-explorar. Quem sabe seja esta a razão que levou a Pioneer a contratar como trabalhadores na usina de beneficiamento três membros destas famílias que voltamos a entrevistar e que hoje produzem outros produtos.

## CONCLUSÃO

O nosso estudo buscou mostrar como os produtores familiares de uma determinada região do Estado do Rio Grande do Sul, o vale do Rio Pardo, vem conseguindo ao longo de décadas a sua reprodução e da sua exploração agrícola.

O leitor mais atento do nosso trabalho poderá nos lançar a seguinte questão: no início do trabalho não foi usado o termo pequena produção agrícola para designar uma das duas partes fundamentais da relação de subordinação estudada? Sim, de fato isto ocorreu. No entanto, no desenrolar do nosso trabalho, foi ficando evidente que o conceito que melhor definiria o conjunto dos agricultores que estudamos é o de produtor familiar. Isto não se deve sómente ao fato do conceito de produtor familiar ser mais objetivo, como também por expressar de forma mais precisa o tipo de exploração agrícola por nós pesquisado. Por isto, apesar destes conceitos não poderem ser considerados sinônimos, resolvemos mantê-los como uma mostra do avanço das nossas reflexões. Feito este esclarecimento continuemos a nossa caminhada.

Estes produtores familiares tem na sua origem gerações de produtores agrícolas; muitos são os descendentes daqueles produtores que no século passado, atravessaram o Atlântico para continuarem se reproduzindo do lado de cá. Os sobrenomes confirmam isto: Limberger, Mossmam, Tatsch, Etges, Kroth, Dupont, Tornquist.... Outras já se encontravam há muito mais tempo no país. São Oliveira, Carvalho, Bandeira, Lopes, Santos... No entanto apesar da diferença de tempo que aqui se encontram e dos sobrenomes, tem em comum o mesmo objetivo principal: se reproduzir enquanto produtores familiares e na medida das suas possibilidades propiciarem a seus filhos, melhores condições nesta trajetória. Hoje, com o esgotamento da fronteira agrícola, a migração é uma alternativa distante, por isto já há algum tempo - década de 60 - os produtores têm procurado a especialização de sua produção como saída possível para alcançarem o seu objetivo. A especialização da produção era, e é, condição fundamental para estes agricultores se articularem

com a agroindústria da região. Muitos iniciaram este processo pela agroindústria do fumo para depois se articularem com a do milho híbrido, a Pioneer.

A instalação da empresa no país e na região certamente não foi obra do acaso. Ela chega num momento de internacionalização da economia do país e busca produtores que lhe possibilitam obter matéria-prima a baixo custo. Estes produtores são os familiares, que dispõem dos meios de produção necessários e que trazem consigo um conhecimento acumulado no plantio do milho. Além disto, eles possuem uma grande capacidade de adaptação a normas e técnicas modernas de produção. O fato da empresa se articular por muitos anos com estes produtores, comprova isto. Certamente esta adaptação é muito melhor na produção familiar do que na produção assalariada.

A agroindústria ao se articular com a produção familiar a subordina, e uma das consequências disto é a imposição de seu padrão de produção ao agricultor.

Na prática este padrão traz consigo uma série de inovações tecnológicas para a produção agrícola tais como sementes melhoradas, adubos sintéticos, pesticidas e mecanização.

Os produtores para fazer frente ao aumento dos custos ocasionados por esta mudança se obrigam a aumentar a produção, o que conseguem aumentando a área produzida e também a jornada de trabalho. Isto equivale a dizer que o produtor aumenta sua auto-exploração. Conforme Roux (1993), "A produção familiar é ao mesmo tempo portadora de modernidade e vítima deste processo." No entanto é importante que não imaginemos que o produtor familiar é uma vítima indefesa do desenvolvimento capitalista no campo, aqui representado pela Pioneer. Se a empresa interfere na sua autonomia isto não significa que ele abdicou da mesma. O que ocorre é uma adaptação a um processo de subordinação que neste momento lhe parece imprescindível. Se muitos foram os produtores que durante anos se articularam com a empresa, isto se deu porque lhes parecia a melhor alternativa para a sua reprodução. O mercado e o preço garantido, além da possibilidade de modernizarem sua produção são argumentos mais do que suficientes para justificar esta relação de subordinação. Portanto, definitivamente, o produtor familiar que estudamos não se encontra com os dias contados pelo avanço do capitalismo no

meio rural. Ao contrário, o nosso estudo aponta para uma situação de capitalização de boa parte dos produtores familiares. O que para alguns pode soar como uma heresia, para outros é mais uma oportunidade de confirmarem que o processo de penetração do capitalismo na agricultura não é algo linear, mas sim contraditório.

Hoje, a empresa muda sua estratégia. Consolidada sua participação no mercado do milho híbrido brasileiro com 10% do total comercializado no país, ela procura o aumento de produtividade e a diversificação da sua produção. Crescendo a uma taxa não inferior a 20% ao ano, ela busca novas articulações para continuar este crescimento. Neste contexto o produtor familiar do Vale do Rio Pardo é descartado e a empresa passa a se articular com produtores irrigados. E qual é a situação em que se encontram agora os ex-produtores de milho híbrido? Pelas respostas que ouvimos de todos eles, em uma situação igual (1 caso) ou melhor (6 casos) do que quando começaram a produzir. Isto porque conseguiram capitalizar a propriedade, o que inclui a aquisição de novos maquinários por parte de todos, e a aquisição de mais terras por parte de alguns e construção de novas casas por parte de muitos durante este período. Este grau de capitalização e de tecnificação alcançados com a produção do milho híbrido certamente lhes servem como um bom patamar para partir em busca do futuro. Além disto o produtor familiar conta com novos conhecimentos agrônômicos adquiridos durante o período que se articulou com a indústria, e este, combinado com o seu saber, certamente se transforma em uma vantagem sua.

Nos parece óbvio que o produtor familiar por nós estudado não terá facilidades para continuar alcançando os rendimentos que obtinham com a produção do milho híbrido, no entanto hoje estes produtores contam com melhores condições para isto do que quando iniciaram este cultivo. A saída que alguns já disseram encontrar é o aumento da área plantada com soja e arroz. Segundo nos informou um dos produtores, nos últimos anos que produziu para Pioneer as lavouras eram de 80 a 90 hectares e agora ele produz 240 hectares de soja e 40 de arroz. Se antes a produção ficava ao redor dos 450.000 quilos de milho, hoje ela chega por volta dos 760.000 quilos de soja e arroz. Desta forma a reprodução da família e de sua exploração agrícola se mantém próximo do nível anteriormente alcançado. Um obstáculo para que isto aconteça certamente é o limite de áreas que dispõem. Alguns

conseguiram aumentar sua propriedade, no entanto muitos são os que superam este limite arrendando terras. Para isto muitos ultrapassam os limites de sua micro-região e se deslocam em torno de 50 quilômetros da sua propriedade em direção ao sul, onde a estrutura fundiária é diferente, são grandes propriedades. Não deixa de ser paradoxal este avanço da produção familiar sobre o latifúndio, no entanto não é um fenômeno recente nesta região. Desta forma o limite da falta de terras é superado.

Se alguns membros da família dos produtores acabam se mudando para a cidade, como no caso dos que foram trabalhar na usina de beneficiamento da Pioneer; outros ficam e serão reponsáveis por levar adiante o projeto da produção familiar. As moradias construídas ao lado da residência dos pais, que encontramos no nosso trabalho de campo, significam a garantia do sustento dos pais na velhice. Além disto, as respostas que obtivemos quando perguntamos sobre o futuro dos filhos, foram no sentido de que esperam dar melhores condições para eles praticarem a agricultura do que tiveram. Isto garantiria o ciclo da reprodução da propriedade familiar por pelo menos mais uma geração. Se nos recordarmos da trajetória que esta produção familiar percorreu até chegar aqui, somos tentados a afirmar que prosseguirá por muitas gerações.

## ANEXO 1

**QUESTIONÁRIO UTILIZADO NO  
LEVANTAMENTO DE CAMPO EM 1986.**

1. NOME: \_\_\_\_\_

2. IDADE: \_\_\_\_\_

3. LOCALIDADE: \_\_\_\_\_

4. ONDE O(A) SENHOR(A) NASCEU: \_\_\_\_\_

Vila/Distrito

Município

5. QUAIS OS LUGARES ONDE O(A) SENHOR(A) MOROU?

NOME DOS LUGARES	ZONA		OCUPAÇÃO	TEMPO EM QUE MOROU NO LUGAR
	RURAL	URBANA		

6. QUE ATIVIDADE O SENHOR (E/OU SEU PAI OU RESPONSÁVEL) EXERCIA?  
(Especificar posse da terra e atividade principal)

- NO MEIO RURAL: \_\_\_\_\_

- NA CIDADE: \_\_\_\_\_

7. ESCOLARIDADE: \_\_\_\_\_

8. COMO SE CONSTITUI A PROPRIEDADE? \_\_\_\_\_

8.1. POR HERANÇA? \_\_\_\_\_

DE QUEM? \_\_\_\_\_

EM CASO POSITIVO SEU PAI OU SOGRO, HERDOU DE QUEM? \_\_\_\_\_

SE NÃO, COMO ADQUIRIU A PROPRIEDADE? \_\_\_\_\_

EM QUE ÉPOCA APROXIMADAMENTE? \_\_\_\_\_

## 9. QUADRO FAMILIAR

PESSOAS QUE MORAM NA MESMA PROPRIEDADE (Indicar grau de parentesco com o entrevistado)	IDADE	OCUPAÇÃO 1. Trabalha na propriedade 2. ESTUDA	SALÁRIO (Indicar se é bruto ou líquido)

## 10. POSSE DA TERRA:

	PROPRIETÁRIO	APRENDATÁRIO
Nº DE HECTARES		
Nº DE HECTARES PLANTADOS COM MILHO HÍBRIDO		
Nº DE HECTARES COM OUTRAS CULTURAS		
Nº DE HECTARES COM GADO		

11. O SENHOR ARRENDA TERRA PARA OUTROS?  
(No caso de ser proprietário)

[ ] SIM

[ ] NÃO

QUANTO: \_\_\_\_\_

12. O QUE O SENHOR PLANTAVA (e/ou criava) ANTERIORMENTE? \_\_\_\_\_

13. PARA QUEM O SENHOR VENDIA O(S) SEU(S) PRODUTO(S)? \_\_\_\_\_

14. QUANTOS ANOS O SENHOR PLANTA PARA PIONNER?(PAROU ALGUM ANO) \_\_\_\_\_

15. O QUE MAIS O SENHOR PLANTA (e/ou cria)? (ESPECIFICAR)

PARA CONSUMO: \_\_\_\_\_

PARA VENDA: \_\_\_\_\_

16. O SENHOR RETIROU DINHEIRO DO BANCO ESTE ANO? \_\_\_\_\_

a) QUANTO: 84/85 \_\_\_\_\_ 85/86 \_\_\_\_\_

b) EM QUE FOI APLICADO ESTE DINHEIRO? \_\_\_\_\_

c) QUE EXIGÊNCIAS LHE FORAM FEITAS? (Quais foram as condições de crédito, a empresa serviu de intermediário) \_\_\_\_\_

17. GASTOS:

SAFRA 84 / 85

TRATORISTA	SAFRISTA	SEMENTES	ADUBOS	DEFENSIVOS	INVESTIMENTOS

SAFRA 85/86

TRATORISTA (outros)	SAFRISTA	SEMENTES	ADUBOS	DEFENSIVOS	INVESTIMENTOS

18. QUAL FOI A PORCENTAGEM DO MILHO COLHIDO POR:

	83/84	84/85	85/86
MÁQUINA			
TRABALHADORES			

19. QUAL FOI O NÚMERO DE SAFRISTAS EMPREGADOS PELO(A) SENHOR(A):

	DESPENDOAMENTO	COLHEITA
Nº DE SAFRISTA		
1983/84		
1984/85		
1985/86		

20. O QUE É FEITO COM O MILHO MACHO? \_\_\_\_\_

21. QUANTO O(A) SENHOR(A) PAGA AO:

SAFRISTA: 84/85 \_\_\_\_\_ 85/86 \_\_\_\_\_

TRATORISTA: 84/85 \_\_\_\_\_ 85/86 \_\_\_\_\_

OUTROS: 84/85 \_\_\_\_\_ 85/86 \_\_\_\_\_

22. QUAL É A PREFERÊNCIA DA EXTENSÃO RURAL DA EMPRESA? (visitas do técnico agrícola/Quais as principais determinações) \_\_\_\_\_

23. O QUE O(A) SENHOR(A) COMPRA OU ALUGA DA EMPRESA? (Sementes, adubos, inseticida, máquinas) \_\_\_\_\_

24. QUAL FOI O SEU LUCRO APROXIMADO NA COLHEITA DE:

1983/84 \_\_\_\_\_

1984/85 \_\_\_\_\_

1985/86 \_\_\_\_\_

25. NO CASO DE TER PREJUÍZO (safra 85/86). COMO O SENHOR VAI FAZER PARA VIVER E PAGAR O EMPRESÁRIO? \_\_\_\_\_

26. O(A) SENHOR(A) OU ALGUM MEMBRO DA FAMÍLIA SE ASSALARIA EVENTUALMENTE? \_\_\_\_\_

27. A TERRA NÃO SE ESGOTA PLANTANDO SOMENTE MILHO, O QUE É FEITO PARA CORRIGIR ISTO? \_\_\_\_\_

28. TECNOLOGIA UTILIZADA: (origem do instrumento caso não for próprio)

a) MOTOR P/ IRRIGAÇÃO

b) TRATOR

c) ARADO

OUTROS: \_\_\_\_\_

29. O SENHOR É SINDICALIZADO? \_\_\_\_\_

a) QUE SINDICATO? \_\_\_\_\_

b) QUAIS OS BENEFÍCIOS QUE O SENHOR TEM TIRADO DO SINDICATO? \_\_\_\_\_

c) COMO O SENHOR AVALIA A ATUAÇÃO DO SINDICATO? \_\_\_\_\_

30. QUAIS OS BENEFÍCIOS DA ADMINISTRAÇÃO (Município, Estado) PARA ESTA ÁREA? (Deixar falar sem sugerir nada) \_\_\_\_\_

(se não tiver falado sugira: escola, saúde, estrada...)

31. SE O SENHOR FOSSE PREFEITO. QUAL A PRIMEIRA MEDIDA QUE TOMARIA PARA BENEFICIAR A ZONA RURAL DO MUNICÍPIO? \_\_\_\_\_

32. SE GANHASSE NA LOTERIA, EM QUE APLICARIA O DINHEIRO? (Numerar pela ordem de importância)

comprar mais terra

comprar carro

modernizar a propriedade

comprar trator

educação dos filhos

outros (especificar)

33. O SENHOR GOSTARIA DE VENDER SUA TERRA? \_\_\_\_ GOSTARIA DE MUDAR DE ATIVIDADE? \_\_\_\_\_ GOSTARIA DE IR PARA ONDE? \_\_\_\_\_ FAZER O QUE? \_\_\_\_\_

PORQUE NÃO O FAZ? \_\_\_\_\_

34. COMO O SR. VÊ O FUTURO DE SEUS FILHOS? COM QUE ATIVIDADES ELES VÃO SE MANTER QUANDO ADULTOS? \_\_\_\_\_

O SR. ACHA QUE ISSO É BOM PARA ELES? \_\_\_\_\_

SE O SENHOR TIVESSE CONDIÇÕES, COMO GOSTARIA QUE FOSSE O FUTURO DE SEUS FILHOS? \_\_\_\_\_

35. NA IDADE EM QUE CHEGOU, O SR. ACHA QUE SUA SITUAÇÃO MELHOROU (em relação a sua própria infância)? \_\_\_\_\_ OU PIOROU? \_\_\_\_\_ EM QUE? \_\_\_\_\_ PORQUE? \_\_\_\_\_

36. COMO O SR. SE JULGA ENTRE OS OUTROS LAVRADORES (proprietário, de trabalhadores):

\* ENTRE OS MAIS PRIVILEGIADOS? \_\_\_\_\_

\* ENTRE OS QUE NÃO TIVERAM SORTE? \_\_\_\_\_

\* NA MÉDIA? \_\_\_\_\_

37. E COMO SERÁ O FUTURO DE SEUS FILHOS?

\* ELES TÊM SORTE? \_\_\_\_\_  
\* MAIS SORTE DO QUE O SENHOR? \_\_\_\_\_  
OU A SITUAÇÃO DELES SERÁ MAIS DIFÍCIL? \_\_\_\_\_

38. A QUE O SENHOR ATRIBUI ESSA SITUAÇÃO? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

39. QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE A POLÍTICA AGRÍCOLA BRASILEIRA? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**ANEXO 2****CONTRATO DE PRODUÇÃO ENTRE A EMPRESA E O PRODUTOR.**

Contrato de Empreitada Rural para a Multiplicação de Sementes de Milho Híbrido  
Por este instrumento particular, de um lado \_\_\_\_\_, com endereço em Rincão Del Rey \_\_\_\_\_, no município de Rio Pardo, Estado RS, onde exerce a atividade de agricultor, que doravante será designado simplesmente como COOPERANTE, como tal definido nos termos da letra "e" do artigo 8º do Decreto 81.771/78, e de outro lado PIONNER SEMENTES LTDA., empresa rural com sede na cidade de Santa Cruz do Sul, Estado do Rio Grande do Sul, às margens da Rodovia BR 471, Km 49 e Unidade de Produção de Sementes nesta cidade de Santa Cruz do Sul, Estado RS, inscrita no CGC/MF sob nº 51.961.944/0001-66, neste ato representada por seu procurador, inscrita como PRODUTORA DE SEMENTES no Ministério da Agricultura - Diretoria do Estado do RS sob o nº RS/0157/P, que doravante será designada simplesmente como PRODUTORA como tal definida nos termos da letra "o" do artigo 8º, do citado Decreto 81.771/78, tendo em vista o objetivo desta última em prover no país o incremento da produção rural de sementes de milho híbrido, ajustam o presente contrato para a multiplicação, das sementes de propriedade da PRODUTORA, que será regido pelas cláusulas e condições a seguir estipuladas:

**PRIMEIRA:** Para os efeitos do presente contrato, definem-se os termos aqui usados como:

- 01 - Produtora: A pessoa jurídica, acima qualificada, que produz sementes com finalidade específica de sementeira, assistida por responsável técnico.
- 02 - Cooperante: A pessoa física ou jurídica, acima qualificada, que multiplica sementes para a PRODUTORA, mediante as cláusulas do presente contrato, orientada por responsável técnico da PRODUTORA.
- 03 - HÍBRIDO: A primeira geração de um cruzamento, feito sob condições controladas entre progenitores de constituição genética diferente e de pureza varietal definida.
- 04 - Semente Básica: A resultante da multiplicação de semente genética, realizada de forma a garantir sua identidade e pureza genética, produzida sob a responsabilidade da PRODUTORA, que a criou e a introduziu.
- 05 - Semente de Milho Híbrido: O grão resultante do cruzamento de plantas originárias de duas sementes básicas de milho. Para fazer este cruzamento, normalmente são plantadas lado a lado, em um campo de produção de sementes, seis ou oito fileiras de uma semente básica, cujas plantas serão despendoadas, e duas fileiras de outra semente básica cujas plantas não serão despendoadas. Somente é considerada semente de milho híbrido o resultado da multiplicação das sementes básicas das fileiras de fêmeas.
- 06 - Plantas Fêmeas: As plantas existentes nas fileiras plantadas com sementes básicas que são despendoadas.

- 07 - Plantas Machos: As plantas existentes nas fileiras plantadas com sementes básicas que não são despendoadas. As fileiras macho produzem o pólen para fecundar os óvulos contidos nas espigas das plantas fêmeas despendoadas. As plantas macho são destruídas logo após a polinização.
- 08 - Plantas de milho voluntárias: são as plantas originadas por sementes de milho outras que não as sementes básicas, geralmente provenientes da cultura anterior.
- 09 - Despendoamento: Despendoar é arrancar o pendão das plantas fêmeas antes que 0,5% deles estejam largando pólen e que 5% dos estigmas das plantas fêmeas estejam receptivos.
- 10 - Campo de Produção de Sementes: o total da área plantada em terras de propriedade ou uso do COOPERANTE, com as sementes básicas de propriedade da PRODUTORA, para serem multiplicadas pelo COOPERANTE. Tanto as sementes básicas como o resultado de sua multiplicação pertencem à PRODUTORA.
- 11 - Fileiras de Bordaduras: Fileiras de milho plantadas na parte externa dos campos de produção de sementes para proteção dos mesmos. Essas fileiras são feitas com as plantas macho. A quantidade de fileiras é estabelecida pela PRODUTORA, em cada caso, e indica ao COOPERANTE, que as plantará de forma a proteger externamente todo o perímetro do campo de produção de sementes. As fileiras de bordaduras serão destruídas após a polinização das plantas fêmeas.
- 12 - Normas Técnicas: As fornecidas, quer por escrito ou verbalmente, pelos técnicos da PRODUTORA.
- 13 - Remuneração: Os valores pagos ao COOPERANTE pela multiplicação das sementes de propriedade da PRODUTORA, em terras de sua propriedade ou uso.

SEGUNDA: O objetivo deste contrato é a multiplicação, por cruzamento, das sementes de milho híbrido pertencentes à PRODUTORA, em terras de propriedade ou uso do COOPERANTE.

TERCEIRA: O plantio será efetuado pelo COOPERANTE numa área de hectares, na propriedade agrícola denominada Sem Denominação Especial, situada no município de Rio Pardo, Estado RS, mediante o uso exclusivo de sementes básicas de propriedade da PRODUTORA e por esta entregues ao COOPERANTE para fins deste contrato e de acordo com as normas técnicas ditadas pela PRODUTORA. O COOPERANTE produzirá, na área acima, sementes de milho híbrido marca PIONEER.

QUARTA: A PRODUTORA, para fins deste contrato, obriga-se a:

- 01 - Fornecer e entregar, sem ônus algum para o COOPERANTE, as sementes básicas necessárias para o plantio.
- 02 - Fornecer ao COOPERANTE toda a orientação técnica necessária à condução da cultura do milho, principalmente aquela relativa ao preparo do solo, maneira e época do plantio, adubação, eliminação de plantas de milho voluntárias, controle de pragas, tratamentos culturais despendimento, destruição das fileiras de machos e bordaduras, colheita, armazenamento e transporte do resultado da multiplicação.
- 03 - Remunerar o COOPERANTE pelo cumprimento deste contrato os valores acordados na cláusula DÉCIMA-PRIMEIRA.

QUINTA: O COOPERANTE, por sua vez e para os fins deste contrato, igualmente se obriga a:

- 01 - Localizar o plantio em terras produtivas, respeitando e atendendo as normas técnicas ditadas pela PRODUTORA, principalmente aquelas relativas ao isolamento do campo de produção de sementes.
- 02 - Plantar, na área mencionada neste contrato, unicamente as sementes básicas fornecidas pela PRODUTORA, não realizando aí qualquer outra cultura de milho. O COOPERANTE ficará como fiel depositário das sementes básicas até seu plantio. As sementes porventura excedentes deverão ser devolvidas à PRODUTORA imediatamente após o término do plantio.
- 03 - Efetuar o plantio até 31-10-89. Só dar início ao plantio após vistoria e prévia autorização do responsável técnico da PRODUTORA.
- 04 - Atender as orientações técnicas que lhe forem transmitidas por técnicos da PRODUTORA.
- 05 - Custear, por sua exclusiva conta e responsabilidade todas as despesas com a condução da cultura e o carregamento dos caminhões para o transporte do resultado da multiplicação até a Unidade da PRODUTORA.
- 06 - Manter a área com permanente acesso durante todo o ciclo da cultura do milho, permitindo a vistoria e a fiscalização dos campos de produção de sementes por técnicos da PRODUTORA, garantindo-lhes livre trânsito pela propriedade agrícola.
- 07 - Manter na propriedade agrícola os livros ou registros que vierem a ser exigidos, de acordo com a legislação de sementes em vigor.
- 08 - Proteger as plantações dos estragos causados por animais ou outros, oriundos de outras causas sob seu controle. Cultivar cuidadosamente o milho plantado, conservando-o livre de ervas daninhas, combatendo as pragas, fazendo a adubação necessária, eliminando as plantas de milho voluntárias, sempre de

acordo com a orientação técnica da PRODUTORA. Os fertilizantes, corretivos, inseticidas e herbicidas necessários para a cultura serão sempre indicados pela PRODUTORA, de acordo com as exigências do solo e o comportamento do campo de produção de sementes. O COOPERANTE obriga-se a atender tais orientações, normas técnicas ou fórmulas indicadas.

- 09 - Fazer o despendoamento das plantas na época indicada e seguindo as orientações e normas indicadas pela PRODUTORA.
- 10 - Destruir na fileira de machos e de bordaduras logo após a polinização, conforme orientação da PRODUTORA quanto à época e forma de destruição.
- 11 - Eliminar as plantas atípicas na época indicada pela PRODUTORA.
- 12 - Efetuar a colheita até 31-03-90. Só dar início à colheita após vistoria e prévia autorização do responsável técnico da PRODUTORA, observando fielmente as instruções e normas técnicas. As fileiras de sementes serão colhidas manual ou mecanicamente, a critério da PRODUTORA. A colheita será efetuada unicamente em espigas. Quando a colheita for mecanizada, a PRODUTORA indicará o equipamento e os acessórios necessários. Caso as colheitadeiras sejam fornecidas pela PRODUTORA, esta lhe cobrará uma taxa de uso e manutenção equipamento a 0,0062 Bônus do Tesouro Nacional, fiscais por quilo colhido e o COOPERANTE deverá providenciar o equipamento, os acessórios e o pessoal para operá-las.

**SEXTA:** Será desclassificada ou condenada pela PRODUTORA, e, portanto, excluída deste contrato, a produção obtida na área em que se verificar o descumprimento de cláusulas deste contrato ou das orientações dos técnicos da PRODUTORA.

**SÉTIMA:** Havendo condenação ou desclassificação total ou parcial do campo de sementes, o COOPERANTE pagará uma multa à PRODUTORA, equivalente a 210 (duzentos e dez) Bônus do Tesouro Nacional, fiscais (BTN's fiscais) por hectare pelo ressarcimento das sementes básicas plantadas e das despesas tidas com assistência técnica. O destino das sementes colhidas na área condenada será indicado e fiscalizado pela PRODUTORA.

**OITAVA:** Todo o resultado da multiplicação pertencerá à PRODUTORA. Caso o COOPERANTE se recusar ou não entregar à PRODUTORA as sementes colhidas, ficará caracterizada a apropriação indébita de produto que não lhe pertence, com as penalidades daí decorrentes.

**NONA:** As espigas colhidas deverão ser despalhadas e selecionadas, de modo a delas retirar as atacadas por podridões e danos de pragas. Feita a seleção, o COOPERANTE carregará as espigas nos caminhões indicados pela PRODUTORA para transporte até a Unidade de Beneficiamento, onde serão pesadas. Verificando-se excesso de palhas ou excesso de espigas podres ou

atacadas, a PRODUTORA, baseada em amostragens, com a participação do COOPERANTE, efetuará proporcionalmente os descontos no peso da carga recebida.

DÉCIMA: Caso o COOPERANTE não faça a aplicação de fertilizantes, inseticidas e herbicidas, o despendoamento e/ou a destruição das fileiras de machos e bordaduras nos moldes e de acordo com a indicação da PRODUTORA, poderá esta assumir tais encargos, fazendo-os corretamente. As despesas assim despendidas serão levadas a débito do COOPERANTE e descontadas da remuneração a que tiver direito.

DÉCIMA-PRIMEIRA: Pela execução da multiplicação das sementes de milho, o COOPERANTE receberá a remuneração, calculada com base na produtividade por ele obtida, de acordo com a seguinte fórmula:

$$R = Q \times Pb \times I$$

em que:

R = Remuneração devida ao COOPERANTE

Q = Peso em quilos das sementes colhidas em espigas, colocadas nos caminhões indicados pela PRODUTORA, entregues e pesadas em sua Unidade de Beneficiamento.

Pb = Preço-base por quilo, expresso em fração de Bônus do Tesouro Nacional, fiscais (BTN's fiscais).

I = Índice diário da BTN fiscal, em cruzados novos, no dia do pagamento.

Parágrafo 1º:

O preço-base é de 0,156760 BTN's fiscais por quilo.

Caso os encargos financeiros para operações de custeio (Crédito-Rural) hoje estabelecidos em Variações do IPC mais 12% ao ano, venham a ser modificados, serão reanalisados os critérios hoje adotados para fins de reajuste do preço-base.

Caso os Bônus do Tesouro Nacional venham a ser extintos ou os seus critérios de reajustamento alterados, o preço-base ora definido será reajustado segundo os critérios que venham a ser estabelecidos pelo Governo.

O preço-base será ajustado para menos ou para mais a razão de 2% por ponto de umidade, respectivamente, superior ou inferior a 22% (vinte e dois por cento).

**Parágrafo 2º:**

O COOPERANTE aceita como bons e firmes os critérios (amostragens ou outros) adotados e usados pela PRODUTORA para a passagem, determinação da umidade, obtenção do peso do refugo e da palha.

**Parágrafo 3º:**

As quantidades aqui expressas serão sempre baseadas em peso, nas unidades previstas na Legislação Brasileira.

**Parágrafo 4º:**

A remuneração devida ao COOPERANTE, calculada de acordo com esta cláusula, ser-lhe-á paga no dia 30-04-1990, ou no final da entrega de todo o resultado da multiplicação, se em data posterior.

**DÉCIMA-SEGUNDA:** A PRODUTORA, por este instrumento, em seu nome e lugar, autoriza o COOPERANTE a penhorar todo o resultado da multiplicação obtida na área objeto deste contrato como garantia a financiamento agrícola para o custeio da cultura, sem prejuízo das demais cláusulas deste contrato.

**DÉCIMA-TERCEIRA:** Se, para a execução deste contrato, o COOPERANTE vier a se utilizar de terceiros, quer como empregados, parceiros ou subempreiteiros, estes nenhum direito terão perante a PRODUTORA, principalmente aqueles derivados da Legislação Trabalhista, Previdenciária e de Acidentes de Trabalho.

**DÉCIMA- QUARTA:** O presente contrato não poderá ser transferido para terceiros sem prévia autorização escrita da PRODUTORA.

**DÉCIMA-QUINTA:** Tanto a PRODUTORA como o COOPERANTE concordam que não serão responsáveis por frustrações de safra, bem como os insucessos advindos de condições desfavoráveis de clima, incêndios ou outros fatores que estejam fora do controle das partes.

**DÉCIMA-SEXTA:** O presente contrato é celebrado para o ano agrícola de 1989/90.

**DÉCIMA-SÉTIMA:** Este contrato obriga as partes e seus herdeiros, sucessores ou adquirentes a qualquer título.

DÉCIMA-OITAVA: Para os efeitos legais, as partes atribuem a este contrato o valor de 1.260 (Hum mil, duzentos e sessenta) Bônus do Tesouro Nacional, fiscais.

DÉCIMA-NONA: Fica eleito o Foro da Comarca de Santa Cruz do Sul, no Estado do Rio Grande do Sul, para a solução das questões oriundas deste contrato, com expressa renúncia de qualquer outro, por mais privilegiado que seja. E, por estarem assim justos e contratados, assinam o presente em 03 (três) vias de igual teor e forma, na presença de 02 (duas) testemunhas.

Santa Cruz do Sul, 11 de agosto de 1989.

-----  
COOPERANTE

Insc. Est.:

CPF:

TESTEMUNHAS:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

LTDA.

PIONEER SEMENTES

\_\_\_\_\_  
Procurador

PRODUTORA.

**ANEXO 3****ROTEIRO UTILIZADO NA  
ENTREVISTA COM O GERENTE DE PRODUÇÃO**

1. Quais os produtos (sementes) que estão sendo produzidos no Brasil? Aonde?
2. Quais são as unidades de pesquisa e de beneficiamento da empresa no Brasil.
3. Quais são o número de produtores por região e estado.
4. Qual a produção de cada região?
5. Quais e quantos são as variedades de milho para semente produzidas?
6. Por que a empresa reduziu o número de produtos? Quais foram os critérios de seleção da empresa?
7. O que mudou na relação empresa x produtor rural?
8. Como e quando é calculado o preço a ser pago pela semente do milho?
9. Qual a média de produtividade dos produtores?
10. Em que lugar se encontra a Pioneer entre as empresas produtoras de milho híbrido? Em produção e comercialização.
11. Aonde é feita a comercialização?
12. Quais são os novos projetos (produtos) da empresa no Brasil.

**ANEXO 4****ROTEIRO UTILIZADO NA ENTREVISTA COM O GERENTE GERAL**

1. Qual a situação da filial da empresa no Brasil em relação as demais filiais, em termos de produtividade, em volume de produção?
2. Quais são as prioridades da empresa a nível internacional?
3. Quais são as prioridades da empresa a nível no Brasil?
4. O que é importado e exportado pela empresa?
5. Porque a empresa, que é a maior produtora de milho para sementes a nível mundial, não investe em marketing nos grandes veículos de comunicação, como a Agroceres e a Corgil?
6. Qual o índice de produtividade que a empresa vem conseguindo atingir no Brasil?
7. Qual é a sua opinião sobre a chamada " lei de patenteamento"?
8. Porque a empresa não atua no Norte/nordeste do Brasil?
9. Os custos não aumentam com a produção tão longe da usina de beneficiamento?
10. Qual a sua opinião sobre a agricultura brasileira?

## ANEXO 5

**ROTEIRO UTILIZADO NA ENTREVISTA COM OS PRODUTORES  
FAMILIARES QUE NÃO PRODUZEM MAIS MILHO**

## 1. Dados de identificação

Nome:            Idade:            Estado Civil:

Número das pessoas da família com idade e profissão.

Proprietário:            hectares Arrendatário:            hectares

Arrenda terra para terceiros?            Quanto?

2. Quantos anos plantou/ planta para Pioneer?
3. O que plantou/ planta na última safra. No caso de plantar - nº hectares
4. Quando parou e porque parou?
5.
  - a. O que está produzindo e ou criando.
  - b. Quantidade de que produz ou cria.
  - c. Qual a remuneração recebida.
6. Colocação dos produtos produzidos.
7. Financiamento da produção.
8. Possui empregado?
9. Que maquinários possui?
10. Em relação à época que produzia para Pioneer a situação melhorou ou piorou?  
Por que?
11. Recebeu proposta para investir em irrigação por parte da Pioneer. Porque não investiu?
12. O que gostaria de produzir, que não produz? Por que?
13. Qual sua opinião sobre a política agrícola brasileira.
14. Que avaliação faz da época que produziu para Pioneer.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 Álbum do Centenário de Santa Cruz do Sul, AMRIGS, Porto Alegre, Gráfica e Editora Ltda, 1978.
- 2 AMIM, Samir & KOSTAS, Vergapoulos. A Questão Agrária e o Capitalismo. Rio de Janeiro, Paz Eterna, 1977.
- 3 BARROS, Eliane C. & LANDO, Aldair M. A Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Ed. Movimento, 1976.
- 4 BRUMER, Anita. A Pequena Produção Agrícola: Conceitos e tendências, (mimeogr), UFRGS, Porto Alegre, 1987.
- 5 CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de et alli. Santa Cruz do Sul; estudo do caso: dinâmica populacional, transformações sócio - econômicas, atuação das instituições. São Paulo, CEBRAP/Pesquisa Nacional sobre Reprodução Humana, 1980.
- 6 CÂNDIDO, Antônio. Os Parceiros do Rio Bonito. 2 ed. São Paulo, Duas Cidades, 1971.
- 7 CARDOSO, Fernando H. Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional. O Negro na Sociedade Escravocrata do RS. São Paulo, Duas Cidades, 1971.
- 8 CASTRO, Antônio Barros de. Sete Ensaios sobre a Economia Brasileira. São Paulo, Forense, V.I, 1969; V.II, 1971.
- 9 CUNHAL, Álvaro. A Questão Agrária em Portugal. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- 10 DUARTE, João C. & QUEDA, Oriowaldo. Agricultura e Acumulação. In: Rev. Debate & Crítica. São Paulo, n.2 jan. - jun. 1974. - Ensaio FEE, Ano 13, n.2. Porto Alegre, 1992.
- 11 ETGES, Virgínia E. Sujeição e resistência: Os camponeses gaúchos e a indústria do fumo. Santa Cruz do Sul, Livraria e Editora da FISC, 1991.
- 12 FERNANDES, Florestan. Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada. 3 ed. São Paulo, Pioneira, 1976.
- 13 \_\_\_\_\_, Fundamentos empíricos da explicação sociológica. 3 ed. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1968.
- 14 FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil. 8 ed. São Paulo, Nacional, 1968.

- 15 Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1984.
- 16 GUIMARÃES, Alberto p. Quatro Séculos de Latifúndio. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968.
- 17 HOLANDA, Francisco A. B. de. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo. Nova Fronteira, 1ª edição, 10ª impressão.
- 18 HUNSCHE, Carlos H. O Biênio 1824/25 da imigração e colonização no RS. Porto Alegre, A Nação/ Instituto Estadual do Livro, 1975.
- 19 IANNI, Octávio. Origens Agrárias do Estado Brasileiro. São Paulo, Brasiliense, 1974
- 20 JOLLIVET, Marcel. O Lugar dos Camponenses na estrutura de classes: algumas reflexões gerais a partir de um caso particular. In Revista Raízes, Ano I, Nº 1, pg. 5 a 24, Campina Grande. Ed. Universitária, 1982.
- 21 KAUTSKY, Karl. A Questão Agrária. Rio de Janeiro, Laemmert, 1968.
- 22 KOSIK, Kapel. A Dialética do Concreto. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- 23 LAMARCHE, Huges (coord.). A Agricultura Familiar: Corporação Internacional. Campinas, Editora da UNICAMP, 1993.
- 24 LENINE, V. Obras Escolhidas. Moscú, Progresso, 1969.
- 25 LÊNIN, V.I. "O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia" apud MONTALI, Lília T. Do Núcleo Colonial ao Capitalismo Monopolista: produção de fumo em Santa Cruz do Sul. São Paulo, do Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Ciências Humanas, curso de Pós Graduação em Ciências Sociais da USP, 1979. diss. Mestr. Sociologia.
- 26 LIEDKE, Élide R. Capitalismo e Camponeses. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 1977.
- 27 LOUREIRO, Maria Rita Garcia. Parceria e Capitalismo. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- 28 LUXEMBURG, Rosa. A Acumulação do Capital. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.
- 29 MARTINS, José de Souza. Capitalismo e Tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. São Paulo, Pioneira, 1975.
- 30 \_\_\_\_\_, Os Camponeses e a Política no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1981.

- 31 MARX, Karl. O Capitalismo: crítica da Economia Política. Livro I e III. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- 32 \_\_\_\_\_, Formações Econômicas pré - capitalistas. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.
- 33 MELLO, Maria Conceição D'Icao e. O Bóia-Fria; acumulação e miséria. 6 ed. Petrópolis, Vozes, 1978.
- 34 MENDRAS, Henry. Sociedades Camponesas. Rio de Janeiro, Zohar, 1978.
- 35 MONTALI, Lilia T. Do Núcleo Colonial ao Capitalismo Monopolista: Produção de Fumo em Santa Cruz do Sul. Dissertação de Mestrado de Sociologia. Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da USP, São Paulo, 1979.
- 36 MOONEY, Pot Roy. O Escândalo das Sementes: o domínio da produção de alimentos. São Paulo, Nobel, 1987.
- 37 MULHALL, Michael G. O Rio Grande do Sul e suas colônias alemãs. Ed. Bels S.A., Porto Alegre, 1974.
- 38 OBERACHER, Carlos H. & SCHAEFFER, Jorge Antonio Von. Criador da Primeira Corrente Emigratória Alemã para o Brasil. Porto Alegre. Ed. Metrópole/ Instituto Estadual do Livro, 1975.
- 39 OLIVEIRA, Francisco de. A Economia Brasileira: crítica à razão dualista. In Estudo Cebrap. São Paulo, n.2, outubro, 1972, p. 3/82.
- 40 PATERNIANI, Ernesto (coordenador) Melhoramento e produção do milho no Brasil, Piracicaba/ ESALQ, Marprint, 1978.
- 41 PARCEVAL, Louis. Com os camponeses - para uma agricultura moderna. Lisboa, Prelo, 1973.
- 42 PEREIRA, Luiz. Ensaio de Sociologia do Desenvolvimento. São Paulo. Zohar Editores, 1970.
- 43 \_\_\_\_\_, Estudos sobre o Brasil Contemporâneo. São Paulo, Pioneira., 1971.
- 44 PINSKY, Jaime. org. Capital e Trabalho no Campo. São Paulo, Hucitec, 1977.
- 45 PORTO, Aurélio apud BARROS, Eliane C & LANDO, Aldair M. A Colonização Alemã no RS. Porto Alegre, Movimento, 1976.
- 46 PRADO, Jr. Caio. A Revolução Brasileira. 4 ed. São Paulo, Brasiliense, 1972.
- 47 \_\_\_\_\_, A Questão Agrária. São Paulo, Brasiliense, 1979.

- 48 QUEIROZ, M.I. Pereira de. O Campesinato Brasileiro. São Paulo, Vozes, 1973.
- 49 RIZZI, Aldair T. & LIBARDI, Diócles. Capital Industrial e a Pequena produção integrada: o complexo avícola no Sudoeste Paranaense, mimeo, 1989.
- 50 ROCHE, Jean. A Colonização alemã no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Globo, 1969, tomo I e II.
- 51 ROUX, Bernard. Etat, agriculture familiale et modernité. Le developpement de l'horticulture intensive dans les regions littorales du sud de l'Espagne, Campinas, mimeo, 1993.
- 52 SANDRONI, p. Questão Agrária e Campesinato. São Paulo, Polis, 1980.
- 53 SANTOS, José Vicente Tavares dos. Colonos do Vinho: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital. São Paulo, Hucitec, 1978.
- 54 \_\_\_\_\_, A Vivência camponesa da insuficiência econômico - social. In: Rev. Debate & Crítica. São Paulo, n.6, jul, 1975 p. 171 - 6.
- 55 SARTRE, Jean-Paul. Questão de Método. 2 ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967.
- 56 SCHRADER, Achim. Introdução à Pesquisa Social Empírica. 2ª edição, Porto Alegre, Globo, 1978.
- 57 SILVA, J.F. Graziano da. org. Estrutura Agrária e Produção de subsistência na agricultura brasileira. São Paulo, Hucitec, 1978.
- 58 \_\_\_\_\_, A Modernização Dolorosa. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- 59 SILVA, J. Graziano & KAGEYAMA, A.A. A Produção Camponesa e o Desenvolvimento recente do capitalismo no Brasil. mimeo, 1988.
- 60 SINGER, Paul. Desenvolvimento econômico e evolução urbana. São Paulo, Nacional/EDUSP, 1968.
- 61 SORJ, Bernardo. Estado e Classes Sociais na agricultura Brasileira. Rio, Zahar, 1980.
- 62 SZMRECSANY, Tamás & QUEDA, Orivaldo (org.) Vida Rural e Mudança Social. São Paulo, Difel, 1976.
- 63 THIOLENT. Michael. Crítica Metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo, Pólos, 1980.

- 64 VELHO, Otávio Guilherme. Capitalismo autoritário e campesinato. São Paulo, Difel, 1976.
- 65 WANDERLEY, N. "O Camponês: um trabalho para o capital". mimeo, 1979.
- 66 WILLEMS, E. A acumulação dos Alemães no Brasil. São Paulo, Ed. Nacional, 1946.
- 67 ZENTENO, R Benitez (Coord) et alli. As Classes Sociais na América Latina. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- 68 JORNAL - GAZETA DO SUL - Santa Cruz do Sul, 15 de Janeiro de 1993.